

JUEBERTON ENIL MAGALHÃES DA SILVA

**A DIMENSÃO HUMANO-AFETIVA NO PROCESSO DE
FORMAÇÃO DE PRESBÍTEROS E DOS PRESBÍTEROS
ORDENADOS**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Teologia da
Faculdade Católica de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Bacharel
em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Vilmar
Adelino Vicente

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada com o auxílio da
Biblioteca Dom Afonso Niehues da FACASC

SILVA, Jueberton Enil Magalhães da

A dimensão humano-afetiva no processo de formação de presbíteros e dos presbíteros ordenados. / Jueberton Enil Magalhães da Silva; orientador, Vilmar Adelino Vicente – Florianópolis, SC, 2019.

131 p.

Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Católica de Santa Catarina. Curso Superior de Teologia.

Inclui referências:

1. Afetividade. 2. Espiritualidade. 3. Sexualidade.

Jueberton Enil Magalhães da Silva

**A DIMENSÃO HUMANO-AFETIVA NO PROCESSO DE
FORMAÇÃO DE PRESBITEROS E DOS PRESBITEROS
ORDENADOS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 19 de agosto de 2019.

Prof. Dr. Pe. Rafael Aléx Lima da Silva
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Pe. Vilmar Adelino Vicente
Faculdade Católica de Santa Catarina
Orientador

Prof. Me. Edimar Fernando Moreira
Nome da instituição proveniente
Avaliador

Prof.^a Dra. Marta Magda Antunes Machado.
Universidade Federal de Santa Catarina
Avaliadora

Este trabalho é dedicado à minha vó materna Edith Magalhães Antunes (*in memoriam*). Primeira incentivadora que me ensinou a trilhar os caminhos do Senhor e da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que foi, antes de tudo, o grande possibilitador de minha existência e conquista; sem Ele eu não poderia ter feito e a Virgem Maria, que sempre me auxiliou com o seu amor maternal.

Ao Instituto Missionário Coração Imaculado de Maria que me acolheu e acreditou em mim; aos meus formadores, pela presença atuante e amiga em minha formação religiosa e presbiteral, sobretudo Pe. Melquisedec de Almeida, reitor, por ter acolhido minha humanidade, sem mensurar a imensa paciência e fraternidade prestada ao longo desses últimos anos formativos.

Aos meus pais, Armindo José da Silva Filho e Carla Regina Magalhães Antunes e ao meu irmão Wilverthon Sergio.

Às pessoas que rezaram por mim e pela minha vocação, em especial as minhas madrinhas vocacionais. Quero destacar Rosa Texeira, minha grande amiga, que em tudo me concedeu forças para que eu chegasse até aqui, a ela, eternamente, meu amor e carinho.

A todos que fazem parte da minha vida e da minha história; ao padre Jeferson Francisco pela amizade e compreensão que vem demonstrado desde que cheguei a minha comunidade teológica.

Aos professores que me incentivaram e me ensinaram a ter gosto pelo saber; especial, ao meu orientador pela disponibilidade e paciência durante a construção deste; mas quero salientar meu imenso reconhecimento e afeto a minha co-orientadora Maria Teresinha Marcon, pelo seu carinho, compreensão e acima tudo a sua partilha durante essa árdua caminhada. À bibliotecária Adriana Tomaz pela sua ternura, compreensão e amizade.

À minha comunidade seminarística pela importante presença em minha vida, sobretudo a comunidade teológica.

Enfim, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização e divulgação deste trabalho, meu muito obrigado.

Eu vos exorto, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, a oferecerdes os vossos corpos em sacrifício vivo, santo, agradável a Deus: este é o vosso culto espiritual.

(Rm 12,1)

RESUMO

Diante das transformações sociais e religiosas que ocorre na sociedade atual, ocorre também mudanças no perfil dos vocacionados e presbíteros que estão a desafiar a equipe formativa a ter um olhar mais profundo sobre essas mudanças. Essa complexa realidade nos obriga a novos olhares e a explorar novos recursos que devem ser assimilados pelos seminários e casas de formação, que não estão isentas das mudanças nas estruturas institucionais. A partir deste contexto, nosso trabalho procura analisar a dimensão humano-afetiva na formação inicial e permanente presbiteral. Para atender a esse objetivo geral buscamos: a) compreender o conceito de pessoa; b) relacionar o processo de formação humano-afetiva com as outras dimensões da formação presbiteral; c) analisar a questão da sexualidade e da afetividade no contexto da formação presbiteral a partir de uma antropologia cristã; d) iluminar a contribuição da espiritualidade presbiteral na maturação humano-afetiva. Estudamos um caminho formativo que concede um melhor aprofundamento sobre a dimensão humano-afetiva, onde os responsáveis estejam mais preparados para enfrentar os questionamentos, as dúvidas, as diferentes situações que podem estar presentes no dia a dia de um vocacionado e de um presbítero ordenado. O procedimento metodológico seguiu as orientações da pesquisa exploratória, que envolveu: a) levantamento bibliográfico e em documentos eclesiais acerca da temática; b) entrevistas realizadas a partir do preenchimento de um questionário *on line*, com perguntas abertas a serem respondidas por formadores, presbíteros e seminaristas. Assim, o trabalho foi estruturado em três capítulos: no primeiro, analisamos as dimensões enfocadas no processo de formação presbiteral; no segundo, aprofundamos a análise sobre a dimensão humano-afetiva do presbítero: afetividade e sexualidade; e no terceiro, nossa análise ressalta a relevância da sexualidade e da espiritualidade na vida presbiteral.

Palavras-chave: Dimensão Humano-Afetiva. Afetividade. Sexualidade. Espiritualidade. Formação Inicial e Permanente.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1 Cor – 1ª Coríntios

1Pd – 1ª Pedro

1Tm – 1ª Timóteo

Ap – Apocalipse de São João

Cl - Colossenses

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

DAP – Documento de Aparecida

Ef - Efésios

EG – *Evangelii Gaudium*

Fl – Filipenses

Gl – Gálatas

GS – Gaudium et Spes

Jo – Evangelho segundo João

Lc – Evangelho segundo Lucas

LG – *Lumen Gentium*

LS – Laudato Si'

PDV – *Pastores Dabo Vobis*

PO – Presbyterorum Ordinis

SC – *Sacramentum Caritatis*

SL – Salmos

VC – *Vita Consecrata*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 AS DIMENSÕES ENFOCADAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO PRESBITERAL	21
1.1 CONCEITO DE PESSOA	21
1.2 AS DIMENSÕES FORMATIVAS	23
1.2.1 Dimensão Humana-Afetiva	24
1.2.2 Dimensão Comunitária	24
1.2.3 Dimensão Espiritual	25
1.2.4 Dimensão Pastoral-Missionária	27
1.2.5 Dimensão Intelectual	28
1.3 A DIMENSÃO HUMANO-AFETIVA	29
1.3.1 Esfera psicológica-intrapsíquica	30
1.3.2 Esfera relacional ou interpessoal	32
1.3.3 Esfera do prazer	33
1.3.4 Esfera amorosa	34
1.3.5 Esfera corporal e da sexualidade	36
1.3.6 Esfera espiritual	38
1.3.7 A esfera sociocultural	41
2 A DIMENSÃO HUMANO-AFETIVA DO PRESBÍTERO: AFETIVIDADE E SEXUALIDADE	45
2.1 A SOCIEDADE EM MUTAÇÃO	45
2.1.2. As mudanças profundas	46
2.1.3. As transformações: Sexuais, psicológica, sociais, morais e eclesiais	49
2.2 O SER HUMANO: UM SER MULTIDIMENSIONAL	59
2.2.1 Desenvolvimento do homem multidimensional no exercício religioso	61
2.3 HÉTeros E HOMOSSEXUAIS NO PRESBITÉRIO	63
2.3.1 O que é homossexualidade?	63
2.3.2 Tipos de homossexualidade	65
2.3.3 Homossexualidade e heterossexualidade	66
2.3.4 Distinguir a homossexualidade das patologias sexuais	67
2.3.5 Conhecer a situação do vocacionado homossexual	69
2.3.6 O Magistério sobre a homossexualidade	72
2.3.7 A face humana e divina da homossexualidade	78
3 A SEXUALIDADE E A ESPIRITUALIDADE NA VIDA PRESBITERAL	82
3.1 SEXUALIDADE E ESPIRITUALIDADE DIMENSÕES COMPLEMENTARES	82

3.1.1 Exigências de nosso tempo na formação inicial e permanente	84
3.1.2 Fraternidade Sacerdotal	86
3.1.3 O desafio da vida em comum	88
3.2 O DESAFIO FORMATIVO: SEXUALIDADE E ESPIRITUALIDADE NA VIDA PRESBITERAL	92
3.2.1 A afetividade/sexualidade	92
3.2.2 Os quatro amores do Presbítero	98
3.3 A FORMAÇÃO PERMANENTE ENVOLVENDO A DIMENSÃO HUMANO-AFETIVA	106
3.3.1 Rumo a uma cultura da formação permanente	107
3.3.2 Necessidades no tocante às idades	112
3.3.3 A Virgem Maria na formação presbiteral	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
REFERÊNCIAS	124
ANEXO A – Entrevistas	130

INTRODUÇÃO

O homem busca no seu desenvolvimento humano a harmonia e o entendimento entre a razão e a emoção. Essa busca é contínua e vai ocorrer ao longo de sua vida em seu processo de maturação que será reflexo das condições de diálogo, de abertura e de ensinamentos proporcionados pela família, escola e Igreja. Há que reconhecer que o contexto social e cultural tem grande influência na maturação humana. A afetividade e a sexualidade estão presentes na dimensão humano-afetiva, muito significativa para a pessoa humana, razão pela qual precisam ser mais debatidas na pastoral vocacional e na formação das pessoas, de modo particular na vida consagrada e no processo formativo dos ministérios ordenados.

Diante da importância dessa dimensão causa preocupação como, em muitos lugares e por parte de alguns formadores e animadores vocacionais, a mesma é tratada de forma superficial ou até mesmo desconsiderada. É urgente que, formadores e superiores saibam lidar com esta questão, uma vez que os problemas afetivos e sexuais, cada vez mais frequentes, devam ser enfocados com clareza, respeito, competência e com naturalidade.

Esta necessidade faz-se presente, porque o candidato ao presbitério ou o presbítero ordenado são seres humanos com afetividade e sexualidade, realidades distintas, que estão interligadas pela razão e pela emoção. A literatura contemporânea está recheada de reflexões que demonstram a importância e necessidade do equilíbrio emocional para o exercício do ministério. De outro lado, as estatísticas e ponderações de especialistas estão a demonstrar que neste campo reside a causa dos escândalos e problemas ministeriais.

Reconhecemos como importantes todas as dimensões formativas, mas aprofundaremos, como nosso recorte de estudo, a dimensão humano-afetiva no processo de formação de presbíteros, e, também dos presbíteros ordenados, que por sua complexidade exige, dos formadores um conhecimento profundo, não periférico e não superficial em relação a afetividade e a sexualidade humana.

Este trabalho monográfico se propõe responder as seguintes questões: Como está sendo trabalhada a dimensão humano-afetiva no processo de formação presbiteral e do presbítero ordenado? Essa não seria uma causa incidente nas pessoas inconsistentes no exercício do ministério sacerdotal?

Para tanto, frente a esta problemática procuramos analisar a dimensão humano-afetiva no processo de formação presbiteral. Para

atender a esse objetivo geral buscamos: a) compreender o conceito de pessoa; b) relacionar o processo de formação humano-afetiva com as outras dimensões da formação presbiteral; c) analisar a questão da sexualidade e da afetividade no contexto da formação presbiteral a partir de uma antropologia cristã; d) iluminar a contribuição da espiritualidade presbiteral na maturação humano-afetiva.

Com vistas a alcançar o resultado proposto, levantamos as seguintes hipóteses de pesquisa: a) no tempo presente, a dimensão humano-afetiva dos vocacionados não é trabalhada de forma aprofundada nas Casas de Formação; b) há um empobrecimento na formação permanente em relação a dimensão humano-afetiva.

Como forma de comprovar ou descartar as referidas hipóteses, estruturamos os resultados do presente trabalho em três capítulos.

No Capítulo 1, analisamos as dimensões enfocadas no processo de formação presbiteral, envolvendo: o conceito de pessoa (Subcapítulo 1.1); as dimensões formativas: humano-afetiva, comunitária, espiritual, pastoral-missionária e intelectual (Subcapítulo 1.2); e o aprofundamento da dimensão humano-afetiva na formação inicial e permanente (Subcapítulo 1.3).

No Capítulo 2, aprofundamos a análise sobre a dimensão humano-afetiva do presbítero: afetividade e sexualidade, envolvendo: a sociedade em mutação e as profundas transformações: sexuais, psicológicas, morais, sociais e eclesiais (Subcapítulo 2.1); o ser humano: um ser multidimensional (Subcapítulo 2.2); o desenvolvimento do homem multidimensional no exercício religioso (Subcapítulo 2.3).

No Capítulo 3, nossa análise ressalta a relevância e da sexualidade e espiritualidade na vida presbiteral, aprofundando aspectos da sexualidade e espiritualidade como dimensões complementares (Subcapítulo 3.1), o desafio formativo: sexualidade e espiritualidade na vida presbiteral (Subcapítulo 3.2); e a formação permanente envolvendo a dimensão humano-afetiva (Subcapítulo 3.3). Neste capítulo trabalhamos o resultado das entrevistas on line realizadas com formadores, presbíteros e seminaristas, para balizar nossas hipóteses de pesquisa.

O procedimento metodológico adotado seguiu as orientações da pesquisa exploratória, que envolveu: a) levantamento bibliográfico com apoio nos estudos realizados por inúmeros autores contemporâneos, entre os quais se destacam: Amadeo Cencini, Antonio Moser, José Lisboa Moreira de Oliveira, Marciano Vidal, José Antonio Trasferetti e documental com base nos decretos, exortações e constituições eclesiais acerca da temática; b) entrevistas realizadas a partir do

preenchimento de um questionário on line com perguntas abertas (ANEXO A). As perguntas abertas permitiram que o nosso entrevistado pudesse livremente explicar, descrever e opinar sobre seu questionamento, de forma mais ampla e pessoal. Foram encaminhados 25 questionários por e_ mails, para formadores; presbíteros e seminaristas, residentes em São Paulo/SP, Cuiabá (MT), Campo Mourão/PR, Aracaju/SE. Destes retornaram 21 questionários preenchidos por 03 formadores; 13 presbíteros e 5 seminaristas.

O presente trabalho será encerrado com as Considerações Finais, em que serão apresentados aspectos destacados da presente investigação.

1 AS DIMENSÕES ENFOCADAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO PRESBITERAL

Na Igreja existem vários modos de realizar o chamado vocacional e uma delas é a vida presbiteral e para exercer bem e com alegria este serviço é necessário consciência, liberdade, clareza e autoconhecimento sobre si mesmo. Por isso, a Igreja sabiamente concede aos candidatos a este ministério um processo de discernimento dentro das casas formativas. E neste capítulo de forma sintética e compreensiva demonstraremos o conceito de pessoa, as dimensões formativas e salientar a relevância da dimensão humanam-afetiva na formação de novos padres e dos que já se fazem no exercício do ministério.

1.1 CONCEITO DE PESSOA

O ser humano é constituído de um conjunto ontológico que é formado de corpo e de alma que se complementam, ambas nas suas realidades e especificidades. O homem não é somente uma redução de matéria, entre espaço e tempo, e tão pouco reduzido a uma função, pois tem alma, anseia pelo transcendente, pelo sagrado e pelo divino. Assim, o homem é envolvido por esse mistério. O ser pessoa é um conjunto do eterno e do natural que transparece em sua relação.¹

A compreensão de pessoa é um dado essencial para a antropologia cristã e sua origem conceitual é fundamentada em terreno teológico-cristão com intensas especulações a partir do século IV. Seu itinerário tem uma roupagem entre a filosofia e a teologia, entre a virtude humana e a criatura chamada a existência por Deus. O conceito de pessoa passa por uma evolução histórica que será demonstrada de forma sucinta a seguir.²

Na filosofia grega, especialmente a linha platônica, não teria conhecido uma concepção de pessoa, porque o conhecimento de ser pessoa estava vinculado a um espírito, realidade pertencente ao mundo do eterno. A compreensão era que o espírito era superior em relação a realidade sensível, particular e múltipla, resultando assim que o corpo para o ser humano seria um sinal de decadência e que essa fase material seria uma fase provisória e purificadora.³

¹ OLIVEIRA, Renato A. A dimensão teológico-cristã da pessoa humana. **Horizonte**, Belo Horizonte, v.14, n.42, p. 557-605, abr./jun. 2016. p.558.

² OLIVEIRA, 2016, p.559.

³ OLIVEIRA, 2016, p.560.

Com essa carência conceitual a antropologia grega utilizou outras categorias como essência (*ousía*), substância (*hypóstasis*) e natureza (*phýsis*). Interessante ressaltar que o termo *prósopon* (o olhar dirigido a) significava máscara que cobria o rosto de quem desempenhava um papel teatral e essa máscara caracterizava o personagem. Os estóicos concebiam os seres humanos como pessoa ou personagem que atuavam no teatro chamado mundo. O termo grego *prósopon* deu origem a uma palavra latina *persona*, que vem de *personare* (ressoar, soar através de). Vale salientar que os romanos⁴ utilizavam o termo pessoa no sentido jurídico, como sujeito legal, com direitos e deveres, em que o homem poderia ter diferentes *personae*, diversos papéis sociais e jurídicos.⁴

Na idade Média a conceituação sobre pessoa permaneceu no termo de subsistência, a incomunicabilidade, a independência, a unicidade e a irrepetibilidade, prevalecendo mais o lado substancial sobre o relacional. Gerando discussões que ressaltavam o aspecto conceitual que diferissem ontologicamente o ser humano de outros seres, a pessoa das pessoas divinas, dando pouca relevância sobre o ser pessoal do homem. Caindo em atos mais passivos e não em ações mais ativas, havendo uma carência na discussão no campo relacional e da dinamicidade, pois, a relação está na essência constituinte de Deus e as pessoas divinas são seres dinâmicos.⁵

Da modernidade à contemporaneidade essa realidade relacional como uma dimensão intrínseca do ser humano foi trabalhada por vários pensadores, que destacaram a relação interpessoal, que define o sujeito como um conjunto de relações sociais, mas não esquecendo suas particularidades, para que o mesmo não seja engolido pela coletividade. Cada pessoa tem um valor que é superior ao valor das coisas, das organizações e das comunidades. A pessoa encontra sua realização em sua relação com Deus, com o mundo, com os outros e consigo mesma. Nessa caminhada histórica do conceito de pessoa vale dizer que subsistência e relação caminham, lado a lado, para uma construção sólida da pessoa e, para clarificar este processo, a dimensão teológica auxilia na compreensão conceitual da pessoa humana.⁶

Este conceito no campo teológico em termos de conteúdo passou por uma transformação, não por anseios filosóficos de autocompreensão do ser humano, mas de uma melhor interpretação da imagem cristã de

⁴ LORDA, J. L. **Antropologia Teológica**. Pamplona: Universidade de Navarra, 2009 p.179.

⁵ OLIVEIRA, 2016, p.567.

⁶ OLIVEIRA, 2016, p.573.

Deus. Foi preciso esclarecer o sentido de natureza e de pessoa, que não só se restringia a uma terminologia, mas a uma questão metafísica. A compreensão do Deus cristão era de um ser divino, longe e incomunicável. Mas, o que caracteriza as pessoas divinas é a sua relação, comunicação e a suas particularidades. E essa relação não é um acréscimo feito a pessoa, mais é a pessoa em sua essência que deixa se conhecer, aberta à comunhão e à comunicação.⁷

A *Gaudium et Spes* (GS), na sua primeira parte, nos apresenta de forma bem suscita alguns aspectos referentes a antropologia cristã e a realidade da pessoa humana, sua finalidade e os desafios nos tempos presente. O documento deixa bem claro a realidade de pessoa como um ser em sua unidade, totalidade: corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontades. O concílio retoma a relação entre a cristologia e a antropologia que era intensa no tempo da patrística e que foi atenuada nos períodos da Idade Média e Idade Moderna. O fundamento da antropologia cristã é Cristo. O documento que nos dizer que a compreensão da identidade da pessoa tem como ponto de partida a definição bíblica do homem, como imagem de Deus (GS 12,3).⁸

Portanto, para se esclarecer a identidade da pessoa é necessário mergulhar no mistério de Cristo, a antropologia tem o seu destino na cristologia, e a cristologia é a visibilidade da antropologia. Temos uma vocação e esse chamado consiste em estar em comunhão com Deus, pois, o homem, se existe, é porque Deus o criou e isto tudo por amor. Este Amor que é o próprio Cristo que se revela homem ao próprio homem para que saiba qual é a sua verdadeira imagem.⁹

E para que o homem compreenda a sua pessoa é necessário se autoencontrar e se autodescobrir realizando um caminho árduo, mas fecundo através de um processo que possui várias dimensões humanas formativas.

1.2 AS DIMENSÕES FORMATIVAS

⁷ RATZINGER, Joseph. **Introdução ao Cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2005, p. 133-134.

⁸ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto *Gaudium et Spes*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2011. p. 540-541.

⁹ RATZINGER, Joseph. **Introdução ao Cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2005, p. 135-142.

A Igreja na formação presbiteral inicial e permanente, considera o crescimento integral da pessoa, em um progresso harmonioso e evolutivo. Na fase do seminário são trabalhadas cinco dimensões que formam o processo formativo correspondendo às exigências essenciais da identidade e missão do presbítero: formação humano-afetiva, comunitária, espiritual, pastoral-missionária e intelectual.¹⁰ Estas cinco dimensões da formação inicial procura conceder fundamentos sólidos e eficientes aos candidatos. Almejando um bom entendimento de cada dimensão da formação, apresentaremos, de forma concisa estes processos, seus pressupostos e sua abrangência na caminhada formativa.

1.2.1 Dimensão Humana-Afetiva

A **formação humano-afetiva** tem como objetivo possibilitar ao vocacionado um autoconhecimento equilibrado, criando laços saudáveis, consistentes e assim notando suas qualidades e debilidades. O trabalho desta formação quando bem realizado, concede ao candidato tomar decisões responsáveis e livres dentro do caminho vocacional realizado¹¹. Esta dimensão formativa procura lapidar a maturidade afetiva, concedendo uma educação afetiva-sexual centrada, na qual as realidades pessoais precisam ser conhecidas e trabalhadas, evitando ocultamentos e autojustificações inconsistentes, que será tratada no item 1.3.

1.2.2 Dimensão Comunitária

Com relação a **formação comunitária** resplandece a vida em comunhão, a experiência com outro que é vivida com mais intensidade nos seminários e depois estendida ao presbitério. Sempre tendo como modelo e sinal dessa unidade a comunhão do Pai, Filho, pelo Espírito Santo. A vida comunitária fomenta assumir a responsabilidade com o outro, o trabalho em equipe, sabendo dar e receber ajuda, o reconhecimento e a valorização do desempenho do irmão de caminhada. A vida comunitária permite ao vocacionado ser ao mundo um sinal de caridade, unidade e suscitar o espírito de fraternidade.

É necessário levar o formando a perceber que não basta estar imerso na comunidade ou no meio do povo. Mas, esta inserção deve ser

¹⁰ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil.**2ª. ed. São Paulo, 2013. (Documento 93) p. 21.

¹¹ CNBB, 2013, p.119-120.

absorvida internamente, provendo uma conversão do vocacionado a fim de que ele se torne verdadeiramente um sinal da Trindade. Um aspecto interessante na realidade comunitária é se sentir responsável pela evolução da comunidade, sabendo que cada um deve desempenhar sua responsabilidade em modelar este ambiente fraterno, obtendo um progresso na maturidade relacional.¹²

É indispensável confirmar que os candidatos sejam capazes de assumir as exigências da vida comunitária, o que implica diálogo, capacidade de serviço, humildade, valorização dos carismas alheios, disposição para se deixar interpelar pelos outros [...] Igreja necessita de sacerdotes e consagrados que nunca percam a consciência de serem discípulos em comunhão.¹³

O ser humano é um ser dinâmico que relaciona, vive, cresce e amadurece, por isso a relevância de ser uma permanência não só física e muito menos passiva, mas alegre, criativa, ativa e espiritual demonstrando o desejo de celebrar a vida juntos como família. A Comunidade é um dom de Deus. Não existe fecundidade na vida comunitária se não existirem corações orantes, se não existirem homens e mulheres de vida de oração. Podemos buscar os subsídios para falar de oração na própria vida de Jesus.¹⁴

1.2.3 Dimensão Espiritual

A **formação espiritual** promove ao candidato uma busca pela comunhão íntima e profunda com a Trindade, para que gere dentro do mesmo um vínculo mais intenso de perfeição e santidade. Essa realidade formativa deve provocar no vocacionado à procura de uma intimidade com o Senhor Jesus Cristo, que o chamou. Assim, gerando em seu

¹² CENCINI, Amadeu. **Vida Fraterna: comunhão de santos e pecadores**. Trad. Giuseppe Bertazzo. São Paulo: Paulinas, Coleção Perspectiva, 2003. p. 160.

¹³ DOCUMENTO DE APARECIDA. **Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. 9.ed. São Paulo, 2008. n.324.

¹⁴ CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTOLICAS. **A vida fraterna em comunidade**. São Paulo: Paulinas, 1994, n.15.

discípulo as virtudes humanas e cristãs necessárias para bem exercer o seu tríplice *mínus*: ensinar, santificar e cuidar do povo de Deus confiado. E os instrumentos para que isso se realize é a Palavra de Deus, a Eucaristia diária, a reconciliação e a crescente devoção a Virgem Maria e tantos outros meios espirituais.¹⁵

A experiência de um Deus, uno e trino, que é unidade e comunhão inseparável, permite-nos superar o egoísmo para nos encontrarmos plenamente no serviço ao outro. A experiência batismal é o ponto de início de toda espiritualidade cristã que se funda na trindade.¹⁶

Os elementos apresentados para uma fecunda caminhada espiritual do candidato e presbítero em sua missão, devem sempre o conduzir a um horizonte do cultivo de sua humanidade e de sua vida espiritual, aplicadas nas suas atividades diárias, na perseverança, no aprofundamento sincero de sua realidade e uma abertura a conversão de suas fragilidades, especialmente depois da sua ordenação presbiteral.¹⁷

Esse tríplice *mínus* (Palavra, Eucaristia, Serviço) será tanto mais bem exercido quanto mais vida íntima com Deus o presbítero alcançar; ou melhor, quanto mais decididamente ele percorrer as vias espirituais auxiliado pela graça, melhor será o serviço ao povo por meio da caridade pastoral.¹⁸

Conduzindo com seriedade a vida espiritual o candidato e o presbítero dão testemunho da sua fidelidade, sabedoria, acolhimento, paternidade, humildade e serviço na sua missão. Sendo um sinal fecundo nas comunidades cristãs, levando a um clima de amor o povo de Deus que inspira as almas à comunhão. Exercendo sua missão com mais fervor, com mais certeza, desprendida, uma forte autoestima e confiança no

¹⁵ CNBB, 2013, passim.

¹⁶ DAp, 2008, n.240.

¹⁷ CONGREGAÇÃO PARA CLERO. **O dom da vocação Presbiteral**: Ratio Fundamentalís Institutionis Sacerdotalis. Brasília: Edições CNBB, 2017. (Documento 32) p.87.

¹⁸ VIANA, Wellistony C. **Um longo e belo caminho: Um itinerário para seminaristas**. 2. ed. Brasília: CNBB, 2015. p. 127.

trabalho mesmo nas adversidades. Sinal do Bom Pastor que ama, cuida e que vai ao encontro de suas ovelhas.¹⁹

1.2.4 Dimensão Pastoral-Missionária

A **formação pastoral-missionária** compreende o movimento eclesial que existe dentro da Igreja e se refere a habilidade dos estudos teóricos com as realidades pastorais, tendo as experiências diversificadas de fé em comunidades com variadas realidades. A formação pastoral-missionária, tem como princípio unificar as outras dimensões formativas na aplicabilidade do ministério pastoral.²⁰

Segundo a *Pastores Dabo Vobis*, as experiências pastorais, discernidas e acompanhadas no processo de formação, são altamente relevantes para consolidar as verdadeiras motivações do candidato e presbítero. Esta formação ajuda-os a assumir mais fortemente o ministério como verdadeiro e sincero serviço, no qual seu ser e seu testemunho são realidades inseparáveis.²¹

O presbítero, à imagem do Bom Pastor, é chamado a ser homem de misericórdia e compaixão, próximo a seu povo e servidor de todos, particularmente dos que sofrem grandes necessidades. A caridade pastoral, fonte da espiritualidade sacerdotal, anima e unifica sua vida e ministério. Consciente de suas limitações, ele valoriza a pastoral orgânica e se insere com gosto em seu presbitério.²²

De acordo com o Documento de Aparecida o candidato e presbítero devem utilizar de suas faculdades para, observando a realidade eclesial, impulsionar as comunidades. Os mesmos devem ser este instrumento da Igreja na formação dos leigos e leigas, chamados a germinar a semente do Verbo por meio da pregação do Evangelho,

¹⁹ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto *Presbyterorum Ordinis*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2011. p. 512-513.

²⁰ CNBB, 2013, passim.

²¹ JOÃO PAULO PP. II. Exortação Apostólica Pós Sinodal sobre a formação dos sacerdotes '**Pastores Dabo Vobis**'. 7. Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, n° 322.

²² DAp, 2008, n.198.

conduzindo o povo de Deus ao exercício de sua vocação sacerdotal, profética e real.²³

1.2.5 Dimensão Intelectual

A **formação intelectual** tem um papel de conceder a unificação com as outras realidades formativas, proporcionando ao candidato condições para compreender a sociedade e os seus sistemas. Diante dessa realidade, há uma exigência de que o futuro presbítero e o presbítero sejam um homem preparado para dar razão de sua fé. Para isso, o candidato deve ser capacitado, em todas as etapas da vida acadêmica, para encontrar meios, fundamentos no verdadeiro conhecimento, a fim de que seja levado a uma compreensão adequada da realidade humana em que vive²⁴.

Diante de uma sociedade intensamente pluralista, relativa e crítica, principalmente na esfera religiosa, faz-se necessário que haja uma formação intelectual adequada, capaz de auxiliar o formando ou o presbítero a ser uma pessoa que dialogue com as diferentes visões, no âmbito científico e religioso, fornecendo fundamentos sólidos naquilo que é específico da fé cristã.²⁵ Acresce a isto que,

[...] o atual fenômeno do pluralismo, bem acentuado não só no âmbito da sociedade humana, mas também no da própria comunidade eclesial, requer uma particular atitude de discernimento crítico: é um ulterior motivo que demonstra a necessidade de uma formação intelectual, a mais séria possível.²⁶

Faz-se importante ressaltar que, o formador e formando, devem buscar, conjuntamente, o crescimento intelectual, cada um em seu processo, mas entrelaçando suas formações, experiências e sabedoria. Assim, ambos podem construir sua formação integral, contribuindo para

²³ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto Ad Gentes. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2011. p. 453.

²⁴ CNBB, 2013, passim.

²⁵ CONGREGAÇÃO PARA CLERO, 2017, p.89.

²⁶ PDV, 2007, n.51.

o crescimento e sendo testemunhos da Palavra na Igreja e no mundo, analisando os sinais dos tempos.²⁷

As cinco dimensões formativas devem estar imbuídas de unidade, uma vez que o ser humano é um ser complexo, para isso precisa ser auxiliado em áreas específicas que o aproximam de uma melhor compreensão de sua totalidade. Por sua vez, não podemos deixar de reconhecer um certo caráter de prioridade da dimensão humana-afetiva, quando se trata de estabelecer parâmetros de referência no processo de desenvolvimento da pessoa e, por conseguinte, no âmbito da maturidade psico-afetiva, pois tal aspecto, incide, diretamente, nas outras dimensões formativas.²⁸

1.3 A DIMENSÃO HUMANO-AFETIVA

A dimensão humana-afetiva é tão rica e tão profunda, que se expressa de variados modos e maneiras nos âmbitos de nossa vida. A pessoa humana é altamente atingida pela sua sexualidade, que deve ser considerada com muita atenção, pois, é um dos fatores que formam a vida do homem. É obtendo essa compreensão da afetividade e sexualidade no plano biológico, psicológico, social e espiritual que a maturidade integral do homem e da mulher será construída, alcançando toda a realidade formativa.²⁹

Segundo a *Pastoris Dabo Vobis* e as orientações da Congregação para a Educação Católica, a dimensão humano-afetiva deve possibilitar aos vocacionados uma maturidade afetiva, dando assim ao candidato as virtudes necessárias para não se distanciar da opção realizada. Somente através de uma profunda e efetiva experiência interpessoal, com pessoas de ambos os sexos, do mesmo modo com pessoas de várias faixas etárias e condições sociais, ganhará estabilidade psicológica e espiritual.³⁰

A maturação humano-afetiva do presbítero é uma exigência de seu próprio ministério e uma decorrência da caridade pastoral, que deve ser o

²⁷ CONGREGAÇÃO PARA CLERO, 2017, N.117.

²⁸ CNBB, 2013, passim.

²⁹ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Documentos publicados desde o Concílio Vaticano II até nossos (1965-2010)**. Brasília: Edições CNBB, 2011, p. 112.

³⁰ CNBB, 2013, p. 121-122.

fundamento da vida e a meta maior de formação inicial e permanente.³¹

Quando bem trabalhada a dimensão humano-afetiva produz no meio formativo e na vida presbiteral saudáveis relacionamentos e profícuas amizades. Isto possibilita ao presbítero e candidato viver sua sexualidade de modo equilibrado, conduzindo com mais leveza o compromisso do celibato.

É neste sentido, que esta dimensão deve ser compreendida e situada em um contexto mais amplo, como pode ser exemplificada em uma grande pizza que possui inúmeras fatias. Cada fatia corresponde a uma esfera, tais como: a esfera intrapsíquica, relacional ou interpessoal, prazer, amorosa, corporal e da sexualidade, espiritual e a sociocultural.

Somos um corpo e nessa matéria se entrelaçam várias esferas onde se concentram todas as nossas realidades, expressas em nossas atividades humanas, seja social, psicológica, cultural, religiosa e política. Sabendo que nosso corpo é a base de nossas relações procuramos explicar de forma sintética essas esferas que se encontram na dimensão humano-afetiva.

1.3.1 Esfera psicológica-intrapsíquica

O termo da psicologia sobre a esfera intrapsíquica refere-se a ideias ou pensamentos que ficam guardados na mente de um indivíduo. A realidade intrapsíquica possibilita a compreensão do ser humano principalmente na área da afetividade, que permite que a pessoa se firme como indivíduo e tenha uma identidade bem consolidada. Uma vida afetiva equilibrada é fundamental e decisiva para autoafirmação da pessoa e para sua saúde psicofísica. A esfera intrapsíquica deduz que o ser humano é corpo e alma, que obtém a sua singularidade, individualidade, interioridade e transcendência, mas tudo isso inserido dentro uma realidade social.

Esta esfera nos apresenta que a experiência humana vai concedendo a pessoa uma maturidade afetiva, superando os aspectos infantis com a caminhada. Aprender e saber lidar com sua afetividade de forma tranquila exige tempo e paciência, por isso, candidato e formador devem ter sempre em mente a palavra tempo e perseverança.³²

³¹ CNBB, 2013, p.118.

³² JESUS, Ana M. G.; OLIVEIRA, José L. M. **Teologia do prazer**. São Paulo: Paulus, 2014, p.36.

Através da dimensão psicológica se percebe melhor o processo de maturação da pessoa e da sua sexualidade. Desde há muito são conhecidas estas etapas: a uterina, a infantil, a da adolescência, a adulta e a da denominada terceira idade. Cada etapa apresenta características próprias, mas dificuldades específicas.³³

Existe dentro de nós uma memória afetiva que desempenha um trabalho de captação e codificação dessas informações trazidas de nossa história emocional. A partir desses dados adquiridos pelo formador e vocacionado deve-se fazer uma avaliação reflexiva, gerando, em ambos, uma compreensão tranquila sobre esses dados obtidos. Assim, a descoberta do valor da sexualidade como um componente inseparável do ser humano, e o reconhecimento dessa realidade, possibilita um melhor desenvolvimento das orientações formativas e pastorais de acordo com as exigências evangélicas e as circunstâncias concretas dos candidatos e presbíteros.³⁴

Este termo ‘maturidade psicológica’ inclui vários setores, para cada um dos quais se pode especificar um tipo característico de maturidade [...], da ciência genética e fisiológica para avaliar a maturidade física, conhecimento de psicologia para medir o grau de maturidade psico-afetiva; conhecimento das ciências sociais para avaliar a maturidade social e a da teologia para determinar a maturidade religiosa.³⁵

Por isso, o contributo da psicologia para a formação do candidato e presbítero favorece a compreensão dos atos comportamentais no processo formativo inicial e permanente. Esta esfera nos conduz uma clarificação de nossa identidade enquanto pessoa e vocação. Concedendo abertura a este processo vai se compreendendo as etapas da vida. Um instrumento integrador que possibilita um amadurecimento pessoal e se

³³MOSER, Antônio. **O enigma da esfinge: a sexualidade**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p.41-42.

³⁴JESUS; OLIVEIRA, 2014, p.38.

³⁵GIORDANI, Bruno. **Resposta do homem ao chamado de Deus: Estudo psicológico da Vocação**. São Paulo: Loyola, 1990, p. 73.

estendendo ao âmbito comunitário, proporcionando a capacidade de assumir responsabilmente suas atitudes, sempre havendo uma avaliação ética dos seus comportamentos.³⁶

1.3.2 Esfera relacional ou interpessoal

O ser humano é intensamente relacional, ele deseja se encontrar com outro, é um dos prazeres do ser humano. Um exemplo disso é o feminino e o masculino que demonstram que a humanidade é incompleta, onde ambos se auxiliam na realidade afetiva, sem relação com outro nos tornarmos fragmentados. A nossa afetividade é construída e desenvolvida na relação, no encontro com o outro, com alguém diferente de nós.³⁷

A sexualidade é uma estrutura antropológica privilegiada, na qual e mediante a qual o homem realiza a abertura em sua dupla dimensão de necessidade e oblatividade. A sexualidade é a grande força que nos impele a abrir-nos e a sair de nós mesmos; é a força centrífuga formidável que nos impulsiona para fora.³⁸

No campo da relação interpessoal a intimidade permite tratar o outro com carinho, respeitar a sua história, compreender o seu processo, entender que as pessoas são diferentes e que não chegam juntas ao mesmo tempo. É necessário zelar pela reciprocidade para que uma relação seja marcada pelo ânimo da gratuidade, pelo cultivo de relações consistentes e autênticas que tem se tornado urgente em nossa sociedade atual. Observamos que o individualismo e a solidão são marcas dos tempos atuais, estamos juntos, ficamos juntos, mas pouco nos comunicamos, e essa má comunicação forma pessoas desenraizadas e sem referenciais.³⁹

Um primeiro princípio na arte de cativar pessoas é aquele de dar importância ao outro. Toda pessoa quer ser acolhida e valorizada, mas poucos se preocupam em valorizar e acolher. Uma pessoa imatura busca sempre chamar atenção a si; ela

³⁶ MOSER, 2011, p.41.

³⁷ JESUS; OLIVEIRA, 2014, p.41.

³⁸ VIDAL, Marciano. **Ética da sexualidade**. São Paulo: Loyola, 2002, p.111.

³⁹ JESUS; OLIVEIRA, 2014, p.44.

precisa de confirmação externa para se sentir segura e bem consigo.⁴⁰

Essa esfera permite nos educar para uma ação que nos faz transcender o intimismo, o egoísmo e saindo do virtual para o real. Essa relação nos oportuniza a observarmos outras realidades e histórias que nos faz rever as nossas raízes. Urge em nossos tempos por relações interpessoais o escutar e ser escutado, de comunicar e de receber uma boa comunicação, possibilitando olhar para realidade interior e ouvir o seu mundo interior.⁴¹

Vale salientar que a relação interpessoal é um ato que nos concede prazer, que nos impulsiona a desbravar nossas emoções, a transitar com mais firmeza no campo dos sentimentos colocando dosagens equilibradas entre razão e emoção. O prazer concede ao sujeito a demonstração do seu valor pelo outro, pois esta esfera é concedida e alimentada pelo nosso Criador.

1.3.3 Esfera do prazer

O modo como entendemos e lidamos com o prazer está relacionado com a maneira que compreendemos o nosso campo afetivo que deve estar integrado com a nossa razão. Tempos remotos o entendimento do prazer foi obscurecido, visto como algo negativo e que nos afastava do princípio fundamental de sermos imagem e semelhança divina. Ainda carregamos esse pensamento pesado sobre o prazer que está intimamente ligado com a corporalidade. O prazer inebria as relações e impulsiona a entrar em comunhão com outro.⁴²

A sexualidade é antes de tudo uma energia que perpassa todo o humano, empurrando-o para fora de si mesmo e como que obrigando-o a estabelecer laços com os outros e com o mundo circunstante.⁴³

Por isso se faz necessário termos a consciência de que somos seres corporais, que a identidade pessoal e o corpo estão intrínsecos ao outro. O prazer é esta ação que nos leva a integração, a procura do outro. Precisamos perceber que a repressão do prazer só leva a pessoa a

⁴⁰ VIANA, 2015, p.116.

⁴¹ JESUS; OLIVEIRA, 2014, p.45-46.

⁴² JESUS; OLIVEIRA, 2014, p.48.

⁴³ MOSER, 2011, p.43.

substituição por elementos compensativos, nem sempre libertadores. Castrando o prazer se acende três realidades: a primeira, o enfraquecimento da sensibilidade e de humanidade, se criando um grande fariseu guiado pela lei do dever, empobrecendo a misericórdia e compaixão perante o outro; o segundo, desperta uma ação animalesca que o sujeito acredita controlar, revelando conflitos interiores que foram reprimidos e terceiro solidifica em atitudes de hipocrisia, moralismos e ambiguidades.⁴⁴

Somente o presbítero que ama é capaz de colocar o outro no centro e abnegar seus desejos e interesses egoístas. O homem psicologicamente maduro caminhou meia estrada rumo ao amor oblato, embora este não seja um simples resultado de uma vida psicologicamente integrada, mas uma virtude teologal infusa e desenvolvida por Deus a partir da abertura humana. Digo que é meia estrada andada porque ninguém consegue amar o outro se não preencher as próprias lacunas de amor em sua vida pessoal.⁴⁵

Não podemos esquecer que Deus também tem prazer, um prazer divino que transparece na sua criação. Este prazer divino nos conduz ao desejo pelo eterno, de permanecer em comunhão e de ver a vida como uma dádiva. A concretude desse prazer é que Deus se encarna e nos demonstra com o seu viver chorando, perdoadando, curando, advertindo, amando e celebrando. O prazer deve ser alimentado em Deus, que é nossa a fonte.⁴⁶ Na caminhada vamos percebendo que a manifestação desse prazer se revela com mais intensidade e clareza no amor. O encontro com o Amor-Deus pode suscitar sentimentos de alegria, gratidão, generosidade e alteridade.

1.3.4 Esfera amorosa

Uma afetividade bem trabalhada concede à pessoa um amor maduro capaz de produzir relacionamentos construtivos e doação aos outros. Uma vida afetiva desordenada procura compensações e

⁴⁴ JESUS; OLIVEIRA, 2014, p.50.

⁴⁵ VIANA, 2015, p.117.

⁴⁶ JESUS; OLIVEIRA, 2014, p.101.

realizações imediatas, sem o amor o nosso campo afetivo se reveste em procura do poder, vícios, desejos desequilibrados e de relações ocasionais, principalmente de relacionamentos apenas sexuais. O amor quando bem compreendido e lapidado nos distancia do narcisismo, egocentrismo, exibicionismo, agressividade e indiferença.⁴⁷

Se dizemos que o amor se constitui no critério máximo da ética sexual é 'oblativo', já excluímos o amor interesseiro, egoísta, descompromissado, volúvel. Em contraposição, acentuamos o compromisso, a vontade de assumir a pessoa do outro em sua totalidade e em todas as circunstâncias.⁴⁸

O amar é um ato que está na essência do ser humano, por isso devemos aprender a amar e este aprendizado permeia o campo da afetividade, pois, o amor ao outro é exigente. Exige de nós uma superação dos vícios afetivos que muitas vezes desfigura o amor autêntico. Por isso, há necessidade de os formadores trabalharem com os candidatos, nas casas de formação, a capacidade de controlar seus instintos e os seus impulsos, concedendo ao formando ser dono de si e não vítima de seus estímulos instintivos. Um amor equilibrado resguarda o outro na sua integridade, individualidade e permite a outra pessoa ser ela mesma e crescer na própria identidade.⁴⁹

É próprio da maturidade do amor abranger todas as potencialidades do homem e incluir, por assim dizer, o homem em sua totalidade [...], mas isso é um processo que permanece continuamente em caminho: o amor nunca está 'concluído' e completo; transforma-se ao longo da vida, amadurece e, por isso mesmo, permanece fiel a si próprio.⁵⁰

⁴⁷ CENCINI, Amedeo. **Por amor: liberdade e maturidade afetiva no celibato consagrado**. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 172.

⁴⁸ MOSER, 2011, p. 162

⁴⁹ MOSER, 2011, p.161.

⁵⁰ BENTO XVI. **Carta Encíclica Deus Caritas est**. São Paulo: Paulinas, 2006, p.24; DCE 17.

O amor em todos os seus âmbitos gera em nós o zelo pela vida do outro, a responsabilidade para com outro, a sensibilidade aos gritos e apelos dos que sofrem. Bem disse São Paulo VI devemos ser uma *Civilização do Amor*⁵¹ a humanidade quer entender e realizar seus reais e mais profundos desejos, já não suportam o engano, superficialidade e o vazio de sentido. E onde aprender amar? Quem prepara para o amor? O amor é fundamental e fonte para o ser humano. Nossa primeira vocação é amar, vivemos do amor, para o amor e nos eternizaremos no amor. Pois, Deus é amor, seu plano é que nos amemos, este é o sonho e o maior desejo da Trindade que vivamos mergulhados em seu amor.⁵²

Quem é maduro tem uma disposição altruísta que o leva a doar-se aos outros e goza de uma liberdade interior que lhe permite aceitar o que lhe é oferecido (especialmente em campo afetivo) e de usufruir disso serenamente e de maneira construtiva. O imaturo, pelo contrário, não logra nem abrir-se e doar-se aos outros, nem acolher as pessoas ou aceitar os seus 'dons'.⁵³

A pessoa que busca sua liberdade interior torna-se capaz de amar de maneira integral, expressa na forma biológica [carnal], psíquica e espiritual que se expressam em nossos atos vinculados ao corpo. O ser humano não é abstrato, o corpo é o ser humano. Cada um é o seu corpo, não há distinção entre espírito e corpo. O espírito está no corpo e o corpo está no espírito e o corpo é impulsionado pelo espírito. O corpo é a totalidade do ser pessoa. O cristianismo toma o corpo como instrumento do amor, auxílio de sua relação e por ele a salvação.⁵⁴

1.3.5 Esfera corporal e da sexualidade

Interessante ressaltar na dimensão corporal e sexual que o homem não tem um corpo, mais ele é o seu corpo. Os romanos têm uma frase bem relevante sobre a realidade do corpo na sua integralidade, eles

⁵¹ PAULO VI - Angelus - *Civilização Do Amor* - 17.05.1970.

⁵² CONTE, Hildo. *O Evangelho da sexualidade*. **Cadernos da ESTEF**. Porto Alegre, 1999/1, p. 100-101.

⁵³ GIORDANI, 1990, p.76.

⁵⁴ COMBLIN, José. (Org.) **Corporeidade e Teologia**. São Paulo: Paulinas, 2005, p.18.

diziam: *mens sana in corpore sano* (Mente sadia num corpo sadio), eles compreendiam que não havia disparidade com as outras esferas. Neste tempo, a valorização do corpo era bem intensa, a arte romana expressa toda importância dedicada à aparência corporal.⁵⁵

Esta é a primeira e mais importante perspectiva filosófica da sexualidade. O homem não apenas ‘tem’ algumas estruturas biológicas, psicológica, culturais de caráter sexual; ‘é’ um ser sexuado. O sexual se instala no nuclear humano; penetra na existência enquanto tal.⁵⁶

Porém, com o tempo a humanidade foi deixando de lado essa compreensão sobre o corpo. E o dualismo grego foi invadindo o Cristianismo que absorveu o pensamento grego filosófico que prezava pela alma e inferiorizava o corpo, vendo-o como uma prisão, sufocando a alma pelas paixões proporcionadas pelo corpo que levava ao mal. Dessa forma, esta ideia tomou corpo surgindo o maniqueísmo, uma doutrina herética que via o corpo e principalmente o campo sexual como algo pecaminoso. Aos poucos esse pensamento errôneo sobre o corpo e a sexualidade humana foi sendo superado, mas ainda sentimos a presença dessa concepção no campo teológico. Devemos ter em mente que o corpo e a sexualidade estão inerentes ao outro.⁵⁷

O fenômeno da ‘sexualidade’ dentro da realidade humana tem adquirido nos últimos anos uma valorização nova. Foi, sobretudo, a nova perspectiva em que é considerada que provocou esta mudança fundamental. A preocupação antropológica, que domina o pensamento e a cultura atuais, é que abre horizonte e delinea o contorno para a realidade da sexualidade [...], é preciso afirmar a complexidade do fenômeno e da realidade sexual. Mas toda essa complexidade resolve-se definitivamente numa unidade: a pessoa humana.⁵⁸

⁵⁵ MOSER, 2011, p. 50.

⁵⁶ VIDAL, 2002, p.108.

⁵⁷ JESUS, OLIVEIRA, 2014, p. 153.

⁵⁸ VIDAL, Marciano. **Moral do Amor e da Sexualidade**. São Paulo: Paulinas, 1978. p. 110.

Por outro lado, o avanço foi realizado sobre a compreensão do corpo e sua dimensão sexual, mas a sociedade capitalista e altamente neoliberal desintegrou o corpo e a sexualidade, forçando a concepção de que se pode comprar tudo, a satisfação e o prazer, reduzido somente ao ato sexual e aos desejos fugazes. O corpo colocado como objeto, como um instrumento para o prazer desmedido, desfigura sua realidade essencial à expressão de sua sexualidade. Quando entendemos a dimensão corporal e sexual o percurso se torna mais tranquilo para entender as outras esferas. É muito importante ressaltar que a sexualidade não se reduz a genitalidade, é o grande mal do nosso tempo esse reducionismo.⁵⁹

A sexualidade não se reduz ao âmbito dos impulsos genitais; a sexualidade não se define pela sua genitalidade, e muito menos pelo mero ato sexual. Todos os fenômenos genitais são sexuais, mas há uma grande quantidade de fenômenos sexuais que nada têm a ver com o genital.⁶⁰

Dentro de nossa formação inicial e permanente deve existir uma organização concreta de educação sexual, para melhor compreender o desenvolvimento do corpo e da sexualidade, estimulando uma atitude mais livre perante o campo sexual, compreendendo o sentido que esta esfera tem em nossas relações. Concedendo ao formando, formador e presbítero a descoberta de si mesmo e a necessidade de canalizar as suas energias sexuais, para que obtenham melhor empenho na missão realizada e assim conduzam-na com mais ânimo e serenidade.⁶¹

Para isso, o campo religioso e espiritual nos auxilia a compreendermos a essência da pessoa em sua totalidade. A espiritualidade é este instrumento que nos livra da superficialidade, nos faz mergulhar na verdade e na realidade tal como ela é. A vida espiritual nos leva a agir e ser sensíveis e atentos aos reais fatos das nossas dimensões. A experiência espiritual nos leva a vivermos segundo o Espírito de Cristo.

1.3.6 Esfera espiritual

⁵⁹ JESUS; OLIVEIRA, 2014, p. 57.

⁶⁰ VIDAL, 1978, p 111.

⁶¹ VIDAL, 2002, p 134-135.

A humanidade não é só exterioridade que manifesta o lado corporal, mas também não é só interioridade que é apresentação do lado psíquico interior. O ser humano vem dotado de profundidade que é o seu campo espiritual. O espírito, não é uma parcela do homem, é próprio de seu ser. Por isso, esse anseio pela experiência do transcendente, pela dimensão do profundo, pelo desejo de sentido de vida e por sinais, ritos, celebrações e relações, porque somos seres que procuramos a profundidade. Por isso a relevância do campo espiritual no mistério da vida, da realização e da vocação.⁶²

A espiritualidade é a motivação que impregna os projetos e os compromissos da vida, tanto os espetaculares como os comuns, tanto os importantes como os cotidianos e obscuros [...]. A espiritualidade cristã é a inspiração mística feita experiência de fé e seguimento de Jesus.⁶³

A esfera espiritual é o instrumento, o eixo estruturador de nossa caminhada que nos impele ao cultivo de nossa totalidade. Esta realidade concede ao ser humano os graus mais altos de percepção de ligar e religar todas as coisas. A espiritualidade não é somente pensar em Deus, mas ter uma experiência, uma relação, uma intimidade que nos impulsiona ao outro. É perceptível a pessoa que zela pelo seu lado espiritual, pois demonstra o entusiasmo pelo viver, sempre estruturando o sentindo do seu existir, criando unidade e vivendo a comunhão.⁶⁴

Não se pode separar a espiritualidade da vida, da realidade, do compromisso. As práticas de espiritualidade que aparecem à margem da vida e da realidade apresentam uma fé que não está encarnada na realidade, com seus desafios e compromissos, a qual deve ser uma das fontes que suscitam e alimentam a espiritualidade.⁶⁵

⁶² JESUS; OLIVEIRA, 2014, p. 69.

⁶³ MÜLLER, Ir. Maria S. Espiritualidade do seguimento. **Convergência**: revista da CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil), São Paulo, ano 30, n.286, p. 510, 1995.

⁶⁴ MOSER, 2011, p.116.

⁶⁵ MOSER, 2011, p.116.

A vida em Deus nos desprende de uma cultura intensamente racionalista e materialista que ocultou o cultivo da espiritualidade na vida das pessoas. O homem espiritual cresce quando se faz o exercício de disciplinar o homem carnal, através de estágios espirituais, que são momentos para o aprofundamento na vida com Deus, compreendendo que não é pelo esforço humano que adquirimos essa união e sim pela graça divina, por meio de uma sincera abertura.

A conversão é sempre uma ruptura, uma mudança de mentalidade: passamos a nos guiar pelos critérios da fé e do Evangelho e não pelos ‘do mundo e da carne’, fechamos em si mesmos. Uma mudança de prática e de atitude: passamos a atuar imitando a Cristo e não segundo o egoísmo, os ídolos e as paixões [...], A dimensão de morte e de abandono do ‘homem velho’ é uma exigência da espiritualidade.⁶⁶

A pessoa religiosa é conduzida pelo espírito a viver em comunidade, por isso a importância da liturgia que é o lugar do encontro, onde notamos que não caminhamos só. Na caminhada comunitária, Deus se desperta em profundidade, intensidade e melhoramos nossas relações baseadas no cultivo de nossa vida íntima com o Senhor. Em nossos tempos atuais já não são suficientes bons códigos morais, uma herança espiritual bem elaborada, ou uma ideologia para tornar possível o despertar para essa esfera, mas o testemunho deve estar carregado de veracidade, lutas diárias e transparência.⁶⁷

A atividade espiritual transforma muitas pessoas em seres mais integrados, profundos, tolerantes e abertos afetivamente ao relacionamento com o outro. Uma boa experiência espiritual deve ser acompanhada de exercícios de autoconhecimento [...]. Para o presbítero, a espiritualidade está intrínseca a sua missão, que não só precisa despertar essa dimensão, convidando-o a conhecer,

⁶⁶ MÜLLER, 1995, p.511.

⁶⁷ VIANA, 2015, p.125.

praticar e viver a fé, como dar testemunho ao povo de Deus.⁶⁸

“Despertem o mundo”, afirma Francisco⁶⁹ Para isso é necessário compreender a sociedade a qual vivemos, pois, o homem é o resultado do meio cultural em que é socializado. Somos herdeiros de um longo processo de acumulação de informações, conhecimentos e experiências. E a esfera sociocultural nos concede realizar uma análise do contexto atual e assim buscarmos contribuições para nosso meio.

1.3.7 A esfera sociocultural

O comportamento humano vem sofrendo mudanças drásticas, vivemos em um tempo onde tudo se transforma com extrema velocidade. Aquilo que parecia novo, em um curto espaço de tempo se torna ultrapassado. Estamos presenciando uma nova forma de sociedade: volátil, cibernética e insólita. O mundo globalizado, o neoliberalismo com as exigências do mercado, a invasão de valores que o poder econômico impõe como norma de vida, as redes sociais, o desafio da sustentação do poder político, criando um compromisso social com menosprezo pela ética e justiça, favorecendo a corrupção e os mais variados desvios de conduta humana, desmerecendo o bem comum.⁷⁰

⁶⁸ PEREIRA, William C. **Sofrimentos psíquicos dos Presbíteros**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p.169.

⁶⁹ Colocação oral do papa reproduzida e publicada originalmente em: SPADARO, Antonio. "Svegliare il mondo!": colloquio di Papa Francesco con i Superiori Generali. **La Civiltà Cattolica**, Roma, n. 3925, v. 1, p. 3-17, 4 maio 2014. Disponível em: <<https://www.laciviltacattolica.it/articolo/svegliate-il-mondo-colloquio-di-papa-francesco-con-i-superiori-generalis/>>. Acesso em: 16 abril 2019. Tradução e veiculação da notícia em português por: INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. "Despertem o mundo": íntegra do diálogo do Papa Francisco sobre a vida religiosa. Unisinos: São Leopoldo. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/170-noticias/noticias-2014/526970-qdespertem-o-mundoq-integra-do-dialogo-do-papa-francisco-sobre-a-vida-religiosa>>. Acesso em: 16 abril 2019.

⁷⁰ VIANA, 2015, p. 25.

Vivemos uma mudança de época, e seu nível mais profundo é o cultural. Dissolve-se a concepção integral do ser humano, sua relação com o mundo e com Deus; [...] Surge hoje, com grande força, uma sobrevalorização da subjetividade individual. [...] O individualismo enfraquece os vínculos comunitários e propõe uma radical transformação do tempo e do espaço, dando papel primordial à imaginação.⁷¹

Neste berço de tensões é que surgem os candidatos ao presbitério. Estamos imersos a uma etapa muito nova dentro da nossa história da sexualidade da cultura do Ocidente. Isso inclui aspectos de avanços positivos, mas também um reverso negativo. Constatamos que vivemos em um mundo altamente secularizado, o mundo se erotizou, se sexualizou. Surgem reações violentas sobre os valores humanos e tradições diante da sexualidade humana.⁷²

A sexualidade ganhou uma grande relevância e foi válido para a sociedade, mas perdeu em qualidade, uma vez que a sexualização do mundo atual é altamente comercial, lucrativa e instrumental. Uma sociedade que se tornou líquida e dissolveu os valores pessoais, e foi tomada pela onda da alienação, cujo maior instrumento desse alienamento foi a sexualidade. O erotismo é a isca de nosso corpo social para os seus fins múltiplos.⁷³

As relações sexuais e afetivas foram reduzidas às relações instintivas e prazerosas que visam ao lucro. O corpo e sua dimensão genital tornaram-se, sem dúvida, um dos instrumentos mais apelativos usados pelo sistema neoliberal de produção e consumo mais difundido. Exemplo disso são as propagandas televisivas que associam o consumo de cervejas a corpos ‘perfeitos’ de modelos.⁷⁴

A sexualidade precisa voltar novamente para o seu eixo para tanto precisamos configurar dimensões socioculturais. Mas, não podemos cair

⁷¹ DAp, 2007, p. 32-33.

⁷² VIDAL, 1978, p.198-199.

⁷³ MOSER, 2011, p. 86-87

⁷⁴ TONET, Diego L. Espiritualidade da Sexualidade. **Caminhando com o Itepa:** Instituto de Teologia e Pastoral, Passo Fundo, ano 27, n.108, p. 65, 2013.

em erros passados, com puritanismos e repressões ou em atitudes de erotização desnaturalizada, em que desaparece o mistério da pessoa e se recai pela “idolização” da sexualidade, caindo no abismo da manipulação como mais um produto de consumo. Para isso o Evangelho não pode deixar de ser luz na configuração cultural nos tempos atuais.⁷⁵

Por isso, é coerente falar de que a sexualidade se articula a partir de um corpo espiritual. Mas, isso só é possível quando a sexualidade é assumida e vivida de tal forma que o corpo se torne sacramento da presença reconhecida do outro. Quando essa experiência sexual for autêntica e consciente da dimensão espiritual da sexualidade/sexo, o outro é reconhecido com um ser humano, uma pessoa integral que revela em si a imagem de Deus.⁷⁶

Diante dessa riqueza que é a sexualidade humana podemos perceber que a dimensão humano-afetiva possui várias esferas que devem ser trabalhadas de forma harmoniosa, dentro do ser humano. A formação da consciência mediada pela fé e pela razão concede conhecer a verdade e o agir com liberdade. Assim, seguindo de forma livre e madura, tanto o vocacionado, quanto o presbítero, descobre as melhores soluções para os conflitos diante do momento em que se encontra.

Hoje, é preciso ser rápido, planejar a curto prazo, o que torna tudo inseguro, incerto e passível de mudanças. Estamos numa relação instável, seja ela profissional, amorosa ou de amizade, e na nossa cabeça vem a ideia de que estamos perdendo o foco na essência. Uma sociedade altamente inconstante, cada dia volúvel e desenraizada. Uma sociedade fragmentada e altamente subjetiva que se recai sobre a fragmentação pessoal, familiar e institucional.

⁷⁵ VIDAL, 2002, p. 99.

⁷⁶ TONET, 2013, p.77.

2 A DIMENSÃO HUMANO-AFETIVA DO PRESBÍTERO: AFETIVIDADE E SEXUALIDADE

Procurar compreender as dificuldades da área da afetividade e sexualidade exige de nós um olhar clínico sobre a nossa sociedade que vive intensamente em uma metamorfose. Essas transformações intensas atinge todos os campos da área humana. Quando se trata de vida humana nos deparamos com questões complexas e aí que a sexualidade se destaca. É importante compreendermos e analisarmos a maneira de ser, viver e conviver de cada realidade vocacional que surge em nosso ambiental eclesial, destacamos os homossexuais, que veem ao encontro da Igreja para o seu discernimento vocacional e o que fazer, como proceder e o que o Magistério nos orienta.

2.1 A SOCIEDADE EM MUTAÇÃO

Em nossos tempos, a humanidade tem realizado muitos avanços nas áreas tecnocientífica e biotecnológica, acompanhados pelo surgimento das máquinas inteligentes, digitais e virtuais. Paralelo a este progresso, o ser humano vive um momento caracterizado pelo relativismo e imediatismo. Isto tem provocado uma crise antropológica, colocando em cheque a identidade da pessoa humana em decorrência das transformações rápidas que está atingindo todo campo social, cultural, sexual e também na vida religiosa.⁷⁷

Como acontece em qualquer crise de crescimento, esta transformação traz consigo não pequenas dificuldades [...] nunca o gênero humano teve ao seu dispor tão grande abundância de riquezas, possibilidades e poderio econômico; e, no entanto, uma imensa parte dos habitantes da terra é atormentada pela fome e miséria.⁷⁸

Neste contexto, a sociedade está pautada pelo “agora” que promete satisfações imediatas e inferioriza os processos que devem ser realizados em longo prazo. A sociedade contemporânea caracteriza-se por uma realidade que se transforma de forma veloz, onde impera um combate entre o vazio e o excesso, entre o consumismo e a pobreza, entre a

⁷⁷ OLIVEIRA, 2016, p.592.

⁷⁸ CONCÍLIO VATICANO II, 2012, p. 543; GS n.4.

multidão e o individualismo, entre a uniformidade e a diversidade. E nessa trajetória a sociedade segue o seu fluxo com uma certa indiferença com relação a essas realidades, tão latentes, e não por falta de consciência e se sim, pela ausência da vontade de mudar a forma de vida que estamos levando, que é a origem de toda essa crise.⁷⁹

Nós não temos alternativa, portanto, exceto nos perguntarmos até que ponto a crise atual vai levar as transformações que ela ocasionou. Essa crise é econômica e financeira, se olharmos para o que a desencadeou. No entanto, é também política, institucional e, conseqüentemente, cultural, se avaliarmos seu impacto cotidiano.⁸⁰

É no seio dessa sociedade em mutação que vive o cristão e onde nascem as vocações. Daí a importância em compreender as aspirações do candidato ao presbitério, com seus conflitos, angústias, incertezas e esperanças. Deus chama os seus para que realize sua missão e que faça de seu chamado um sinal fecundo. Mas, para que seu discipulado seja desempenhado com alegria, realização e compreensão faz-se necessário entendermos as condições da humanidade hoje, uma vez que os cristãos não estão imunes às instabilidades ocorridas em nossa sociedade que atingem a realidade eclesial.⁸¹

2.1.2. As mudanças profundas

A transformação da sociedade atual caracterizada por mudanças intensas, cuja velocidade, imposta sobre os homens, não anda em comunhão com a biológica. Esta mudança causa um desordenamento social, com a produção de conflitos interiores, que se refletem no campo relacional, pois a vida do homem foi redimensionada as circunstâncias

⁷⁹ LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Trad. Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri, SP: Manoela, 2005, p. 12.

⁸⁰ BAUMAN, Zygmunt; MAURO, Ezio. **Babel: Entre a incerteza e a esperança**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2016, p.11.

⁸¹ DAp, 2008, n.192.

tecnicistas, com a degradação do sentido da vida, o aumento de sofrimentos psíquicos e o empobrecimento da convivência social.⁸²

Multiplica-se assim sem cessar as relações do homem com os seus semelhantes, ao mesmo tempo que a esta socialização introduz novas ligações, sem no entanto favorecer em todos os casos uma conveniente maturação das pessoas e relações verdadeiramente pessoais ('personalização').⁸³

O movimento da história segue um curso tão acelerado, que os indivíduos dificilmente conseguem assimilar e obter profundidade em relação a si, aos outros e ao mundo que os cerca. O homem caiu em um antropocentrismo tão grande que se colocou acima de todas as outras realidades fundantes, necessitando redescobrir o seu valor, seu espaço e a sua finalidade. O homem é livre e isso foi concedido pelo Criador, porém deve respeitar a existência de uma estrutura natural e moral na qual foi criado. A humanidade precisa voltar a sua atenção aos limites que devem ser considerados para um melhor desenvolvimento humano e social.⁸⁴

Um fator determinante dessas mudanças é a ciência e a tecnologia, com sua capacidade de manipular geneticamente a própria vida dos seres vivos, e com sua capacidade de criar uma rede de comunicações de alcance mundial, tanto pública como privada, para interagir em tempo real, ou seja, com simultaneidade, não obstante as distâncias geográficas. Como se costuma dizer, a história se acelerou e as próprias mudanças se tornaram vertiginosas, visto que se comunica com grande velocidade a todos os cantos do planeta.⁸⁵

A cultura da relativização coloca em perigo a dignidade humana gerando uma patologia cada dia mais evidente dentro de nossa sociedade. Os princípios não são estáveis, as pessoas estão cada vez mais fragmentadas, frustradas, ansiosas diante das exigências colocadas sobre

⁸² FRANCISCO. *LAUDATO SI'*: **Sobre o cuidado da casa comum**. São Paulo: Paulinas, 2015, p.93-94, n.112-113.

⁸³ CONCILIO VATICANO II, 2012, p.545, GS 6.

⁸⁴ FRANCISCO, 2015, p.95-96, LS 115-116.

⁸⁵ DAp, 2008, n.33.

os seus ombros e das angústias coletivas que tomam conta de nossas comunidades. A transformação de mentalidade e estrutura exige um repensar sobre as bases para o crescimento da sociedade, os valores tradicionais, as instituições, as leis e a maneira de pensar concedida de nossos ancestrais.⁸⁶ Uma vez que isto desafia a formação dos vocacionados nos seminários e os padres em suas paróquias, pois,

As Diretrizes para a Formação dos presbíteros da Igreja no Brasil apresentam diversas mudanças que afetam e desafiam a vida dos presbíteros. Há mudanças referentes ao uso do tempo, à comunicação, à economia, à realidade urbana, à ecológica. Há mudanças relativas à autoridade e ao poder, a aspectos vitais e afetivos, à prática religiosa etc. (DFPIB, 14-32). Tudo isso balança com a vida e o ministério dos presbíteros de hoje.⁸⁷

O ser humano, nesse contexto tão intenso, tenso e complexo, vem transformando suas bases fundamentais e os seus princípios. Estes estão sendo substituídos por alicerces que enfraquecem os fundamentos básicos da sociedade: o sentido unitário e comunitário, solidificados ao longo dos tempos. Esta realidade empobrece o sentimento de vivência comunitária e de solidariedade, trocando-o por um estilo de vida marcado por relações passageiras, pelo consumismo, pelo individualismo.⁸⁸

No entanto, devemos admitir que essa preciosa tradição começa a diluir-se. A maioria dos meios de comunicação de massa nos apresentam agora novas imagens, atrativas e cheias de fantasia [...]. Longe de preencher o vazio produzido em nossa consciência pela falta de um sentido unitário da vida, em muitas ocasiões a informação transmitida pelos meios só nos distrai.⁸⁹

Mesmo com o avanço tecnológico ainda o ser humano não consegue satisfazer o desejo de dignidade inscrito no mais profundo de

⁸⁶ FRANCISCO, 2015, p.98-100, LS 119-123.

⁸⁷ FELLER, Vitor G. **Ser padre hoje**. São Paulo: Ave-Maria, 2013, p.13-14.

⁸⁸ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio Janeiro: Zahar, 2001, p.10.

⁸⁹ DAp, 2008, n.38.

seu ser, pois convive com a ansiedade, a angústia e a solidão, e ao mesmo tempo, anseia pelo sentido de verdade, verdade essa que conduz a liberdade, a transformação de seu meio, que conduz ao discernimento claro e responsável.⁹⁰

Nosso tempo mergulhou na superficialidade das estruturas sociais advinda da ênfase exagerada à comunicação sem conteúdo, movida apenas pela aparência e pela forma de transmissão. A humanidade jamais crescera tanto nas formas de interagir e comunicar, seja conteúdos objetivos ou pensamentos e sentimentos do mundo subjetivo. A evolução tecnológica dos meios de comunicação deu vazão a todo tipo de exibicionismo e supervalorização do ego preocupado em sustentar continuamente uma imagem irreal de si mesmo que, de preferência, demonstre superioridade diante dos demais.⁹¹

Todo este processo de mutação da sociedade atual vem desafiando os nossos formadores e presbíteros a compreenderem a pluralidade de visões em todos os campos e a se posicionarem como pastor e formador diante dessas mudanças, que influenciam o nosso meio formativo e pastoral. E para que a nossa palavra ecoe com lucidez é necessário um aprofundamento dessas transformações que atingem todas as esferas do ser humano. E é nessa situação que o sacerdote e formador são chamados a dar uma resposta religiosa, ao seu vocacionado e rebanho, voltada sempre a pessoa de Jesus de Nazaré.⁹²

2.1.3. As transformações: Sexuais, psicológica, sociais, morais e eclesiais.

Tempos tão instáveis, tudo muda tão rápido! Hoje nada é feito para durar, para ser sólido, permanente e constante. O momento atual nos mostra que há um desejo pelo corpo ideal, pela pessoa perfeita capaz de gerar relações autênticas e estáveis, mas por outro lado, encontramos

⁹⁰ DAp, 2008, n.42.

⁹¹ VIANA, 2013, p.28.

⁹² FELLER, 2013, p.15.

pouca maturidade, pouco comprometimento e empobrecimento nas relações. Cada um por si. Somos assim, impulsionados e condicionados a não nos mantermos da mesma forma por muito tempo, impedidos de solidificar as ideias, de criar raízes e nem de termos a oportunidade para parar, refletir para condensar estas informações. Assim, somos arremessados a uma grande tensão entre o vazio e a busca pelo sentido da vida e entre a ilusão e a verdade.⁹³

Nossa sociedade não conhece precedência, codificações definitivas, centragem: conhece apenas estímulos e opções equivalentes em cadeia. Daí resulta a indiferença pós-moderna, indiferença por excesso e não por falta, por hiper-solicitação e não por privação. O que ainda consegue nos espantar ou escandalizar?⁹⁴

Estamos na era do espetáculo, onde a solidez perde seu protagonismo para a frivolidade e a futilidade, colocando fortemente na sociedade atual que é possível viver sem finalidade e sentido. A indiferença cresce, gera incerteza e enfraquece os valores sociais, levando a aspirações de novas escalas de valores, com a banalização da esfera da sexualidade, que é uma das realidades básicas da pessoa e um dos fatores essenciais da vida social. A sociedade atual conduz a sexualidade ao processo de mercantilização do prazer e agora é necessário reconstruir uma compreensão integral e positiva desta sexualidade.⁹⁵

Essa mercantilização do prazer provoca desesperança porque os indivíduos não conhecem nenhum referencial ou valor. As pessoas vivem de ‘momentos’ e jamais aceitam ‘sacrificar’ a própria vida por uma causa duradoura que contribua para o prazer e a felicidade de mais seres humanos. A ideologia mercantilista do prazer leva os consumidores a viverem atrás de ‘depósitos de prazeres’, de oportunidades que levam à satisfação máxima e ao sucesso rápido e fácil.⁹⁶

⁹³ BAUMAN, MAURO, 2015, p.47-48.

⁹⁴ LIPOVETSKY, 2005, p.22.

⁹⁵ LIPOVETSKY, 2005, p.21.

⁹⁶ JESUS; OLIVEIRA, 2014, p.139.

A sexualidade tem uma realidade central na pessoa humana, seus gestos e atos estão vinculados a sua profundidade. Devemos ter em mente que o campo sexual é uma pulsão que tem como finalidade edificar a pessoa e assim reverberar no meio social. Porém, a sexualidade foi instrumentalizada para uma cadeia de busca de prazeres desumanizantes, que criou na sociedade uma vida fatiada quebrando a sua unidade e totalidade. Caímos em prazeres com satisfação imediata dos próprios desejos e fantasias. O prazer de viver pelo outro, cada dia, se torna escasso e preocupante.⁹⁷

Busca-se fornecer ao corpo tudo o que ele precisa para sentir prazer, mas, ao mesmo tempo, vive-se o drama de ter que controlar o que se oferece ao corpo, a fim de se evitar o risco de perder a capacidade de sentir prazer. Por causa disso, altruísmo e a solidariedade são vistos como verdadeiros empecilhos para a busca e a realização do prazer. Tudo é pensado em vista tão somente da autossatisfação.⁹⁸

A sexualidade ficou reduzida a genitalidade e o prazer pessoal fala mais alto e desconsidera as demais pessoas, transformando em coisa ou objeto a serem utilizadas em benefício dos próprios caprichos. Isso tem gerado frustrações e sofrimentos psíquicos, porque o ser humano, ao se dar conta de que essa busca desenfreada por bens e situações de prazeres desumanizantes, só lhe causam um vazio existencial⁹⁹.

O ser humano precisa compreender que a sexualidade apresenta dinamismos que são fundamentais para o seu equilíbrio e maturidade, conforme aponta Vidal.

A sexualidade humana, enquanto força da pessoa, abre-se em três dinamismos ou vertentes fundamentais. Um primeiro dinamismo se orienta para atingir a maturidade e a integração pessoal; a sexualidade é uma força para edificar o 'eu', esta é sua primeira vertente. O segundo dinamismo tende a realizar a abertura da pessoa ao mundo do 'você', a sexualidade possibilita a relação interpessoal que

⁹⁷ VIDAL, 2002, p.22.

⁹⁸ JESUS; OLIVEIRA, 2005, p.139.

⁹⁹ JESUS; OLIVEIRA,2005, p.146-147.

culmina na construção de um projeto de vida. O terceiro dinamismo da sexualidade é a abertura ao 'nós', trata-se do horizonte social da sexualidade, que serve para construir o 'nós' num clima de relações interpessoais cruzadas.¹⁰⁰

É uma riqueza poder manifestar a sua sexualidade como dom, de forma harmoniosa, celebrativa, redescobrimo o valor da sexualidade como gesto responsável em meio a uma sociedade em que as relações volúveis tomaram conta. A sexualidade é um componente fundamental da personalidade, um modo de ser, de se manifestar, de comunicar com os outros, de sentir, de expressar e de viver o amor humano. Portanto, ela é parte integrante do desenvolvimento da personalidade e do seu processo educativo. A sexualidade caracteriza o homem e a mulher não somente no plano físico, como também no psicológico e espiritual marcando toda a sua expressão.¹⁰¹

[...] pretendem-se os fins sem os meios, o bônus sem o ônus, a vitória sem a luta, a ressurreição sem a cruz. A busca desenfreada pelo prazer acentuou o frenesi de concupiscência e a sexualidade tornou-se a pedra de tropeço mais frequente e viciadora [...] a busca do prazer se verifica também na religião. Cada um escolhe aquela que melhor sacia sua fome imediata de bens temporais e psicológicos.¹⁰²

Uma das demonstrações mais constantes da existência humana nessa civilização pós-moderna talvez seja o sofrimento. Sofre-se pela morte de alguém, por um amor que foi embora, pela perda de um sonho, por medo da solidão, por tédio e por um projeto malsucedido. Motivações possivelmente infinitas, mas que, não sabemos lidar, compreender e assimilar. Assim, caímos de forma profunda e sorrateira na bipolaridade, hiperatividade e ansiedade e aí somos caracterizados por aquilo que sofremos. Estamos em um contexto de epidemias de suicídio, depressão e anorexia que nos leva a um grande questionamento onde homem deseja conduzir a humanidade?¹⁰³

¹⁰⁰ VIDAL, 2002, p.25-26.

¹⁰¹ PEREIRA, 2004, p.290.

¹⁰² VIANA, 2013, p.29.

¹⁰³ PERREIRA, 2004, p.193.

A dimensão humana - afetiva é uma das mais afetadas pela fragmentação ontológica e histórica-cultural, trazendo aos Seminários jovens bastante fragilizados psicologicamente. A fragilidade se detecta, não raro, na incapacidade de aceitar a própria história familiar, sua condição econômica e social, seu corpo e sua personalidade.¹⁰⁴

Diante dessa realidade de constante modificação a Psicologia depara-se com um grande drama diante de suas teorias e aplicações dos métodos em seus pacientes, havendo necessidade de uma releitura desta ciência, para compreensão dos fenômenos pós-modernos. A busca por uma reflexão mais profunda tem sido feita por estudiosos da área. A Psicologia procura se redesenhar, tornando-se mais crítica e inserida no meio social, onde os sintomas do adoecimento psíquico do homem se apresentam.¹⁰⁵

Embora a Psicologia tenha se alicerçado no modelo individualista para adquirir sua identidade de ciência, a relação com o individualismo provocará a necessidade na Psicologia de refletir sobre seus efeitos, mudando essa relação. A questão é se o modelo psicológico realmente poderia dar conta de todas as 'mazelas' presentes na sociedade.¹⁰⁶

Cada momento e cada situação histórica apresentam suas peculiaridades e preocupações patológicas. Existe uma incidência, em nossos dias, de histeria e de neurose obsessiva que tem aumentado de forma impressionante sobre a população que almeja a felicidade e o bem-estar. E, nessa procura constante de satisfazer-se e gratificar-se, homens e mulheres, mergulham no consumismo exacerbado e no prazer desmedido que tem sido um anestésico perante o medo da dor, solidão, fracasso e pobreza. É uma realidade cruel que tem ocorrido e que caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade, onde o explorador é ao

¹⁰⁴ VIANA, 2013, p. 31.

¹⁰⁵ ARAÚJO, Renata C. B. **O sofrimento psíquico da Pós-modernidade uma discussão acerca dos sintomas atuais na clínica psicológica**, 2010, p.3. Disponível em: < <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0311.pdf>>. Acesso em 15 de abril de 2019.

¹⁰⁶ ARAÚJO, 2010, p.3.

mesmo tempo o explorado, o que é aparentemente uma manifestação da liberdade humana, torna-se causa de manifestações patológicas as mais diversas.¹⁰⁷

Na verdade, os desequilíbrios de que sofre o mundo hodierno estão ligados com aquele desequilíbrio fundamental que se radica no coração do homem. Porque no íntimo do próprio homem muitos elementos se combatem. Enquanto, por um lado, ele se experimenta, como criatura que é, multiplamente limitado, por outro sente-se ilimitado nos seus desejos, e chamado a uma vida superior.¹⁰⁸

Portanto, os adoecimentos psíquicos da nossa sociedade atual são precisamente uma manifestação de uma liberdade paradoxal, que se desenvolve em meio a sociedade do trabalho excessivo, vítimas e agressores, explorando a nós mesmos. Uma sociedade do cansaço, enquanto possibilita de certo modo um desempenho sem desempenho, transformando a humanidade em máquinas, gerando um esgotamento. Trata-se de cansaço solitário, que atua individualizando e isolando. Uma sociedade que está mergulhada em transformações que não conduz a realização pessoal e coletiva, gerando um grande desafio social sobre a essa realidade.¹⁰⁹

O que está acontecendo põe-nos perante a urgência de avançar em uma corajosa revolução cultural. A ciência e a tecnologia não são neutras, mas podem, desde o início até o fim de um processo, envolver diferentes intenções e possibilidades que se podem configurar de várias maneiras. Ninguém quer o regresso à Idade da Pedra, mas é indispensável abrandar a marcha para olhar a realidade de outra forma, recolher avanços positivos e sustentáveis e ao mesmo tempo recuperar os valores e os grandes objetivos arrasados por um desenfreamento megalômano.¹¹⁰

¹⁰⁷ PERREIRA, 2004, p.196-197.

¹⁰⁸ CONCÍLIO VATICANO II, 2012, p.549, GS n.10.

¹⁰⁹ PERREIRA, 2012, p.44.

¹¹⁰ FRANCISCO, 2015, p.94, LS 114.

Uma forte característica da realidade social hoje é a fragmentação que marca a nossa caminhada. O seu referencial agora não é mais a realidade, mas o seu discurso, a sua imagem, a sua virtualidade, e diante dessa overdose de virtualidade o sujeito acredita que estes meios é o modo mais eficaz de veracidade. Assim, se torna gradual a perda de pertencimento e de compromisso coletivo, o indivíduo não se preocupa mais com a solidariedade, decaindo a importância do cuidado com o outro, e a sua consequência são indivíduos sem laços. Notamos que as instituições tradicionais sempre foram transmissoras de valores, mas que com a pós-modernidade esse vínculo enfraquece.¹¹¹

A consequência disso é que, se a modernidade acentuou o orgulho humano, a Pós-Modernidade reforçou a sua fraqueza. O homem pós-moderno se tornou fraco porque perdeu toda e qualquer referência última e unificadora capaz de guiar seu comportamento. Já não existe Deus, nem Razão e muito menos uma regra moral válida para todos.¹¹²

É necessário salientar que a natureza do homem e o seu crescimento torna-se claro quando está em consonância com o desenvolvimento sadio da sociedade, pois essa ligação produz uma ordem social que reverte para o bem de todos. Essa relação deve estar fundada na verdade, edificada na justiça e vivificada no amor, devendo ser desenvolvida na liberdade que leva ao equilíbrio cada vez humano. Isso gera na sociedade um aumento da consciência dos direitos e deveres universais, concedendo a todos realidades acessíveis como: alimento, vestuário, casa, direito à educação, trabalho e uma justa liberdade em matéria religiosa.¹¹³

[...] A globalização, tal como está configurada atualmente, não é capaz de interpretar e reagir em função de valores objetivos que se encontram além do mercado e que constituem o mais importante da vida humana: a verdade, a justiça, o amor e muito especialmente, a dignidade e os direitos de todos, inclusive daqueles que vivem à margem do próprio mercado.¹¹⁴

¹¹¹ DAp, 2008, p.32, n.44.

¹¹² VIANA, 2015, p.27.

¹¹³ FRANCISCO, 2015, p.102, LS n.125-126.

¹¹⁴ Dap, 2008, p.38, n.61.

Se nós partirmos do princípio de que ninguém nasce com preceitos morais internalizados, temos que admitir que é pela educação que o indivíduo tem a chance de construir sua personalidade moral. E em uma sociedade competitiva e individualista como a que vivemos, pode parecer utopia aspirar por valores como a justiça, baseados na reciprocidade e no compromisso. Então somos chamados perante essa realidade de globalização a promover outra maneira de globalizar, que seja marcada pelos valores morais onde prevaleça sempre a dignidade da pessoa humana.¹¹⁵

A globalização, por ela mesma não traz a felicidade às pessoas nem organiza maior justiça entre os grupos. Uma globalização deixada à suas próprias leis é uma globalização ‘descontrolada’. Os descontroles que pode produzir e que, de fato, produz, advertem-se tanto no terreno econômico como no político, no social e no cultural. A globalização tem de ser pensada e orientada com sensibilidades éticas.¹¹⁶

A ética supõe-se a necessidade da reflexão sobre valores sociais em meio à crise estabelecida, por isso, se torna necessário, mais do que nunca, uma preocupação com o social, uma vez que crise da humanidade é uma crise moral. Evidenciamos a falta de ética nos vários âmbitos da sociedade. A discussão sobre a justiça é também uma discussão moral, admitindo que os valores das ações estejam deturpados devido à lógica do sistema vigente. Assim, o bem e o mal, o certo e o errado, o justo e o injusto cederam lugar ao sentimento de sobrevivência do “salva-se quem puder” ou do interesse pessoal e particular numa sociedade exploradora, que mascara a liberdade, condição fundamental para a realização de ações morais.¹¹⁷

Todos esses elementos históricos e culturais se apresentam de forma nova, mas suas raízes se encontram no mais recôndido labirinto do

¹¹⁵ CONCÍLIO VATICANO II, 2012, p.572, n.30.

¹¹⁶ VIDAL, Marciano. **Moral Cristã: em tempos de relativismos e fundamentalismos**. São Paulo: Santuário, 2007, p. 20.

¹¹⁷ FRANCISCO. **A alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. São Paulo: Loyola, 2013, p.41, n.53-54.

mysterium iniquitatis que se encontra nas origens da consciência e liberdade humana. A fragmentação ontológica e histórico-cultural produz os indivíduos de cada época no momento em que estes se veem marcados por tendências geralmente determinantes que atingem sua vida familiar, psicológica e moral.¹¹⁸

É sempre importante realizar uma ponderação sobre a relevância ética que se faz presente em nossa vida, que é assimilada no decorrer de nossa formação como pessoa. Essa postura é adquirida em família, na escola, na Igreja e nos grupos sociais. Tais valores procuram guiar nossas escolhas embora tenhamos uma liberdade de decisão, que nos faz mais responsáveis por nossas ações e nos incentiva a colocar em prática o respeito e a dignidade, levando em conta o bem comum. E a Igreja tem um papel fundamental em oferecer à sociedade e ao indivíduo os meios para desenvolver sua personalidade, pautada no fundamento das virtudes evangélicas.¹¹⁹

A unidade da família humana recebe grande reforço e acabamento da unidade da família dos filhos de Deus, fundada no Cristo. Certamente, a missão própria confiada por Cristo à sua Igreja, não é ordem política econômica ou social: o fim que lhe propôs é, com efeito, de ordem religiosa. Mas, é justamente desta mesma missão religiosa que derivam encargos, luz e energia que podem servir para o estabelecimento e consolidação da comunidade humana segundo a Lei divina.¹²⁰

O Concílio Vaticano II mostrou-nos que precisávamos avançar na preparação do encontro com o diferente, formando nossos diáconos, presbíteros e bispos para dar respostas aos cristãos em sua missão pastoral. Gerando na Igreja estabilidade, confiança e perseverança, perante a crise de identidade, dualidade de valores, duplicidade de vida, abandono de ministério, intolerância, medo da insegurança e perda de ânimo. A Igreja não tem medo do diálogo entre a fé e a razão; ao contrário, é por meio da luz da razão e da luz da fé que conseguiremos

¹¹⁸ VIANA, 2015, p.30.

¹¹⁹ FELLER, 2013, p.19.

¹²⁰ CONCÍLIO VATICANO II, 2012, p.587, GS n.42.

seguir por caminhos mais claros e firmes concedendo a humanidade comunhão e certeza.¹²¹

O diálogo fecundo entre fé e razão não pode deixar de tornar mais eficaz a ação da caridade na sociedade, e constitui o quadro mais apropriado para incentivar a colaboração fraterna entre crentes e não crentes na perspectiva comum de trabalhar pela justiça e a paz da humanidade. Na constituição pastoral *Gaudium et spes*, os Padres conciliares afirmavam: ‘Tudo quanto existe sobre a terra deve ser ordenado em função do homem, como seu centro e seu termo: neste ponto existe um acordo quase geral entre crentes e não crentes’.¹²²

A missão da Igreja é auxiliar o mundo e ao mesmo tempo receber dele seus benefícios e suas chagas, pois, não estamos desvinculados da realidade terrena. Somos uma Igreja encarnada, que possui uma história e que está dentro da história humana e que deve resplandecer o Reino de Deus que começa aqui e estabelece a salvação de todo gênero humano. A Igreja é este sinal de sacramento universal que atua nos homens impulsionando a viver segundo nosso Senhor Jesus Cristo. Por isso, não abre mão das transformações ocorridas e as considera com muito respeito pois, ela mesma passou por lapidações que ocorreram através de concílios e sínodos, dos quais surgiram decretos e documentos para um melhor empenho e compreensão sobre a realidade atual.¹²³

Desde modo, torna-se possível desenvolver uma comunhão nas diferenças, que pode ser facilitada só por pessoas magnânimas que têm coragem de ultrapassar a superfície conflitual e consideram os outros na sua dignidade mais profunda. Por isso, é necessário postular um princípio que é indispensável para construir a amizade social: a unidade é superior ao conflito.¹²⁴

¹²¹ FELLER, 2013, p. 21.

¹²² BENTO XVI, *CARITAS IN VERITATES*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2017, p.106, n.57.

¹²³ CONCÍLIO VATICANO II, 2012, p. 592-593, GS n.44.

¹²⁴ FRANCISCO, 2013, p.131, EG n.228.

Diante dessas transformações sociais e religiosas ocorrem também mudanças no perfil dos vocacionados e presbíteros que estão a desafiar a equipe formativa a ter um olhar mais profundo sobre essas urgências. Essa complexa realidade nos obriga a novos olhares e a explorar novos recursos que devem ser assimilados pelos seminários e casas de formação, que não estão isentas das mudanças nas estruturas institucionais.

Essas transformações têm gerado angústias e ansiedades que não permite a pessoa ter paz interior e um discernimento saudável, e é desse meio que provém e mantém nossos candidatos e presbíteros. O processo formativo estará profundamente comprometido se as questões morais que se referem à vida dos formandos e padres não forem levadas em consideração e devidamente aprofundadas. Por isso, se faz necessário compreendermos o ser multidimensional, em uma visão holística para reequilibrar as dimensões humanas, que desempenha diferentes papéis, em resposta aos diferentes desafios que vida lhe impõe.

2.2 O SER HUMANO: UM SER MULTIDIMENSIONAL

O homem é ser de interligações que tem a capacidade de adaptação nos mais diversos ambientes e necessidades, sendo é um ser multifacetado que age de acordo com as circunstâncias. E, diante das diferentes condições que a vida nos apresenta exige também uma forma e comportamento diferenciado, pois, a sociedade também tem as suas multiformas. Essa multidimensionalidade, seja interna ou externa, deve ser compreendida para uma melhor sintonia com seu desenvolvimento pessoal, vocacional e com o seu meio social.¹²⁵

Apesar de sua complexidade, o ser humano constitui-se como um ser pluridimensional e, ao mesmo tempo, íntegro. Pluridimensional por compor-se de dimensões que, particularmente distintas, estão, intrinsecamente unidas, seladas numa relação constante. Íntegro por formar uma unidade, uma dinâmica que se insere dentro de outras.¹²⁶

¹²⁵ TORQUATO, Nilton M. M. O regaste do Homem Multidimensional em mundo unidimensional. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v.6, n.17, p.139-148, Jan/abr. 2006.

¹²⁶ TONET; BENINCÁ, 2013, p.70.

Alguns aspectos são fundamentais para o entendimento das esferas existentes dentro de cada pessoa, por isso faz-se necessário termos compreensão e a paciência perante o processo de cada um. A maneira como vemos os outros e o mundo à nossa volta moldam a nossa realidade e o ambiente em que trabalhamos ou nos quais realizamos nossa missão. Temos que procurar a forma mais eficaz de trabalhar as capacidades, potencialidades e debilidades que surgem em nosso meio, é examinando com muita tranquilidade o que estamos fazendo e o que estamos levando aos outros a fazer. O mundo vive em constante mudança e pede dos nossos formadores e padres posições integradas e uma liderança que saiba trabalhar com a dinâmica da pluralidade de cada ser.¹²⁷

Do mesmo modo, o corpo é constituído de diversos membros, cada qual com sua especificidade, mas que estão unidos, projetados numa unidade que transcende cada parte do todo quando vista em si mesma: é o que chamamos de corpo. Neste sentido, independente do número de dimensões que podem ser classificadas e elencadas, todas elas encontram-se indissociáveis.¹²⁸

Mais importante do que ter determinadas capacidades ou qualidades é estar disposto a aprender e aprimorar cada vez mais a própria personalidade. É fundamental exercer a autocrítica para não cairmos na relativa tranquilidade, onde os problemas deixam de ser percebidos e questionados. Não existem pessoas perfeitas, entretanto, muitas acreditam “ser perfeitas” e acabam agindo de forma desumana sobre o ambiente em que vivem. A imperfeição é esse indicativo de que estamos sempre em construção e quando admitidos, somos capazes de gerar confiança dando passos fecundos e consistentes.¹²⁹

Entretanto, o insistente desejo de ser mais, residente no ímpeto do ser humano, somente terá sentido quando acontecer integralmente, resultando na doação e na expansão de ser mais. ‘O homem se faz dando-se aos outros, dando-se a Deus. É nessa doação que a pessoa humana

¹²⁷ TORQUATO, 2006, p.140.

¹²⁸ TONET; BENINCÁ, 2013, p.70.

¹²⁹ TORQUATO, 2006, p.143.

encontra sua plena realização. É nela que o homem se encontra, se supera, se ultrapassa'.¹³⁰

E para podermos conduzir bem tudo aquilo que realizamos, devemos estar seguros e em sintonia conosco mesmo, aprimorando os nossos valores e virtudes. Na atmosfera formativa e eclesial as virtudes espirituais devem consolidar as variadas esferas humanas existentes dentro de cada ser humano, uma vez que todas as realidades estão interligadas com as demais, levando a integralidade do ser que é indissociável.¹³¹

2.2.1 Desenvolvimento do homem multidimensional no exercício religioso

Ninguém iria ao encontro de um ambiente religioso se não tivesse ali uma certeza que pelo menos poderia encontrar virtudes sobrenaturais que o levasse ao encontro de seu verdadeiro chamado. Saber viver com os outros é uma disciplina difícil de aprender e nunca a aprenderemos de uma vez por todas, mas é no campo comunitário que acontece o amadurecimento e o crescimento do homem multidimensional, entre conflitos e reconciliação, entre singularidade e a pluralidade é que vamos configurando a nossa verdadeira imagem.¹³²

Um dos maiores benefícios da vida comunitária é exatamente este: compele, impiedosamente, a abandonar a imagem idealizada de nós mesmos e a tomar consciência do nosso eu verdadeiro, marcado por limites de todos os lados, do que não somos, não sabemos, não temos, não podemos; a reconhecer esses limites sem sucumbir à angústias de tê-los. A comunidade é o lugar de acolhimento e de trocas enriquecedoras, de todo gênero, mas é também o lugar impiedoso onde nossos defeitos vêm à luz, sem véus.¹³³

¹³⁰ TONET; BENINCÁ, 2013, p.71.

¹³¹ TORQUATO, 2006, p.144.

¹³² GRÜN, Anselm; ASSLÄNDER, Friedrich. **A arte de ser de mestre de si mesmo para ser líder de pessoas**. 2. ed. Petropólis: Vozes, 2009, p.57.

¹³³ COLOMBERO, Giuseppe. **Vida religiosa da convivência à fraternidade**. 3. Ed. São Paulo: Paulus, 2007, p.39

As qualidades e os ideais existentes em cada pessoa precisam ser alicerçados, sobre valores religiosos que possibilitam um melhor andamento do discernimento vocacional. É entre as virtudes e os vícios, entre vitórias e fadigas que se vai elevando o corpo e a alma do ser multidimensional. Não obstante, todas as fragilidades e privações existentes, é, justamente, na comunidade que aprendemos a ressignificar os conflitos que surgem durante a caminhada. Numa época em que toda a forma de tratamento humano está decaído é na comunidade cristã que as virtudes espirituais dão abertura e sentindo ao nosso verdadeiro eu.¹³⁴

Uma comunidade onde circule o respeito mútuo, o calor, o diálogo, o saber ouvir e na qual se respire um clima de colaboração, de compreensão e tolerância, de atenção amorosa e de afeto, contribui extraordinariamente para a formação de pessoas maduras, seguras, equilibradas, propositivas, livres da distorção dos complexos, e para o alívio do cansaço do trabalho e da dor das feridas da vida. Pessoas que vivem bem e com as quais se vive bem.¹³⁵

É muito importante cultivarmos as virtudes morais que são centrais, fundamentais e orientadoras. Todo problema humano está relacionado à falta de virtude. A ausência de paz é a falta da virtude da fé; a falta de sentido de vida é a falta da virtude da esperança; a insegurança, as ansiedades significam a falta de virtude da confiança; o não saber perdoar é a falta de virtude da humildade; o vazio da vida e a solidão, a falta de virtude da caridade. A virtude possibilita estabilidade e certeza em nossa caminhada e não somos bons pelo fato de falarmos, mas, sim porque buscamos no exercício diário fazer o bem. Assim, o ser humano com suas multiformas de agir vai desenvolvendo internamente e externamente o seu ser religioso.¹³⁶

Os sucessivos documentos do magistério eclesial evocam constantemente esses passos dos decretos conciliares para reforçar ‘sem uma adequada formação humana, para toda formação

¹³⁴ GRÜN, ASSLÄNDER, 2009, p. 60-61.

¹³⁵ COLOMBERO, 2007, p.41.

¹³⁶ GRÜN; ASSLÄNDER, 2009, Op.87-88.

sacerdotal estaria desprovida do seu necessário fundamento'. A *exortação Pastores dabo vobis* aborda este aspecto extensivamente. De modo particular, no belíssimo n.43 [...].¹³⁷

As qualidades humanas e cristãs nos auxiliam no trabalho de nossa afetividade, sexualidade e sobre as nossas relações cotidianas. E, nesta busca de compreensão e não de conformidade é que devemos buscar caminhos novos para encarar com serenidade e sabedoria os novos perfis de vocações que surgem em nosso meio formativo. E a homossexualidade é uma dessas realidades que requer um agir com respeito e amor, apoiada em uma orientação adequada.

2.3 HÉTEROS E HOMOSSEXUAIS NO PRESBITÉRIO

Em primeiro lugar todos somos chamados a uma vida de santidade. Esta vocação é o caminho que Deus escolheu, para que em meio ao mundo, fossemos a sua voz e a manifestação de sua misericórdia. Portanto, todos somos vocacionados, através dos nossos atos, a demonstrar que ouvimos a Deus e que assumimos a missão que Ele nos confiou. Porém, nosso chamado não para na busca de viver em santidade. Deus concede-nos também a graça, de acordo com cada estado de vida, viver em uma vocação específica. Assim, o Senhor chama jovens para o ministério presbiteral e, neste convite, surgem vocacionados com suas histórias e debilidades. Diante das inúmeras fragilidades, a homossexualidade que vem tomando corpo no ambiente eclesial, será objeto de uma análise de forma sucinta.

2.3.1 O que é homossexualidade?

A compreensão do conceito do que seja a homossexualidade não é ainda uma tarefa simples, uma vez que não existe uma definição que englobe todo o termo, havendo, na língua portuguesa termos pejorativos para explicar seu significado. Diante dessa realidade, trabalharemos o conceito que compreende a homossexualidade, como sendo exclusivamente uma atração por pessoas do mesmo sexo,¹³⁸ não estando relacionada com alguma patologia, pois,

¹³⁷ COLOMERO, 2007, p.88.

¹³⁸ VIDAL, 2002, p.117-118.

[...] a homossexualidade não pode e não deve mais ser vista como uma “doença”. Isso é o que se pensava alguns tempos atrás. Desde o dia 15 de dezembro de 1973, esta passou a ser riscada da lista de doenças psiquiátricas. Especialistas afirmam que ela não deve ser ‘vista como uma doença, mas sim como uma preferência emocional e uma conduta sexual admissível’.¹³⁹

Para a maioria dos especialistas a homossexualidade é uma orientação sexual pela qual as pessoas em sua fase adulta têm atração preferencial por alguém do mesmo sexo, onde mantem relações genitais. Vale ressaltar que é na fase adulta, uma vez que na etapa infantil e da adolescência não são atitudes terminantes a homossexualidade. Existe ainda muita confusão sobre a compreensão dessa condição sexual, razão pela qual devemos buscar soluções corretas e não medidas paliativas que nada contribuem para o crescimento de todos.¹⁴⁰

Na homossexualidade, trata-se fundamentalmente do sentido global de um ser humano; a homossexualidade não é somente nem principalmente um fenômeno sexual, mas a condição antropológica de um ser pessoal; o homossexual é, antes de tudo, um ser humano com uma condição e um destino perfeitamente humanizável e humanizante.¹⁴¹

Ter compreensão dessa realidade permite distinguir os tipos de homossexualidade que possa existir em cada pessoa, verificando as fases existentes que auxiliam no entendimento de cada indivíduo, seja observando as tendências, comportamentos, condutas e orientações. Devemos ter ciência que existem múltiplas causas possíveis sobre essa condição sexual e que ainda é muito incompreensível. Por isso se faz necessário compreender a profundidade da homossexualidade, suas raízes, suas causas específicas e manifestações internas e externas.¹⁴²

¹³⁹ OLIVEIRA, José L. M. **Acompanhamento de vocações homossexuais**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008, p.11.

¹⁴⁰ OLIVEIRA, 2008, p.20.

¹⁴¹ VIDAL, 2002, p.119.

¹⁴² GOMES, Ademildo; TRASFERETTI, José. **Homossexualidade: orientações formativas e pastorais**. São Paulo: Paulus, 2011. p. 105.

2.3.2 Tipos de homossexualidade

Existe uma distinção que devemos salientar nessa caminhada sobre a homossexualidade para um melhor esclarecimento dessa condição. Na questão moral devemos ter em mente a diferenciação de tendências, atos, comportamentos e condutas, verificando no candidato, vocacionado e presbítero o seu tipo de situação. Em relação a sua tendência mesmo que seja latente não é motivo de avaliação moral, entretanto, os atos e os comportamentos estes podem ser avaliados, tomando conclusões e decisões, principalmente a conduta, pois, nela se cristaliza a opção realizada.¹⁴³

Orientação, comportamento e identidade: o comportamento homossexual é atividade, a experiência puramente física. A orientação homossexual é representada pela presença, na esfera de consciência, de uma preponderância de sentimentos, pensamentos eróticos e fantasias que se dirigem a um indivíduo do mesmo sexo. A identidade, no entanto, consistem em um durável autorreconhecimento do sentir e viver a homossexualidade.¹⁴⁴

Alguns estudiosos nos apresentam de forma mais sintética dois tipos de homossexualidade, outros ressaltam quatro tipos como: ocasional, periférico, transitório e estrutural. Porém, trabalharemos os dois tipos que são mais evidentes em nosso meio social e eclesial: a periférica e a estrutural. A homossexualidade periférica é uma pessoa que possui gestos do sexo feminino, porém sua condição sexual não é a homossexualidade. Nesta situação o homem tem gesticulação e o andar feminino, mas internamente sua atração é pelo sexo oposto. Já, a homossexualidade estrutural não se manifesta externamente, mas sim internamente. Um homem de aparência máscula, com assuntos héteros, porém internamente sua atração é pelo mesmo sexo.¹⁴⁵

É importante considerar, no entanto, que, oposta à orientação afetivo-sexual constitutiva da pessoa, existe aquela denominada momentânea, ocasional,

¹⁴³ MOSER, 2002, p.100.

¹⁴⁴ GOMES; TRASFERETTI, 2011, p.37.

¹⁴⁵ OLIVIEIRA, 2008, p.32-33.

periférica, transitória, isto é, aquela que não faz parte da personalidade, mas que se expressa, sobretudo, por experiências sexuais com pessoas do sexo oposto ou do mesmo sexo. Em outras palavras, esse tipo de orientação depende da fase evolutiva em que a pessoa se encontra, da realidade concreta na qual ela vive, dos condicionamentos ou da pressão externa, da sua opção pessoal.¹⁴⁶

É um desafio para nossos animadores vocacionais, formadores e presbíteros distinguir essa profundidade da homossexualidade. Pois, na prática essa situação ainda não é bem resolvida. Por isso o perigo das conclusões precipitadas e de orientações sem consistência. Faz-se necessário mergulhar com profundidade e paciência na totalidade da pessoa. A afetividade e a sexualidade são dimensões delicadas e misteriosas que não se pode avaliar com observações superficiais e imediatas. Diante dessa complexidade existe uma tensão entre homossexualidade e a heterossexualidade no campo social.¹⁴⁷

2.3.3 Homossexualidade e heterossexualidade

Com a revolução sexual, ocorrida entre meado de 1960 a 1970, a ideia era romper com os códigos tradicionais e os comportamentos relacionados à sexualidade. Este pensamento favoreceu uma liberdade sexual, que consistia em quebrar com o pensamento monogâmico e as relações heterossexuais, abrindo espaço para a bissexualidade. Em nossos tempos essa ideia é bem sedutora, porém, desconstroem a estrutura natural do ser humano. E, neste campo conflituoso, o homossexual e o heterossexual seguem em uma tensão, pois são realidades totalmente diferentes e se movem em campos opostos.

Apesar do avanço das ciências, ainda não temos a possibilidade de dizer se o [...] hétero ou a homossexualidade, enquanto dimensões constitutivas da personalidade podem ser definitivamente mudadas. Não sendo resultado da opção da pessoa, é muito difícil supor que ela tenha controle sobre o seu próprio desejo e não satisfazê-

¹⁴⁶ TRASFERETTI, José; MILLEN, Maria I. de C.; ZACHARIAS, Ronaldo. (Orgs). **Formação: Desafios Morais**. São Paulo: Paulus, 2018, p. 205-206.

¹⁴⁷ OLIVEIRA, 2008, p.33.

lo; isto é, não dispomos de nenhuma base científica para afirmar que alguém possa deixar de ser héteros ou homo.¹⁴⁸

Essa diferença é visível na sociedade entre o homossexual e heterossexual em seus atos. Podemos perceber que um hétero em sua relação com homens e mulheres é muito tranquila, expressando em suas atitudes e comportamentos a sua orientação, porém no homossexual não é tão evidente na expressão de seus gestos e condutas, que variam de acordo com a circunstância, o grupo e o ambiente. No campo familiar, no trabalho e no religioso, o homossexual se configura de forma “hetera”, camuflando sua orientação. Um fato interessante a ressaltar é que os héteros são formados para uma sociedade heterossexual, já a homossexualidade vai ocorrendo em um despertar gradativo de sua condição sexual entre descobertas, repressões e crises.¹⁴⁹

Esses são temas importantes sobre a convivência coletiva, que provocam verdadeiros ‘rachas’ na vida presbiteral. A proximidade nas relações passa a ser determinada sempre por semelhanças, e a diferença fica cada vez mais intolerável quando se leva para o público o que deveria ser vivido apenas no campo privado.¹⁵⁰

Perante essa realidade no campo religioso não é diferente, surgem blocos entre os héteros e homos que se agregam devido as suas afinidades afetivas. Os heterossexuais que não vêem com bons olhos a homossexualidade, associando-a com uma doença ou aos escândalos sexuais. Respeitar a condição de cada um e ainda estabelecer as distinções entre uma realidade e outra é uma postura que deve existir de uma forma prudente. O conhecimento é o eixo para essa questão que evita causar constrangimentos e confusões.¹⁵¹

2.3.4 Distinguir a homossexualidade das patologias sexuais

A condição sexual não é critério para deferir os problemas psicopatológicos, a questão deve ser olhada com profundidade na

¹⁴⁸ TRASFERETTI, José; MILLEN; ZACHARIAS, 2018, p.207.

¹⁴⁹ GOMES; TRASFERETTI, 2011, p.43.

¹⁵⁰ PERREIRA, 2012, p. 270.

¹⁵¹ PEREIRA, 2012, p. 270.

formação de sua personalidade e sexualidade. Muitas pessoas às vezes não estão conscientes de que têm um problema, cuja origem se volta para sua caminhada histórica, e acreditam que deixaram em seu passado, mas isso os persegue inconscientemente. A construção do caráter, incluindo os afetivos e sexuais, deve ser bem compreendida e trabalhada, concedendo a capacidade de integrar harmoniosamente a emoção e a razão, dando condições para a pessoa sentir-se segura e saber quem realmente é, possibilitando o desenvolvimento equilibrado do seu eu.¹⁵²

A condição homossexual não traz em si nenhum traço de patologia somática ou psíquica; o homossexual não está necessariamente preso a ela, nem está isento de sua possível companhia, embora, devido às razões sociais, a propensão seja mais evidente no homossexual.¹⁵³

A não compreensão da sua homossexualidade cria feridas e situações que levam as pessoas ao ocultamento de si mesma. Este tipo de situação conduz a má apreensão da sua afetividade e sexualidade. Assim, eles se desprendem de sua real realidade, criam mecanismos para a sua defesa e tentam permanecer em um ambiente que se sintam seguros. Mas, não se devemos esquecer que é fundamental para a pessoa admitir e aceitar a sua situação e encarar de forma madura, tranquilidade e confiante a sua realidade.¹⁵⁴

É lógico que todo comportamento humano é passível de mecanismo projetivos. ‘Na identificação projetiva’ o indivíduo lida com o conflito emocional ou angustiante internos ou externos, atribuindo falsamente à outra pessoa seus próprios sentimentos, impulsos ou pensamentos inaceitáveis. Não raro, o indivíduo produz em outros os próprios sentimentos que inicialmente acreditava, de forma errônea, existirem neles, tornando difícil esclarecer quem fez o que, a quem, primeiramente.¹⁵⁵

¹⁵² OLIVEIRA, 2008, p.48.

¹⁵³ GOMES; TRANSFERETTI, 2011, p.30.

¹⁵⁴ OLIVIERIA, 2008, p.49.

¹⁵⁵ PERREIRA, 2012, p.275.

Diante dessa problemática a homossexualidade ainda é associada a promiscuidade, perversão e pedofilia. No entanto, os problemas psicopatológicos não estão relacionados apenas a condição sexual, mas estão ligados a personalidade formada do indivíduo, seja ele heterossexual ou homossexual. As esferas da afetividade e sexualidade precisam ser ordenadas e bem sedimentadas, pois, a desregulação conduz a atos impulsivos que prejudicam as relações. Esta realidade precisa ser do conhecimento do corpo formativo da fase inicial e permanente, que necessita estar ciente da história do candidato, vocacionado e presbítero, para que possam compreender melhor a situação e condição, auxiliando no esclarecimento de suas lacunas existenciais e espirituais.¹⁵⁶

Para se entender este processo existencial, porém, não basta nem afirmar a necessidade do masculino e feminino se articularem, nem como isto se dá no dia-a-dia, mas se torna indispensável analisar o processo nos vários níveis de profundidade. Existe um nível mais periférico mais periférico, que normalmente se denomina de 'erótico'; existe um nível mais aprofundado, o da 'amizade'; e finalmente, existe um nível mais profundo ainda de interação, que se denomina de amor-agápico.¹⁵⁷

Quanto mais nos aproximarmos do núcleo daquilo que interfere no processo de integração, mais vamos notando a luta complexa que travamos em compreendermos a nossa história. Não podemos perder de vista a integração do nosso campo pessoal, interpessoal ou comunitário que são eixos fundamentais para realizarmos um caminho vocacional com transparência, serenidade e certeza. É essencial a presença paterna e amiga do formador para facilitar o crescimento da comunidade e do formando. O estar junto gera reciprocidade, respeito mútuo e abertura para confiança. A transparência dos formadores impulsiona os formandos a lutar para romper com as amarras que existe dentro de si, possibilitando uma comunicação com clareza, solidariedade e fraternidade, gerando acolhimento da realidade humano-afetiva do vocacionado, candidato e presbítero.¹⁵⁸

2.3.5 Conhecer a situação do vocacionado homossexual

¹⁵⁶ VIDAL, 2002, p.125.

¹⁵⁷ MOSER, 2001, p.196.

¹⁵⁸ OLIVEIRA, 2008, p.34.

Esta realidade é percebida aos poucos por quem acompanha os vocacionados. E se o ambiente oferece condições, meios e experiências que possam ajudá-la a tomar consciência de sua realidade vocacional e condição sexual, o mesmo compreenderá melhor as exigências cada vocação específica. Nas diversas realidades humanas há sempre etapas: o amadurecimento psicossomático, a construção de uma família, a educação e a formação para a vida religiosa. Aqui já se faz evidente a importância de uma pastoral organizada, que ajude os vocacionados, candidatos e presbíteros, no seu crescimento vocacional. E cada pessoa é um ser irrepitível, cada uma possui seu ritmo e modo de ser.¹⁵⁹

Diante desse fato, são necessárias pessoas humanas e espiritualmente preparadas, um sério e competente acompanhamento vocacional e formativo que tenha em conta a presença dessa modalidade de vocações. Segundo D. Cozzens, seminaristas homo e heterossexuais têm diferentes necessidades de formação. Os seminaristas homossexuais enfrentam desafios específicos, preocupações e ansiedades próprias que merecem a atenção da equipe de formação.¹⁶⁰

O caminho proposto de acompanhamento de vocações homossexuais inicia-se com a constatação do grau da homossexualidade, a raiz de sua condição sexual e a intensidade dessa realidade. Para que tudo isso seja verificado é importante que o vocacionado se abra para essas diversas áreas da sua personalidade e que atinge as suas atividades diárias. O receio ronda o coração dos vocacionados em relação à equipe formativa e da pastoral vocacional. Diante dessa realidade nos deparamos com uma diversidade de reações, há aqueles que se refugiam no silêncio, outros assumem posturas rígidas e discriminatórias e alguns até abertos a essas realidades, porém, ingênuos, imprudentes, incapacitados e impacientes.¹⁶¹

Nesse clima conturbado, os que trabalham na animação vocacional encontram dificuldades para levar adiante uma ação concreta que possa ajudar

¹⁵⁹ OLIVEIRA, 2008, p.34.

¹⁶⁰ GOMES; TRASFERETTI, 2011, p.165-166.

¹⁶¹ OLIVEIRA, 2008, p.35.

os vocacionados e vocacionadas homossexuais a encontrar um caminho humano evangélico de realização. A consequência disso é a presença de pessoas ‘não resolvidas’ que curtindo a amargura de uma sexualidade tumultuada, terminam por dificultar a vida dos outros e, conseqüentemente, a dinâmica da evangelização.¹⁶²

Nesse contexto, faz-se necessário um acompanhamento da psicoterapia, com o objetivo não de modificar sua orientação sexual, mas procurar realizar um caminho de integração pessoal atingindo as várias esferas da dimensão humano-afetiva de cada candidato. Este apoio psicológico concede uma melhor convivência com essa realidade, redobrando seu olhar sobre suas relações, sobre si e sobre a sua missão. A terapia possibilita ao vocacionado maior autoaceitação para melhor trabalhar a sua realidade sexual, fugindo de repressões, bipolaridades e crises que atingem as relações comunitárias.¹⁶³

A maturidade, liberdade, responsabilidade e capacidade de integração da sexualidade que se espera de um vocacionado com tendência homossexual dependerão certamente do próprio indivíduo, mas também muito da dinâmica da formação que lhe é oferecida e do formador que o acompanha. Não podemos esperar que se manifestem os critérios de maturidade afetivo-sexual-relacional dos formandos, seja no sentido geral, seja nos casos específicos de homossexualidade, se o responsável por fazer o acompanhamento for nitidamente imaturo nesses e em outros aspectos.¹⁶⁴

A formação para os formadores não pode se limitar a cursos esporádicos. O formador é um sinal dentro da comunidade a ser seguido. A superioridade do formador não é imposta pelo autoritarismo, mas por aquilo que é, vive, pela sua maturidade humano-afetiva e espiritual. Ele deve impulsionar e auxiliar o formando a trabalhar o seu mundo interior, aberto sempre ao plano de Deus; ele deve ser um estímulo de crescimento

¹⁶² GOMES; TRASFERETTI, 2011, p.167.

¹⁶³ OLIVEIRA, 2008, p.39.

¹⁶⁴ GOMES; TRASFERETTI, 2011, p.168.

para ajudar o jovem no seu discernimento. Ele deve ajudar o jovem a ter uma disciplina e um programa pessoal de vida, saber cooperar, partilhar, pensar nos outros, viver com alegria. Para sublinhar o formador deve amar a sua identidade vocacional, estar de bem consigo mesmo e que tenha uma relação positiva com o seu mundo interior.¹⁶⁵

Outro fenômeno preocupante é que praticamente ninguém sabe como lidar com a questão. Há uma percepção generalizada da dicotomia existente entre o ensinamento oficial e a prática vigente nas comunidades e/ou dioceses, dicotomia que seria digna de aprofundamento, pois as causas podem ir de um possível desconforto com a doutrina da fé até à dificuldade real de saber aplicá-las. A opção acaba sendo ‘fazer de conta’ que todos têm tendência heterossexual, ou, no dizer de Cozzens, há quem pense ser melhor ‘negar a ampla não-observância do que admitir que simplesmente não está funcionando’[...].¹⁶⁶

A Igreja tem seu posicionamento em relação a homossexualidade e obteve avanços positivos na compreensão dessa condição. Com os estudos sobre a sexualidade fomos entendendo e lapidando alguns pensamentos. Os juízos de outrora hoje se abrem ao diálogo e a reflexão. O posicionamento do Magistério é guardar, interpretar, transmitir e ensinar a doutrina católica. Frente a essa realidade já há uma acumulação de manifestações oficiais sobre a homossexualidade que procuram nortear e mapear de forma prudente essa orientação.

2.3.6 O Magistério sobre a homossexualidade

Com os avanços no campo social, político, moral-religioso a homossexualidade toma relevância sobre os estudos para sua melhor compreensão. O primeiro documento que trabalha a condição sexual das pessoas homoafetivas é a declaração “*Persona Humana*” de 1975. O número mais específico que ressalta sobre essa orientação sexual é o parágrafo (n.8) que fala sobre os aspectos morais nas relações homossexuais. E, para ter base em seu pensamento o Magistério utiliza

¹⁶⁵ VIANA, 2013, p.50.

¹⁶⁶ ZACHARIAS; TRASFERETTI; MILLEN, 2018, p.203.

a Sagrada Escritura e a ciência biológica, ressaltando que estes atos são desordenados e possivelmente uma patologia.¹⁶⁷

Segundo a ordem moral objetiva, as relações homossexuais são atos destituídos da sua regra essencial e indispensável. Elas são condenadas na Sagrada Escritura como graves depravações e apresentadas aí também como uma consequência triste de uma rejeição de Deus. Esse juízo exarado na Escritura Sagrada não permite, porém, concluir que todos aqueles que sofrem de tal anomalia são por isso pessoalmente responsáveis; mas atesta que os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados e que eles não podem, em hipótese nenhuma, receber qualquer aprovação.¹⁶⁸

Com o passar do tempo, a Igreja buscou um aprofundamento maior na área da sexualidade, algumas afirmações diante de estudos anteriores foram amadurecidas, porém, ressaltando que no aspecto moral os atos devem ser analisados na sua particularidade. A ciência cooperou muito apresentando as possíveis causas dessa realidade, assim auxiliando a Igreja em suas colocações sobre esses aspectos tão delicados. As cartas aos bispos foram feitas, orientando sobre a forma de como proceder e atuar na realidade pastoral, tendo em vista a liberdade humana e a sua dignidade como pessoa.¹⁶⁹

Alguns documentos marcam o surgimento de uma nova direção na abordagem da homossexualidade por parte da Igreja e ainda continuam sendo importantes pontos de referência em relação a esse tema. Da parte dos homossexuais, esses documentos nem sempre foram bem acolhidos. Da parte dos conservadores, alguns dizia que os

¹⁶⁷ VIDAL, 2008, p. 148-149.

¹⁶⁸ SAGRADA CONGREGAÇÃO DA DOCTRINA DA FÉ: **Declaração *Persona Humana* sobre alguns pontos sobre de ética sexual.** Vaticano, 29 Dezembro 1975. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19751229_persona-humana_po.html>. Acesso em: 12 Jun. 2019, não paginado, n.8.

¹⁶⁹ VIDAL, 2008, p.151.

escritos teriam cedido demasiado à pressão da opinião pública liberal, revelando uma debilidade na postura da Igreja. Críticas à parte, esses documentos não deixaram de mostrar importantes avanços no que diz a respeito a uma nova compreensão de homossexualidade.¹⁷⁰

Assim, o diálogo toma espaço na esfera eclesial e jurídica, onde os homossexuais buscam legitimar e viverem de forma “correta” a sua homossexualidade, principalmente, nos direitos e adoção na procura da igualdade com o heterossexual. A Sagrada Congregação para Doutrina da Fé, no ano de 2003, publicou algumas considerações sobre a união dos homossexuais, dizendo que esses vínculos enfraquecem o sentido sacramental do matrimônio e o seu valor. O documento enfatizou ainda, que a Igreja não pode admitir essas uniões, só pelo fato da sociedade ter assimilado essa realidade, pois o Magistério não pode desconsiderar os reais valores da ordem biológica e antropológica.¹⁷¹

Nas uniões homossexuais estão totalmente ausentes os elementos biológicos e antropológicos do matrimônio e da família, que poderiam dar um fundamento racional ao reconhecimento legal dessas uniões. Estas não se encontram em condição de garantir de modo adequado a procriação e a sobrevivência da espécie humana. A eventual utilização dos meios postos à sua disposição pelas recentes descobertas no campo da fecundação artificial, além de comportar graves faltas de respeito à dignidade humana, (15) não alteraria minimamente essa sua inadequação.¹⁷²

Outros documentos romanos nos falam sobre essa realidade como: Catecismo da Igreja Católica e Pontifício Conselho para a Família (1995

¹⁷⁰ GOMES; TRASFERETTI, 2011, p.109.

¹⁷¹ VIDAL, 2008, p. 156-157.

¹⁷² SAGRADA CONGREGAÇÃO DA DOCTRINA DA FÉ: **Considerações sobre o projeto de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais.** Vaticano 3 junho de 2003. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cf_aith_doc_20030731_homosexual-unions_po.html. Acesso 13 jun. 2019, não paginado, n.7.

e 2000) confirmam sobre essa orientação e tendência que está na pessoa, que causa o desordenamento afetivo e sexual. Essas declarações querem conduzir os cristãos a estarem cientes das pretensões de equiparação das uniões e adoções dos homoafetivos, ao matrimônio legal que a Igreja sempre conservou em sua história. O posicionamento oficial da Igreja Católica quer nos salientar que essas legalizações e igualdades jurídicas não devem ser consideradas ao ato do sacramento do matrimônio.¹⁷³

As uniões de fato entre homossexuais além disso constituem uma deplorável distorção do que deveria ser a comunhão de amor e vida entre um homem com uma mulher, que se empenham ao dom recíproco de si e se abrem à geração da vida” [42]. “Não pode constituir uma verdadeira família o vínculo entre dois homens ou entre duas mulheres, e muito menos se pode atribuir a essa união o direito de adotar crianças sem família” [45]. Recordar a transcendência social da verdade sobre o amor conjugal e, por conseguinte, o grave erro que seria o reconhecimento ou inclusive a equiparação do matrimônio às relações homossexuais não supõe discriminar de modo algumas estas pessoas.¹⁷⁴

A partir disso é possível delinear sobre o elemento da homossexualidade dentro da formação presbiteral. Temos três documentos referentes a dimensão formativa que se refere à admissão de seminaristas de orientação homossexual ao sacerdócio e à vida religiosa: Congregação para o Culto Divino (2000), a Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas homossexuais e sua admissão ao seminário e as ordens sacras (2005) e as Orientações para o uso das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio (2008) todos estes documentos foram redigidos pela Congregação para a Educação Católica.¹⁷⁵

¹⁷³ VIDAL, 2008, 160-161.

¹⁷⁴ CONSELHO PONTÍFICIO PARA A FAMÍLIA: **Família, Matrimônio e “Uniões de Fato”**. 21 novembro de 2000. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/family/documents/rc_pc_family_doc_20001109_de-facto-unions_po.html>. Acesso 13 jun. 2019, não paginado, n.23.

¹⁷⁵ VIDAL, 2008, p.162.

A Instrução, porém, traz uma posição doutrinal mais específica. Nesse documento, o magistério revela quais são as pessoas que não podem ser admitidas ao seminário e às ordens sacras, apresenta também as razões pelas quais essas pessoas não devem ser admitidas e, ainda, demonstra uma considerável, benignidade com relação às pessoas com tendências transitórias.¹⁷⁶

O documento para o Culto Divino esclarece-nos que não se pode aceitar nas ordens sacras rapazes que tenham a prática da homossexualidade, pois, os seus atos e comportamentos não favorecem a vivência da castidade e do celibato. O referido documento salienta que deve ser acompanhado com bastante critério e seriedade aqueles que apresentem uma tendência a uma homossexualidade transitória. Para tanto, as orientações psicológicas se fazem necessárias para constatação dessa profundidade da homossexualidade, depois de constatado e trabalhado, caso o candidato apesar de todo empenho não estiver apto às ordens sacras, deve o mesmo ser dispensado.¹⁷⁷

À luz de tal ensinamento, este Dicastério, de acordo com a Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, considera necessário afirmar claramente que a Igreja, embora respeitando profundamente as pessoas em questão, [9] não pode admitir ao Seminário e às Ordens sacras aqueles que praticam a homossexualidade, apresentam tendências homossexuais profundamente radicadas ou apoiam a chamada *cultura gay*. [10].¹⁷⁸

É evidente que a admissão de candidatos homossexuais aos seminários é um grande desafio e exigirá um acompanhamento profundo de seu formador e também implicará por parte dos formadores e bispos

¹⁷⁶ GOMES; TRASFERETTI, 2011, p.123.

¹⁷⁷ GOMES; TRASFERETTI, 2011, p.124.

¹⁷⁸ CONGREGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO: Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas homossexuais e sua admissão ao seminário e a ordens sacras. 4 novembro de 2005. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_co_n_ccatheduc_doc_20051104_istruzione_po.html. Acesso 13 jun. 2019.

uma formação específica para trabalhar essa realidade. A Congregação para a Educação Católica apresenta alguns critérios para o discernimento e orientações de candidatos com tendência a homossexualidade. Acentua que, a caminhada do formando e formador, devem envolver os seguintes pontos: rapazes com uma tendência homossexual fortemente enraizada, analisar se a sua tendência é periférica ou estrutural e se essa homossexualidade é vinculada a uma cultura *gay*.¹⁷⁹

É preciso lembrar as qualidades exigidas pela Igreja para admitir alguém às Ordens sacras: sólida identidade sexual; possibilidade e capacidade de viver o celibato como serviço desinteressado pelo Reino; grande amor vivo e pessoal por Cristo que amou a todos; liberdade e maturidade afetiva e certeza moral de poder viver o celibato. Nesse sentido, nem mesmo o heterossexual desprovido dessas qualidades deveria ser admitido às Ordens.¹⁸⁰

É preciso que se tenha muito cuidado, comprometimento e empenho do corpo formativo na admissão de homossexuais aos seminários e as casas religiosas, para que não se feche o sacerdócio à homossexualidade. Esse pensamento já se ventila sobre a sociedade, os formadores devem ter ciência que qualquer tipo de desvio afetivo e sexual necessita ser analisados para que não ocorra em escândalos e constrangimentos. Tendo clareza que o ministério sacerdotal não é um direito humano, mas uma graça concedida por Deus e confirmada pela Igreja por meio dos bispos e formadores.¹⁸¹

As reflexões feitas até agora deixam bem claro que os homossexuais têm direito a um acompanhamento vocacional, enquanto pessoas chamadas por Deus à santidade e à plenitude do amor (cf. Ef 1,4). Não existem motivos sérios que justifiquem a exclusão desses irmãos e irmãs do itinerário vocacional. O que precisamos fazer é organizar uma animação vocacional de qualidade, com educadores bem preparados e competentes,

¹⁷⁹ VIDAL, 2008, p.164.

¹⁸⁰ VIANA, 2015, p.227.

¹⁸¹ CNBB, 2013, p.199; Doc.93.

capazes de segui-los com toda a seriedade possível.¹⁸²

Todos esses documentos e os seus posicionamentos apresentados nos fazem perceber que todas as questões humanas precisam ser conhecidas e aprofundadas. E o belo caminho do discernimento vocacional é uma das grandes chaves para que os preconceitos sejam colocados de lado, agindo com tranquilidade, naturalidade, maturidade e sem superficialidade. E não podemos ter receio em adiar o enfrentamento dessas problemáticas, lançando para etapas sucessivas criando uma grande bola de neve e nem, tão pouco, fazer vista grossa para questões sérias e delicadas. A homossexualidade possui um rosto dentro de nossa sociedade e a pessoa homossexual, antes mesmo dessa condição é ser humano, portadora de uma vocação.¹⁸³

2.3.7 A face humana e divina da homossexualidade

A questão da homossexualidade testemunhou ao longo da história os mais diversos momentos sociais e, ao se aproximar da contemporaneidade tornou-se motivo de debate. A homossexualidade, infelizmente, vem sendo marcada violentamente pelos crimes fundamentados no preconceito, assumindo proporções alarmantes. A Igreja nunca excluiu os homossexuais, nunca deixou de acolhê-los e de amá-los, pois antes de tudo existe o ser humano que precisa de um acompanhamento espiritual.¹⁸⁴

O modo de vida homossexual não deve ser exaltado, nem denegrido, mas acolhido e respeitado com diversas características, valores e debilidades que nele se fazem presentes. Contudo, não é a homossexualidade que deve ser a base de sua aceitação e do respeito por seus direitos, mas sim o fato de que somos todos irmãos, igualmente filhos de Deus. Logicamente, aqui também as críticas e as correções fraternas.¹⁸⁵

¹⁸² OLIVEIRA, 2008, p.87.

¹⁸³ GOMES; TRASFERETTI, 2011, p.132.

¹⁸⁴ OLIVEIRA, 2008, p.13.

¹⁸⁵ GOMES; TRASFERETTI, 2011, p.144.

Temos que ter bem claro em nossas mentes que o Magistério nunca condenou a condição do homossexual, mas sempre alertou sobre as depravações e os atos homossexuais desordenados que escravizam a pessoa, rompendo com a primeira vocação do ser humano ao dom da vida em sua forma digna. A dimensão de pecado e de comprometimento decorre da forma de como lidamos com a sexualidade, pois o pecado é a transformação da liberdade para manipulação e dominação do ser humano. Somos todos chamados ao caminho da santificação! Somos todos convocados a viver na amizade com Deus, mesmo com nossos espinhos na carne devemos viver em comunhão com o Senhor.¹⁸⁶

Portanto, buscando as informações necessárias, uma compreensão desprovida de preconceitos, uma devida atenção aos dados científicos, teológicos e morais, nutridos dessas duas ideias precedentes, nossas orientações formativas e pastorais poderão dar frutos de crescimento humano, comunitário e de glorificação a Deus, mesmo pisando neste terreno ainda ‘pedregoso’ da conciliação entre compromisso cristão e a homossexualidade.¹⁸⁷

Lamentavelmente, as pessoas não estão preparadas para lidar com suas realidades. Muitas vezes, somos formados para esquecermos as nossas fragilidades. Parece que a nossa educação está sempre voltada para nos revestir de uma falsa superação dos nossos erros. E quando nos apresentam as nossas limitações nos sentimos reprimidos, caímos nos vitimismos e dramas. Quanto mais uma pessoa está aberta à perfeição, tanto maior é a facilidade dela de conhecer seus limites. Ter coragem é descobrir onde está a nossa debilidade e, ali, trabalhar com maior empenho. È aí que entra a grande contribuição da Igreja, numa proposta antropológica e espiritual. Não somos perfeitos, estamos por ser feitos. Estamos sendo feitos aos poucos. E no processo de sermos feitos aos poucos, vamos descobrindo onde é que dói o espinho da nossa limitação.¹⁸⁸

Como podemos perceber, a homossexualidade é um tema profundamente amplo, no qual

¹⁸⁶ OLIVEIRA, 2008, p.14.

¹⁸⁷ GOMES; TRASFERETTI, 2011, p.183.

¹⁸⁸ OLIVEIRA, 2008, p.16.

encontramos uma gama de opiniões. Muitas se complementam entre si, outras são extremamente discordantes. Isso nos revela, portanto, o véu enigmático com o qual estão revestidos os próprios homossexuais, como também sexualidade. Esse véu não é outro senão aquele que cobre a própria condição humana. Pois dizer ser humano implica dizer: “eis aqui um profundo mistério”, o homem por um lado é maravilha, mas, por outro, é sempre um grande paradoxo.¹⁸⁹

Com tantas oportunidades e situações que o mundo oferece torna-se cada dia mais desafiador fazer com que os jovens percorram um caminho vocacional e façam um bom discernimento, afinal, por que deixar tudo para servir a Deus se no mundo encontra-se tudo que o faz feliz? É preciso uma equipe de pastoral vocacional que desperte no coração da juventude uma coragem de arriscar e de descobrir seu verdadeiro chamado, capaz de enfrentar as suas debilidades e qualidades. E a pastoral Vocacional, em tempos tão complexos, onde parar, refletir e olhar para dentro de si é desafiador.¹⁹⁰

Todos são, de alguma forma, filhos ou herdeiros das mudanças em curso; elas afetam a todos, ainda que seja mais fácil perceber a desconstrução que geram em relação a um passado recente do que o potencial que encerram de um amanhã inédito. A vocação como fenômeno humano se inscreve na profundidade da pessoa em busca por ser mais e melhor. Na dinâmica evangélica, a vocação humana se caracteriza pelo desejo de realizar a vontade de Deus e deixar-se transformar por ela.¹⁹¹

Deus quando chama, Ele leva em conta toda a nossa pessoa, passando pela nossa família e pela nossa história. Nada fica de lado em nossa vida. Quando Deus chama, Ele mesmo nos concede meios para nos capacitar para aquilo para o qual fomos chamados. Todos nós temos fraquezas e Deus nos escolheu justamente por isso. Ele quer que o seu poder se manifeste em nossas fraquezas. Há um limite em nossa vida. O

¹⁸⁹ GOMES; TRASFERETTI, 2011, p.33.

¹⁹⁰ ZACHARIAS; 2018, p.226-227.

¹⁹¹ CNBB, 2013, P.27; Doc. 93, 33.

Senhor conhece os nossos limites, por mais que sejamos capazes; há um momento em que precisamos abrir o coração e reconhecer nossa dependência, permitir que sejamos modelados por Deus. Por isso, é muito importante acompanhar as vocações homossexuais e afirmar que todo ser humano está no coração de Deus.¹⁹²

Como pastor que cuida, acompanha, assim as pessoas da Pastoral Vocacional estarão atentas à vida do encontro presente em cada vocacionado/a. A Pastoral Vocacional tem como primeiro cuidado ajudar na escuta do chamado, isto é, de encontro. Escuta que se transformará em alegria. Essa caminhada, às vezes longa, levará a uma vida de maturidade humana e cristã. O ser cristão nasce do encontro como lembrava Bento XVI: ‘Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva’.¹⁹³

A atual realidade nos releva que a sexualidade só conseguirá ter o seu equilíbrio dentro de nós, se adentrarmos um caminho de amadurecimento também da vida espiritual. É uma tarefa que implica um olhar atento ao processo vocacional do candidato e presbítero. Por mais que tenhamos projetos pastorais grandiosos se não tivermos um itinerário para a vida espiritual do vocacionado, candidato e presbítero, ficaremos mancos, pois a sexualidade e a espiritualidade são dimensões que devem caminhar de mãos dadas na vida da humanidade e, principalmente, na vida do presbítero. Entre tantos obstáculos referentes à vida espiritual destacam-se dois desafios: discernimento espiritual e qualidade de nossas relações, em breves palavras, fraternidade e relação de confiança.

¹⁹² OLIVEIRA, 2008, p.80-81.

¹⁹³ ZACHARIAS, 2018, p.322.

3 A SEXUALIDADE E A ESPIRITUALIDADE NA VIDA PRESBITERAL

Não é difícil perceber que as transformações ocorridas em nossos tempos atingem a nossa sexualidade e a espiritualidade. O presbítero e candidato diante dessa tensão procura o equilíbrio diante dessas duas esferas e o corpo formativo deve auxiliar diante dos questionamentos que surgem durante a caminhada, seja fase inicial ou permanente. As exigências são muitas e os anseios também; o espírito da fraternidade deve auxiliar nessa jornada formativa, mas não é uma tarefa fácil, pois implica viver em comum, se desvelar diariamente ao outro e reconhecer as nossas debilidades. Para tanto, o presbítero deve cultivar quatro amores fundamentais em sua caminhada: Jesus Cristo, a Sagrada Escritura, a Igreja e a Eucaristia, que produzem em seu caminho a consciência que somos seres em formação permanente, independente do ciclo da vida devemos nos abrir a lapidação. E a Virgem Maria é esse modelo de abertura à formação, pois ela é a mulher da escuta e da obediência.

3.1 SEXUALIDADE E ESPIRITUALIDADE DIMENSÕES COMPLEMENTARES

*“Eu sou a videira e vós os ramos. Quem permanece em mim eu nele, esse dá muitos frutos, porque sem mim nada podeis fazer.”
(Jo 15, 1.4-5).*

Apesar da sexualidade ter tomado um outro rumo em nossa sociedade, a sua finalidade não é somente biológica mais ser um instrumento no campo da espiritualidade que conduz a frutificação do amor e da unidade. E não é diferente no campo espiritual, onde o espírito precisa estar presente, inclusive em nossas relações. Do contrário, o ser humano cai em pensamentos, atos de verdadeira monstruosidade e insatisfação. Pode chegar a reduzir todos os seus anseios e aspirações somente ao campo sexual, perdendo outras importantes referências para sua realização espiritual, moral e social.¹⁹⁴

O acolhimento consciente da vocação da sexualidade para a santidade tem o efeito de

¹⁹⁴ VIANA, 2015, p.45.

despertar, de algum modo, a outra vocação do ser humano para a liberdade. Torna-o livre primeiramente para descobrir e combater e sofrer tudo o que se opõe a esse apelo, assumindo pela e profundamente a própria humanidade e aceitando a própria corporeidade e sexualidade como lugar divino.¹⁹⁵

A sexualidade é um instrumento para evolução do espírito; como o espírito é um auxílio para evolução da sexualidade. A nossa força sexual é muito grande, sendo ela de tamanha intensidade, que cabe a nós usufruirmos a nosso favor. Para isso devemos buscar meios adequados para estar em harmonia com essas duas dimensões. Em tudo que realizamos existe uma energia sexual e devemos canalizá-la para nossas ações espirituais. Reduzirmos a nossa dimensão afetiva e sexual somente ao sexo é impedir de viver a espiritualidade em plenitude.¹⁹⁶

Se a liberdade afetiva implica atração-realização da verdade, um indivíduo terá um coração livre na medida em que a sua afetividade vive de fato essa atração, ou quando, mais concretamente, as suas energias e impulsos, a sua necessidade de amar e de ser amado, a sua sexualidade e genitalidade, se inspirarem, com efeito, naquela verdade que ele colocou no centro da sua vida, na qual reconhece a sua própria identidade e vocação.¹⁹⁷

Por isso, é importante o desenvolvimento da autodisciplina, pois, a partir do momento que existe transparência com a nossa realidade o processo da unidade entre sexualidade e a espiritualidade torna-se claro. Precisamos reconhecer qual é a área de nossa vida que necessita ser dimensionada. Para tanto, o caminho espiritual é fundamental para a clareza de nossa existência e identidade. Sabemos que não é uma tarefa fácil, exigirá de nós empenho e perseverança. Uma vida com qualidade exige de todos nós uma vivência espiritual saudável e equilibrada, na qual possamos cuidar de todos os outros aspectos que nos compõem, sem deixarmos de lado nenhum deles, incluindo nossa espiritualidade.¹⁹⁸

¹⁹⁵ CENCINI, 1997, p.263.

¹⁹⁶ CENCINI, 1997, p.319.

¹⁹⁷ CENCINI, 2005, p.170.

¹⁹⁸ CENCINI, 1997, p.356-357.

Para desempenhar com fidelidade o seu ministério, tenham a peito o colóquio cotidiano com Cristo Senhor, na visita e culto pessoal à santíssima eucaristia; entregue-se ao retiro espiritual e tenham, em grande apreço, a direção espiritual. De variados modos, especialmente pela comprovada oração mental e várias formas de oração, que livremente escolhem, buscam os presbíteros e instantemente pedem a Deus aquele espírito de verdadeira adoração [...].¹⁹⁹

Adquirimos uma qualidade de vida espiritual saudável quando reservamos um tempo para a nossa oração diária. Uma vida espiritual madura, sadia e equilibrada abre-nos um caminho de realização, que é trilhado a partir das nossas experiências que vão sendo cultivadas. Quem descobriu na espiritualidade um jeito maduro de ser mais humano encontrou em si mesmo o segredo do amor de Deus que em nós equilibra todos os aspectos da vida. E formar o coração nesse desejo é o grande desafio diante das exigências do nosso tempo na formação inicial e permanente.

3.1.1 Exigências de nosso tempo na formação inicial e permanente

“A fim que todos sejam um.” (Jo 17, 21)

Existe uma importância no processo da formação permanente para tanto, essa conscientização começa na base formativa, ou seja, na formação inicial despertando no coração do jovem que o caminho do discipulado é uma constante tarefa sobre si mesmo, após a ordenação. O presbítero e o formando devem estar cientes que a atualização faz-se necessária diante das múltiplas tarefas exercidas em seu ministério e que a sociedade busca, questiona e grita por homens do sagrado, com experiência de Deus e com respostas coerentes com o seu discipulado.²⁰⁰

Na maioria das vezes, o formador não está preparado para lidar com naturalidade com os assuntos que envolvem a sexualidade dos formandos. Há um desconforto nos que ouvem, e há um medo dos que falam. Em geral, os assuntos

¹⁹⁹ CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p.531; PO 18.

²⁰⁰ CNBB, 2013, p.174, n.355.

são tratados somente como “pecado”, ou, com um indiferentismo (Depoimento de um seminarista).

As fragilidades do ser humano, desprovido de uma boa formação no âmbito humano (crescimento das virtudes humanas e da moralidade cristã). Também percebo que o processo de maturidade se torna cada vez mais um evento tardio neles, assim como não tem vínculo algum com a idade cronológica. (Depoimento de um padre).

Existe um desafio a ser ultrapassado no meio formativo sobre os estudos teóricos e aplicabilidade na dimensão humano-afetiva, para que não exista uma dicotomia. Existe uma dificuldade ainda no corpo formativo de sair do campo burocrático, técnico e teórico, e atingir as esferas da amorosidade, da relação autêntica e da intimidade com o candidato e presbítero. Devemos sair do campo do medo, da inquietude e desconfiança que só gera regressão e cresce o infantilismo dentro do que está sendo formado. Formar é uma experiência difícil e mais ainda ser um formador que trabalhe de maneira sadia é o grande desafio de nossos tempos.²⁰¹

Não acredito que a formação seja neutra no desenvolvimento de assuntos mais delicados; há sempre um receio de minha parte de expor coisas de foro íntimo, haja vista que, por diversas vezes, em conversas particulares, o formador contou-me coisas de outros formandos, ou, para outros formandos coisas que dizem respeito somente a mim (Depoimento de um seminarista).

Processo contínuo de diálogo com o diretor espiritual, sincera abertura do formando. Formadores preparados não só intelectualmente, mas, antes de tudo, forjados pela experiência pessoal de crescimento humano-espiritual capazes de oferecer ajuda a seus formandos, desprovidas de legalismos, moralismos e laxismos. (Depoimento de um padre).

Devemos sair do imaginário individual, de um plano desencarnado das realidades atuais e que não corresponde aos anseios esperados pelos

²⁰¹ PEREIRA, 2012, p.167-168.

formandos e presbíteros. O perfil dos vocacionados e a uniformidade não resiste mais ao ser multidimensional. O modo de ser presbítero mudou, se ecoa questionamentos sobre nova forma de ser presbítero. O presbítero e candidato da pós-modernidade deve resplandecer o homem da unidade, caridade, amorosidade e do acolhimento do diferente. Existe um rosto presbiteral que deve surgir para corresponder às necessidades de cada tempo.²⁰²

A formação permanente recorda-nos que somos homens de fé e precisamos crescer sempre mais nesse aspecto. Somos, na Igreja, homens de comunhão e partilha, irmãos entre irmãos e irmãs. Essa consciência precisa amadurecer segundo nossas idades e vivências para sermos de fato imagens do Cristo (cf. PDV, n. 73). Concretamente, o padre é o homem da comunhão com o povo, com o presbitério, com o bispo, com religiosos e religiosas.²⁰³

A vocação presbiteral deve ter o seu olhar sempre voltado à pessoa de Jesus Cristo, procurando transmitir em seus atos a experiência vivida, as convicções de seu chamado e repetir com o seu ser o apelo por uma vida nova. Ao longo da caminhada vocacional, seja inicial ou permanente, é necessário o crescimento da fraternidade presbiteral, gerando no presbitério a unidade, o saber viver como irmãos, entender o diferente e crescer com as gerações sacerdotais. Assimilar que a nossa vocação é um dom e este dom não deve ser guardado para nós, mas presentear aqueles que encontramos pelas nossas missões que quer apreciar, admirar e se nutrir deste presente concedido por Deus.

3.1.2 Fraternidade Sacerdotal

“Finalmente, sede todos unânimes, compassivos, fraternos, misericordiosos e humildes.” (1Pd 3, 8).

²⁰² FILHO, João da S. M. A re-significação da formação permanente, a identidade presbiteral e a identidade do religioso presbítero. **Convergência**: revista da CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil), São Paulo, ano 30, n.449, p. 155, 2012.

²⁰³ FILHO, 2012, p.159-160.

Para obtermos uma comunhão presbiteral e uma qualidade em sua integração ela deve ser cultivada dentro de nossos seminários e casas de formação. As variadas situações que dificultam a unidade no presbitério nascem das relações malsucedidas dentro dos seminários e entender essas feridas criadas ao longo do processo formativo inicial é reconhecer a relevância da dimensão da comunhão, que se faz necessária para o anúncio do Reino. A nossa disposição em estar aberto e de compreender as lacunas e histórias dos nossos irmãos é estar disposto a doar-se em favor do crescimento do outro.²⁰⁴

Infelizmente é possível notar que nas casas de formação este tema é sempre visto de modo recriminatório e superficial, fazendo com que não haja uma abertura adequada por parte dos formandos diante da postura dos formadores; fingindo uma boa vivência de sua sexualidade, reprimindo o máximo possível como se fosse a sexualidade uma ferida (Depoimento de um padre).

Já ouvimos dizer muitas vezes em pregações, direções e formações que devemos conhecer a nós e ao outro e parece ser tão óbvio, mas nem sempre é tão claro como imaginamos. É por meio de nossas relações que descobrimos que a fraqueza não é sinônimo de doença, mas sinal que todos nós temos as nossas debilidades e devemos olhar para outro com um olhar fraterno, impulsionados a nos unirmos na missão da perfeição e santificação. Para tanto, é necessário deixar os julgamentos, os preconceitos e moralismos que mata ação do Espírito Santo.²⁰⁵

Muitos candidatos chegam nas casas de formação com sua sexualidade fragilizada por virem na maioria das vezes de uma família totalmente desestruturada. Já outros candidatos vêm a formação com imensas dificuldades em saberem se são heterossexuais ou homossexuais (Depoimento de um padre).

Para enfrentar os problemas na área humano-afetiva é necessário formar uma equipe multidisciplinar com diretores espirituais, psicólogos e médicos psiquiatras nas casas de

²⁰⁴ VIANA, 2015, p.163.

²⁰⁵ COLEMBERO, 2007, p.104-105.

formação e no atendimento de todo clero (Depoimento de um padre).

Cultivar o interesse é uma chave para despertar o conhecimento em cuidado com outro e sinal de relação viva e amorosa. Entender a condição de cada um e familiarizar com aqueles que precisam de nosso apoio é a base para uma caminhada respeitosa. Os conflitos sempre existem, mas, devemos sempre voltar a nos entender, ser adulto significa isso; debater os problemas e aquilo que nos angustia. É preciso ter como norte a palavra compreensão, para não criarmos pequenas ilhas em nosso ambiente eclesialístico, gerando isolamentos que desafiam a vida em comunidade.²⁰⁶

[...] O amor oblato, por outro lado, não se interessa apenas pelo que é comum, mas inclui também a diferença. Dessa forma, relações de amizade devem sempre ser completadas por relações fraternas. A fraternidade é superior à simples amizade, pois inclui e ultrapassa esta. Assim, o objetivo do Seminário deveria ser, além de constituir um grupo de amigos, instaurar uma comunidade de irmãos, filhos do mesmo Pai. A diferença é que amigo pode-se escolher, irmão não [...].²⁰⁷

Por isso é importante que os candidatos e presbíteros sejam capazes de ultrapassar as diferenças, o individualismo e a competição exacerbada, que não gera o respeito, a cultura do encontro pela busca da unidade na diversidade. O amadurecimento da personalidade clarifica as nossas sombras por meio da convivência com o outro, possibilitando a superação dos fantasmas que atormentam a vida em comum.

3.1.3 O desafio da vida em comum

“Carregai os fardos uns dos outros; assim cumprirei a lei de Cristo.” (Gl 6, 2).

A vida fraterna experimentada em comunidade é um antídoto a qualquer tipo de patologia que gera individualismo e egocentrismo. Viver

²⁰⁶ COLEMBERO, 2007, p.120-121.

²⁰⁷ VIANA, 2015, p.110.

em comunidade com pessoas diferentes, cada uma lutando para ser melhor, buscando corresponder ao carisma e ao chamado concedido ao fundador, se torna-se cada dia mais desafiador. Estamos mergulhados em muitas causas que têm matado a vida em comum e de certa forma a cultura da secularização é a maior delas. E como ser luz diante dos obstáculos que surgem na missão da vida religiosa e diocesana para se viver em comum?²⁰⁸

Para enfrentar adequadamente os grandes desafios que a história atual coloca à nova evangelização, faz falta, antes, uma vida consagrada que se deixe interpelar continuamente pela Palavra revelada e pelos sinais dos tempos. A recordação das grandes evangelizadoras e evangelizadores - antes tinham sido grandes evangelizados- revela que, para enfrentar o mundo de hoje, são necessárias pessoas dedicadas amorosamente ao Senhor e ao seu Evangelho.²⁰⁹

Ser testemunha e viver em coerência com a missão que Deus lhe confiou na comunidade interna ou externa é um trabalho. Hoje a sociedade, apesar da secularização e do desinteresse pelo caminho da fé, tem sede de valores e de contato com o sagrado, de diálogo e de escuta. É importante que os religiosos estejam presentes, atentos e receptivos às interrogações da sociedade de nosso tempo. Exige-se a capacidade de acompanhar em situações difíceis, que nos leva a perceber que a vida em comum gera em nós virtudes humanas e divinas que somente por meio da convivência fraterna podemos amadurecer. E é nesse exercício que devemos resplandecer por meio de nossos carismas e espiritualidades uma recuperação do sentido profundo da vida em comum.²¹⁰

[...] ‘De singular importância- salienta- é a capacidade de relacionar-se com os outros, elemento verdadeiramente essencial para quem é chamado a ser homem de comunhão. Isso exige que o sacerdote não seja arrogante nem litigioso, mas afável benévolo, sincero nas palavras e no coração, prudente e discreto, generoso e

²⁰⁸ COLOMBERO, 2007, p.85.

²⁰⁹ JOÃO PAULO II, *VITA CONSECRATA*: Sobre a vida consagrada e sua missão da Igreja e no Mundo. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 161, n.81.

²¹⁰ JOÃO PAULO II, 1996, p.173; VC 97.

disponível, capaz de oferecer e de suscitar nos outros relações francas e fraternas, pronto a compreender, perdoar e consolar' (n.43).²¹¹

Não é fácil nadar contra a maré, as raízes são profundas e não parecer ter fim. A vida cômoda, o empobrecimento do despojamento, o enfraquecimento do ser oblato, o individualismo estão de tal forma enraizado na vida religiosa, que se torna difícil encontrar disponibilidade para os serviços apostólicos necessários. São comportamentos que nos próximos tempos terão que desaparecer se quisermos renovar-nos. E é no campo da formação que devemos conscientizar os nossos formandos e presbíteros que o apego enfraquece a vida em comum, criando presbíteros que não são capazes de “sair de si mesmo” para caminhar de formar livre, espontânea, deixando ser conduzidos pelo Senhor.²¹²

A vida de um formando ou presbítero apegado as coisas não é diferente de uma pessoa normal. O apego pode se manifestar em qualquer situação: apego a livros, os paramentos, a uma paróquia, ao carro que possui, a um cargo no Seminário ou dentro da diocese, etc. Apegos impossibilitam a disponibilidade de um formando e futuro presbítero.²¹³

O amor é uma, senão a única das soluções para que o apego não empobreça a vida em comum e não escravize a vida comunitária, mas que gere pessoas livres e disponíveis pelo bem do outro; pois, quem ama não se apega. Amar sem ansiedade, sem possessão e sem desenvolver dependência, porém, infelizmente, a sociedade acostumou-se a amar nessas condições. Queremos que se ajustem a nossa forma de amar, que preencham os nossos vazios e as nossas necessidades afetivas e sexuais. E um amor carente de personalidade e de maturidade só gera necessidades, medos e dependências. O amor não é dependente e nem frágil; o amor é um ato, uma atitude, é uma pessoa que nos ensinou a ser em favor do outro e pelo bem comum.²¹⁴

[...] A razão de nossa natural resistência reside no receio em enfrentar as *novidades*, pois elas nos

²¹¹ COLOMBERO, 2007, p.89.

²¹² JOÃO PAULO, 1996, p. 129-130; VC n.65.

²¹³ VIANA, 2013, p.60.

²¹⁴ VIANA, 2013, p.63.

separam da ‘pelugem’ quente e cômoda na qual nos instalamos. Ninguém gosta de desinstalar-se; preferimos a ‘escravidão e as batatas do Egito’ a ter que caminhar pelo deserto inseguro, rumo a uma terra prometida. A novidade e o caminho difícil do deserto nos fazem lembrar as antigas estruturas do Egito, que até mesmo nos davam seguranças [...].²¹⁵

Jesus só conseguiu amar como amou porque foi completamente amado pelo Pai. E assim, realizou em sua vida diária, em seus comportamentos e nas suas ações, dizendo a todos que amar não é ilusão, que devemos permanecer, perseverar e acreditar que o amor cura e renova as realidades mais duras da vida. Somos chamados por meio da vida em comum a “perder a vida pelo outro”, isso significa pensar menos em nós, nos interessar mais pelo bem da comunidade, enxergar e ir ao encontro daqueles que necessitam, principalmente dos que estão em último.²¹⁶

Em Cristo todos os presbíteros podem se encontrar a si mesmo e uns outros, num relacionamento de amizade e colegialidade. A amizade pelo Mestre fará com que cada presbítero se sinta amigo de todos os presbíteros. No decreto *Presbyterorum Ordinis*, o Vaticano II diz: ‘ Os presbíteros, elevados ao presbiterado pela ordenação, estão unidos entre si numa íntima fraternidade sacramental. Especialmente na diocese [...] formam um só corpo presbitério. Embora ocupados em diferentes obras, exercem o mesmo ministério sacerdotal em favor dos homens.’²¹⁷

A formação é processo vital e é por meio deste caminho que vamos sendo modelados, adentrando as profundezas do nosso ser e ao mesmo tempo aprendemos a enxergar os sinais de Deus em nossa história. Em tempos de fragilidade os valores humanos e religiosos precisam ser vistos com olhos da fé e serem sensíveis às realidades de cada um, e descobrir por meio da nossa história as debilidades que surgem durante a nossa caminhada que precisam ser lapidadas. É muito importante o crescimento

²¹⁵ VIANA, 2013, p.57.

²¹⁶ JOÃO PAULO, 1996, p.82-83; VC n.42.

²¹⁷ FELLER, 2013, p.124-125.

humano e religioso, por meio dele compreendemos os desafios que surgem durante a caminhada.

3.2 O DESAFIO FORMATIVO: SEXUALIDADE E ESPIRITUALIDADE NA VIDA PRESBITERAL.

“O discípulo não está acima do mestre, mas todo discípulo bem formado será como seu mestre.” (Lc 6, 40).

Ainda existe na vida da Igreja um certo receio sobre o assunto da dimensão humano-afetiva principalmente ao que tange as questões da afetividade e sexualidade. É difícil ainda verbalizar no meio religioso essa realidade tão latente em nossos tempos. Compreender este terreno é atingir todas as outras dimensões do ser humano. É necessário levantarmos questionamentos frente aos desafios formativos que temos passado em nossos dias, entender que a formação só será fecunda se tivermos dispostos a nos deixarmos formar, para que nosso apostolado seja reflexo de uma vida disposta à construção, por meio de nossos atos e virtudes trabalhadas ao longo da caminhada de discipulado.

3.2.1 A afetividade/sexualidade

“Infeliz do conhecimento que não leva ao amor.” (São Boaventura).

Quando adentramos ao caminho vocacional temos que ter em mente que estaremos assumindo exigências que toda vocação específica nos pede. E o caminho é sempre desafiador se tratando da nossa afetividade e sexualidade no campo do celibato. Existe uma realidade concreta que é nossa história de vida, carregada de qualidades e limitações, e não se deve causar surpresa encontrar pessoas feridas e carregadas de medos, receios e repressões diante do seu campo afetivo e sexual. E a grande tensão neste campo formativo é discutir, assumir e buscar luzes perante as sombras que existem em algumas realidades complexas na formação inicial e permanente.²¹⁸

No geral acredito que a sexualidade precisaria ser vista de modo adequado, como um todo e não

²¹⁸ PEREIRA, 2012, p.262.

apenas como uso dos órgãos sexuais como vemos na maioria dos casos. Parece que nas casas de formação, a título de exemplo, o único pecado que importa é o pecado sexual, fazendo que a sexualidade não seja vista como parte integrante do ser humano. Uma vez que esta não é trabalhada de maneira justa, mas apenas reprimida, de algum modo ela precisa encontrar uma válvula de escape, e aquilo que por durante muito tempo é reprimido acaba por desembocar em um grande problema (Depoimento de um padre).

A superficialidade não deve sobressair em nosso meio formativo em relação a afetividade e sexualidade. A vida afetiva não deve ser tratada de forma genérica, ao contrário deve ser levada em consideração; mas, infelizmente o diálogo tem se enfraquecido entre os presbíteros, formadores e candidatos em relação a este campo. A ausência de um ambiente que trate com clareza essa realidade nas dioceses, seminários e casas de formação acende um sinal vermelho, um estado de alerta, pois diante do desconhecido há o perigo da indiferença e da obscuridade, surgindo daí o conflito existencial.²¹⁹

A sexualidade deve ser vista dentro do todo da pessoa. Os formandos devem aprender a externalizar aquilo que sentem, e não se sentirem seres assexuados. Devem aprender que a genitalidade é apenas um aspecto da sexualidade e que aquilo que eles renunciam pelo Reino é o uso dos órgãos sexuais e não o seu ser pessoa, e não a inteireza de sua sexualidade. Assim, teremos menos padres frustrados no futuro e com uma capacidade maior de acolhida do próximo e de amor verdadeiro e desinteressado, sem querer reduzir o Outro a seus desejos inconscientes de possessão em todos os sentidos (Depoimento de um padre).

As orientações afetiva-sexuais devem permear a caminhada do presbítero e do candidato ao presbitério, para que a compreensão da sua dimensão humano-afetiva seja clara. Alguns fenômenos ocorridos em nosso meio formativo devem nos colocar em busca de um

²¹⁹ PEREIRA, 2012, p.264.

aprofundamento perante essas realidades, que na sua maioria não sabemos como lidar. O que realmente está em foco é a capacidade de integrar a sexualidade em vista da realização humana e vocacional, gerando afinidades de qualidade, estabelecendo relações interpessoais consistentes, sem cairmos em atitudes compensatórias. Conceder aos presbíteros e candidatos condições para integração da sua sexualidade em seu projeto de vida.²²⁰

O autoconhecimento a partir de uma sexualidade integral, humanizadora, que tem como base os textos bíblicos que incitam à totalidade da pessoa humana, é fator primordial para o amadurecimento humano afetivo de um formando. Faz com que ele cresça em sua humanidade, favorecendo, por conseguinte, o crescimento em sua vida espiritual, pastoral, intelectual, comunitária. Proporciona uma compreensão mais integral, inclusive, do celibato que está abraçando livremente e forma um cristão que não tem medo de conhecer as próprias fragilidades e cuidá-las (Depoimento de um formador).

Trabalhar as relações e buscar sanar os traumas; trabalhar a masculinidade, é preciso que o formando seja homem, goste de ser homem e tome consciência que para ser padre é preciso ser homem, viril. Autodomínio das emoções e forças psicosssexuais. Equilíbrio emocional (Depoimento de um formador).

É evidente que as questões das vocações homossexuais precisam ser enfrentadas com honestidade e lucidez em nosso ambiente formativo. Não é somente com publicações que se revolverá estas questões tão delicadas dentro dos nossos ambientes eclesiais. Precisamos tratar dessas realidades, com bastante coragem, capacidade e maturidade sobre situação tão delicada. É urgente que dentro de nossas pastorais vocacionais haja uma compreensão dessa realidade para que se possa ter um discernimento saudável, autêntico e transparente.²²¹

²²⁰ TRASFERETTI; MILLEN; ZACHARIAS, 2018, p.224.

²²¹ TRASFERETTI; MILLEN; ZACHARIAS, 2018, p.226-227.

Trabalharmos a conscientização de que todos são chamados ao celibato. Quem tem tendência homossexual e assume como um espinho na carne e busca ajuda para se manter no celibato procuramos acompanhar e ajudá-lo da melhor forma possível. Frente uma prática homossexual é demitido do seminário e orientado a seguir outro caminho. Quem tem uma tendência homossexual muito arraigada, apresentando grandes desequilíbrios e descontroles afetivos é convidado a deixar o seminário mesmo que não seja surpreendido praticando a homossexualidade (Depoimento de um formador).

Aquilo que tenho a dizer do candidato com tendência a homossexualidade é aquilo que diria a um heterossexual: ambos ao se sentirem chamados à vocação sacerdotal sabem muito bem quais são as renúncias para tal processo. Sendo assim, antes de tudo é preciso ver a pessoa, o ser humano e não apenas sua tendência: qual o desejo de santidade que esta pessoa possui? Deseja viver uma vida casta ou uma vida promíscua? Qual a real motivação do sacerdócio? (Depoimento de um padre).

Penso, sinceramente, que esse grupo, atualmente, constitui a maior parte dos formandos. Penso que a vocação sacerdotal não está condicionada à opção sexual do candidato, mas na disposição de trabalhar-se e deixar-se formar. Contudo, formar um candidato ao ministério ordenado que tenha tendência homossexual não consiste em transformá-lo em hétero, como tenho presenciado em todos esses anos de caminhada (Depoimento de um seminarista).

Os vocacionados com essa condição sexual precisam ser ajudados para encontrar durante o seu discernimento vocacional, clareza das exigências dos compromissos e das renúncias que implicam na vocação presbiteral. É importante ressaltar que o trabalho na orientação afetivo-sexual deve acontecer com mais intensidade nas casas de formação e nas formações permanentes, para que não haja incompreensão sobre essa orientação sexual. A equipe formativa deve proporcionar aos candidatos

e presbíteros condições para se trabalhar essa realidade com todo respeito, tranquilidade e confiança, sabendo que todos somos chamados por Deus independente de nossas fragilidades.²²²

Um candidato homossexual pode sim ingressar no seminário e também ser padre, desde que no tempo de formação presbiteral trabalhe sua opção sexual com muita terapia e depois de padre preserve o celibato igual faz um padre heterossexual (Depoimento de um padre).

Devem ser devidamente acompanhados, compreendidos e interpelados a uma honesta formação pessoal dentro de um quadro de progresso contínuo numa via oblativa de amor a Cristo. Isso, quando, de fato, a sua condição possibilite a vivência livre e responsável do celibato sacerdotal. Até porque o fenômeno da homossexualidade está inserido hoje numa complexa realidade cultural, social e ideológica que acarreta muitas consequências na vida dos jovens, e nossos seminaristas não estão excluídos disso (Depoimento de um padre).

Procurar entender essa condição sexual exige compreender o mistério que se existe sobre a sexualidade e a afetividade. Cada pessoa possui uma carga sexual e afetiva que difere da outra e precisamos evitar, criar um mundo de ilusões, fantasias e de utopias, acreditando que todos se inserem na mesma perspectiva formativa. É impossível compreender o candidato e presbítero, se não entendermos o poder da influência da sexualidade e afetividade sobre a sua identidade.²²³

Eles não devem ser vistos como problema futuro, mas como seres humanos, o que de fato o são. Mas que tenham um acompanhamento para ter uma vida regrada, sem provocar escândalo à Igreja e ser um exemplo de pessoa de caráter, ou seja, trabalhar a sua humanidade (Depoimento de um seminarista).

²²²PEREIRA, 2012, p.273.

²²³ TRASFERETTI; MILLEN; ZACHARIAS, 2018, p.152-153.

Tratar sobre a homossexualidade no contexto atual se tornou mais difícil que nunca, afinal vivemos numa sociedade da “normalidade” e mais que nunca a Igreja rema contra a maré. É bem verdade que se um jovem tem tendências fortíssimas ao homossexualismo (trejeitos, vivência sexual ativa, etc...) e sabe que não conseguirá viver uma vida casta e dá sinais disto, ele não pode ser admitido a um seminário, nem ao sacerdócio, mas o mesmo serve para o jovem heterossexual (Depoimento de um padre).

O trabalho da dimensão humano-afetiva deve promover entre hétero e homo a compreensão do que seja o ser humano, etapa relevante à vida comunitária, onde se dá a oportunidade do crescimento e da maturidade. Ou seja, a experiência de acolher outras realidades que possam contribuir com a caminhada vocacional, com a promoção da convivência com a diferença. Isso significa saber aceitar o outro, sem rotulações e discriminações que só empobrece as relações. Vivenciar o diálogo é fundamental para o intercâmbio de experiências e histórias levando ao cultivo do cuidado com o outro.²²⁴

Seja o hétero seja o homo, ambos são chamados a viver a castidade do mesmo modo. Cada um com suas renúncias e cruces, mas ambos com o mesmo objetivo (Depoimento de um padre).

Vivemos em um momento muito peculiar na vida da Igreja, e sem dúvidas mais que nunca a Igreja deve ser prudente na admissão de todo e qualquer “jovem” nos seminários e ao sacerdócio. Diante dos últimos escândalos que a Igreja de Cristo tem sofrido, a coisa que precisa ser recordada é: quando um padre cai em situação de escândalo não é apenas a imagem dele que está sendo destruída, mas a imagem da Santa Igreja de Cristo. Deste modo, toda a prudência será necessária. (Depoimento de um padre).

No contexto atual vemos famílias cada vez menos numerosas. Diante dessa realidade, observamos que as mesmas preferirão netos a

²²⁴ TRASFERETTI; MILLEN; ZACHARIAS, 2018, p. 160-161.

sacerdotes. Contudo, naquelas famílias ainda mais numerosas há possibilidade de apoiarem a ideia de um dos filhos ser padre. Durante os primeiros mil anos de sua existência, a Igreja contou com clérigos casados. Nos últimos mil anos, estamos tendo a regra do celibato. São especulações que são colocadas em discussão em relação a diminuição ao número de vocações, sobre o mundo e alguns acreditando que a maneira de solucionar o problema, é que os casados possam exercer o ministério presbiteral.

Acredito que muitos problemas que acontecem dentro da esfera humano-afetivo poderiam ser minimizados se na Igreja tivéssemos as duas modalidades de presbíteros, ou seja, os padres celibatários e os padres casados e realizados na vida matrimonial (Depoimento de um padre).

Noto que ideia do celibato deveria ser revestido pela Igreja para que houvesse mais vocações sacerdotais, para suprir as grandes necessidades em lugares missionários, ou que casados recebessem a partir de uma mesma formação concedidas aos seminaristas (Depoimento de um seminarista).

Afetividade e sexualidade ainda na vida presbiteral é um tema delicado que precisa ser enfatizado com mais intensidade no corpo eclesástico. Principalmente pelo desafio de existir várias gerações e várias concepções sobre a Igreja. Temos que ter consciência que a dimensão humano-afetiva está diretamente interligada ao sujeito, seu posicionamento diante da vida, da missão e, automaticamente, em sua forma de exercer o ministério. Na vida de um presbítero e candidato, quatro amores devem sustentar a sua espiritualidade: Jesus Cristo, a Sagrada Escritura, a Igreja e a Eucaristia, que veremos a seguir.

3.2.2 Os quatro amores do Presbítero

“Tudo o que é verdadeiro, nobre, justo, puro, amável, honrado, o que é virtude e digno de louvor, é o que deveis ter no pensamento.”
(Fl 4, 8).

Na vida do presbítero deve ser bem visível o amor a Deus e ao próximo. Estar unidos a Jesus como verdadeira videira. Quem descobre

a essência do amor na vida presbiteral gera a fraternidade, acolhe a todos com suas qualidades, defeitos e se unem em busca da conversão. O presbítero e candidato devem reconhecer o amor de Deus, fazendo de Jesus a razão de sua vida, a partir daí tudo passa a ter um motivo de ser e de existir. A vida que o Senhor veio nos trazer é a vida plena, é a vida abundante, é a vida eterna! É vida com sabor, com sentido e com plenitude! "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância" (Jo 10, 10). Jesus, é o Senhor da vida; Jesus é o Mestre e o Bom Pastor das ovelhas, que nos conduz a verdadeira realização.²²⁵

O amor que salvou o ser humano é um amor gratuito. Cristo na cruz, verdadeira imagem do pobre em espírito, oferece ao ser humano um amor que antecipa e supera e também solicita e anima cada uma de suas respostas. É amor inteiramente gratuito, que não somente redime para a vida eterna, mas redime também um certo modo de compreender o amor e a experiência do ser autenticamente amado.²²⁶

A beleza do amor está em nos configurarmos ao próprio Cristo e reconhecermos o seu olhar amoroso por nós. O primeiro passo na vida de um presbítero e candidato é enfatizar e cultivar o seu amor a Jesus Cristo, viver aquilo que Ele viveu, gerar em seu meio a gratuidade que é a expressão mais completa de um espírito totalmente imergido em Deus. É por meio de Cristo que seu ministério tem sentido, é por Jesus de Nazaré que disponibilizamos nossos dons e capacidades em favor da Igreja. O ministro ordenado é extensão do amor do Senhor sobre a terra, na administração dos sacramentos, sinais e expressão da grande generosidade e misericórdia de Deus por nós.²²⁷

Como diz Magioni muito bem: 'Se você ama na medida em que é correspondido, o seu amor não é verdadeiro amor. E se você é amado somente na medida em que se doa, você não se sente

²²⁵ ARINZE, Francis Card. **Reflexões sobre o Sacerdócio: Carta a um jovem padre**. São Paulo: Paulus, 2009, p. 21.

²²⁶ AMEDEO, Cencini. **Por Amor: Liberdade e Maturidade afetiva no celibato consagrado**. Trad. Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1997, p. 273.

²²⁷ ARINZE, 2009, p.22.

verdadeiramente amado'. Ou mais precisamente, se você faz com que a experiência de ser amado consista naquilo que recebe, você jamais se sentirá verdadeiramente amado.²²⁸

No apostolado, este primeiro amor deve ser bem encarnado e visível aos olhos do povo de Deus, ao ponto das nossas ações expressarem o que Paulo diz: “Já não sou eu quem vivo. É Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). Este odor do Senhor deve sempre ser passado e sentindo pelo rebanho diariamente por meio do exercício do seu ministério. E este serviço será reconhecido pelos seus frutos, que são mantidos por meio da união pessoal com Jesus na oração, vivendo em seu amor, no louvor e no reconhecimento das iniquidades. O amado deve ser sempre grato pela gratuidade de como foi e é amado.²²⁹

[...] O amor gratuito vem antes da reciprocidade e, ao mesmo tempo, não se detém nela. Se assim o fizesse, a própria reciprocidade seria muito frágil e ambígua, e a relação que se inspira nela não poderia durar muito tempo. Para se manter; uma relação deve brotar de um amor que sabe dar mais do que receber, ou pelo menos que esteja disponível nesse sentido.²³⁰

O verdadeiro amor é alimentado por meio do segundo amor que é a Sagrada Escritura. O presbítero e candidato deve ser um homem íntimo da Palavra de Deus, concedendo ao coração, aos seus pensamentos e atos o verdadeiro modo de viver a sua fé. A Leitura Orante é uma experiência fundamental, que deve ocorrer na vida pessoal e comunitária gerando escuta e obediência. No processo formativo inicial e permanente devemos buscar pela meditação, contemplação e ação a transformação de nossa vida, como os discípulos de Emaús: “Não ardia o nosso coração quando Ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?” (Lc 24, 32).

Sendo ministros da palavra de Deus, todos os dias lêem e ouvem a palavra do Senhor que devem ensinar aos outros. Esforçando-se por realizá-la em si mesmos, cada vez se tornam mais perfeitos

²²⁸ AMADEO, 1997, p.273.

²²⁹ ARINZE, 2009, p.23.

²³⁰ AMADEO, 1997, p.273.

discípulos do Senhor, segundo a palavra do apóstolo São Paulo a Timóteo: ‘Desvela-te por estas coisas, nelas persevera, a fim de que a todos seja manifesto o teu progresso. Vigia a ti mesmo e a doutrina. Persevera nestas disposições, porque assim fazendo salvará a ti mesmo e aos teus ouvintes’ (1 Tm 4,15-16).²³¹

Para que essa chama não diminua na vida do candidato e presbítero é preciso um envolvimento constante com a Sagrada Escritura ao ponto que essa Palavra seja tão frequente que impulse aos outros a se alimentarem dela. Deixemos bem claro que a Palavra de Deus não é somente para afirmações teológicas, para condenar erros ou acentuar moralismo que só empobrece o anúncio. A Palavra deve gerar mudança de vida; palavra deve gerar liberdade e acima de tudo viver na amizade com Jesus e com os nossos irmãos.²³²

Assim, confiar na Palavra não é um privilégio, mas um dever, compromisso de assiduidade, um compromisso diário de um coração que pede: ‘Faça-se em mim segundo a tua Palavra.’ É pedir que o Espírito Santo guie e ilumine a vida. É permitir que a Palavra de Deus ilumine e avalie as ações cotidianas, em outras palavras, é ‘descobrir na bíblia o espelho do que vivemos hoje’.²³³

O Senhor faz de nós seu mensageiro, utilizando de nossas faculdades, tomando posse do nosso ser. O mesmo Espírito que inspirou o surgimento da Palavra é o mesmo que nos impele a proclamá-la. Deus não nos pede que sejamos perfeitos, mas que nos coloquemos no caminho da perfeição e vivamos dispostos a progredir na via do Evangelho. Para compreendermos a mensagem precisamos estar mergulhados nessa boa notícia, estarmos em comunhão com a Igreja que é a guardião dessa palavra.²³⁴

²³¹ CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p.519; PO 13.

²³² ARINZE, 2009, p.25.

²³³ PETERMAN, André S. **A formação do presbítero hoje para uma vida de comunhão.** 91 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Teologia, Faculdade Católica de Santa Catarina, Santa Catarina, 2017.

²³⁴ ARINZE, 2009, p.26.

O pregador deve também pôr-se à escuta do povo, para descobrir aquilo que os fiéis precisam ouvir. Um pregador é um contemplativo da Palavra e também um contemplativo do povo. Dessa forma, descobre ‘ as aspirações, as riquezas e as limitações, as maneiras de orar, de amar, de encarar a vida e o mundo, que caracterizam este ou aquele aglomerado humano’, prestando atenção ‘ ao povo concreto com os seus sinais e símbolos e respondendo aos problemas que apresenta.’²³⁵

Por meio deste amor a Sagrada Escritura o Espírito de Deus nos impulsiona ao anúncio, a proclamar a sua verdade. Entretanto, para que essa palavra atinja todos povos, Cristo formou e constituiu a sua Igreja por meio de seus apóstolos. O presbítero e candidato devem ter como terceiro amor, a Igreja e amá-la implica conhecê-la, respeitá-la, obedecê-la e servi-la. Viver para Igreja é o mesmo que viver para Cristo. Pois, a Igreja é o Corpo Místico de Cristo, e Jesus se faz presente no meio de sua Igreja.²³⁶

Todavia Deus amou o mundo, assim como hoje se apresenta ao amor e ministério dos Pastores da Igreja, de tal maneira, que deu o seu Filho unigênito por ele. Na verdade, este mundo, ainda que cativo de tantos pecados, mas dotado de não pequenos recursos, oferece à Igreja pedras vivas, que são edificadas para habitação de Deus no Espírito. O mesmo Espírito Santo, que impele a Igreja a tentar novas vias para o mundo do nosso tempo, sugere e favorece também as convenientes acomodações do ministério sacerdotal.²³⁷

É por meio do ministério presbiteral que se torna concreto o mistério da Igreja, em nome de Cristo o candidato é chamado, formado, ordenado e consagrado pela Igreja e para a Igreja, tendo sempre consciência que é a Igreja que o envia em missão, por isso o povo de Deus o vê como o “homem da Igreja”. Nela vive o Senhor. Ela é a nossa garantia de paz, verdade e salvação.²³⁸

²³⁵ FRANCISCO, 2013, p.95; EV 154.

²³⁶ ARINZE, 2009, 26.

²³⁷ CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p.536; PO 22.

²³⁸ ARINZE, 2009, p.27.

A Igreja ‘continua o seu peregrinar entre as perseguições do mundo e as consolações de Deus’, anunciando a paixão e a morte do Senhor, até que ele venha (cf. 1 Cor 11, 26). No poder do Senhor ressuscitado encontra a força para vencer, na paciência e na caridade, as próprias aflições e dificuldades, internas e exteriores, e para revelar ao mundo, com fidelidade, embora entre sombras, o mistério de Cristo, até que no fim dos tempos ele se manifeste na plenitude de sua luz.²³⁹

Toda a comunidade é chamada a amar a Igreja, mas de forma mais intensa este chamamento é dirigido ao presbítero em comunhão com o Santo Padre, em unidade com o bispo diocesano e em comunhão com seus irmãos presbíteros, e sendo um fiel cooperador da vinha do Senhor. Amar a Igreja pressupõe sentir com ela, partilhar as suas alegrias e sofrimentos, viver na prática a unidade, abrangendo todas as gerações e todos os que nos precederam.²⁴⁰

Os presbíteros, chamados ao serviço do povo de Deus, com prudentes cooperadores da ordem episcopal, seus auxiliares e instrumentos, constituem com o bispo um único presbitério, embora destinado a funções diversas. Em cada uma das comunidades locais de fiéis, como que tornam presente o bispo a quem estão unidos pela confiança e magnanimidade de espírito, e de cujo cargo e solicitude tomam sobre si uma parte, exercendo-o com dedicação todos os dias. Sob a autoridade do bispo, santificam e dirigem a porção da grei do Senhor que lhes foi confiada, tornam visível nesse lugar a Igreja universal e dão o seu contributo eficaz para edificação de todo o corpo de Cristo (cf. Ef 4, 12).²⁴¹

²³⁹ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. *Lumen Gentium*. In Costa, Lourenço (Org.). Documento do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997, p.112; n. 8.

²⁴⁰ ARINZE, 2009, p.28.

²⁴¹ CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p.144-145; LG 28.

A Igreja nos ensina que o maior ato de amor de Jesus por nós foi ter deixado um mandato, “Assim como o Pai, que vive, me enviou e eu vivo pelo Pai, também aquele que me come viverá por mim.” (Jo 6, 57). Esta comunhão é gerada sacramentalmente por meio do quarto amor que é o centro da nossa Igreja, a Eucaristia. E o presbítero e candidato devem cultivar este laço de Amor autêntico, que conduz não apenas à satisfação, mas à santidade e a um sentimento de profunda realização.²⁴²

“[...] Assim, o presbítero vê plasmada a sua existência espiritual exatamente na presidência da celebração, que é ação da assembleia toda. Em cada celebração a que preside, ele é chamado a ser alguém que faz memória viva de Jesus Cristo morto e ressuscitado, alguém que canta louvor ao Pai pelo mistério da sua graça, alguém que no Espírito Santo intercede e invoca em nome de toda a assembleia, alguém que inicia os irmãos e irmãs no mistério cristão”.²⁴³

Nesse mistério de amor celebrado pelo presbítero e cultivado pelo candidato são fortalecidos em sua caminhada, cuja meta é a realização do Reino. Quanto mais reconhecemos e vivermos esta ação de graças sobre nossa vida, mas nos tornamos adultos no caminho da fé e maduros na vida divina. O sacramento da comunhão deve ser o centro da vida do presbítero e candidato se unindo ao sacrifício de Cristo, que é o sacrifício da Igreja. Esta verdade deve ser em ambos uma fonte para sua espiritualidade e integralidade de seu ser.²⁴⁴

Presbítero consciente de ‘ser sinal’. A primeira condição para uma eficaz *ars celebrandi* consiste na consciência clara e profunda que o presbítero deve ter de si mesmo na celebração: ele de fato ‘é sinal’, ou, como diz na teologia oriental, ‘é ícone’, e de suas palavras e gestos depende, em larga escala, a participação da assembleia. Essa consciência depende da qualidade de fé que o

²⁴² BENTO XVI. *Sacramentum caritatis*. São Paulo: Paulinas, 2007, p.101-102; n. 70

²⁴³ BIANCHI, Enzo. **Presbíteros: Palavra e Liturgia**. São Paulo: Paulus, 2010, p.75

²⁴⁴ BENTO XVI, 2007, p.103-104; n 71.

presbítero tem na centralidade de Cristo, cujo senhorio e presença na assembleia ele reconhece: ‘Um só mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus.’ (1Tm 2, 5).²⁴⁵

O presbítero e candidato deve expressar o amor ao Santíssimo Sacramento com sua vida, ao ponto que a eucaristia não seja uma obrigação a ser cumprida, mas seja um ato de amor gratuito a Deus e aos irmãos. E o zelo faz-se necessário na vida do presbítero e candidato na liturgia, para Deus se dá o melhor, A liturgia é o ponto alto da vida do discípulo missionário de Cristo. Mas se a liturgia é o ponto de chegada da peregrinação da fé, ela é também a sua fonte, da qual se alimenta e se revigora. Toda a nossa vida aqui é um chamado à eternidade, quanto mais a vida de um sacerdote.²⁴⁶

Há uma estética litúrgica a respeitar, porque o belo pertence à essência da celebração, e esta deve sempre ser norma que irradie a beleza de Cristo, ‘o mais belo entre todos os homens’ (Sl 45, 3), e a beleza da sua esposa, a Igreja, que junto ao Espírito o aguarda e inova (cf. Ap. 22, 17). E que se preste atenção: a beleza de uma celebração cristã não consiste principalmente no canto, nos ornamentos, nas arquiteturas, mas na consciência da assembleia e de quem celebra com simplicidade e singeleza de gestos, com adequada alternância entre palavra e silêncio, embora seja também verdade que luz, arquitetura e paramentos litúrgicos concorrem para a beleza.²⁴⁷

A liturgia é momento de encontro íntimo com o Senhor. O espaço celebrativo é o lugar onde renova-se a fé. A eucarística deve nos conduzir sempre à compaixão e nos impulsionar aos sentimentos de Cristo, pois, em cada ato de doação, a cada cálice elevado em cada pão consagrado, o presbítero e candidato renovam a sua vocação e fidelidade ao seu Senhor. O cuidado adequado é um gesto de amor. A partir do momento em que compreendemos mais, melhor servimos a Deus!²⁴⁸

²⁴⁵ BIANCHI, 2010, p.85.

²⁴⁶ BENTO XVI, 2007, p.78; SC 53.

²⁴⁷ BIANCHI, 2010, p.95

²⁴⁸ PETERMAN, 2017, p.95.

[...] O presbítero é da eucaristia e para a eucaristia, na qual o Espírito santifica a Igreja, e santifica também o presbítero. Portanto, que os presbíteros não se esqueçam: mesmo quando celebram as mais humildes eucaristias, talvez em aldeias minúsculas ou situações urbanas anônimas, com pouquíssimas pessoas, em geral idosas, e o fazem com a devida atenção e com seriedade e convicção, partindo o pão da Palavra e participando do único pão eucarístico, estão edificando a Igreja e participando da ação do ‘Pastor dos pastores’ (1Pd 5, 4), Jesus Cristo!²⁴⁹

O presbítero e o candidato devem deixar envolver-se por estes quatro amores que auxiliam e concedem-lhes sustento e sentindo a sua vocação. O amor a Jesus que o conduz em seus atos a expressar o reconhecimento de ser amado e perdoado; o amor a Sagrada Escritura que é lâmpada para sua caminhada formativa e na missão de discípulo missionário; o amor à Igreja, que como mãe e mestra, os ampara no anúncio do Reino e conduz a “pastagens verdejantes e para águas repousantes” e nos concede o seu próprio corpo e sangue, a eucaristia, o nosso meio para se chegar à perfeição. Isso nos leva a perceber que não estamos prontos, isso nos faz notar que o amadurecimento humano e espiritual faz-se por etapas, por ciclos de nossa vida, por isso devemos cultivar o espírito da formação permanente dentro do nosso corpo eclesial.

3.3 A FORMAÇÃO PERMANENTE ENVOLVENDO A DIMENSÃO HUMANO-AFETIVA.

“Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi e vos designei para ides e produzirdes fruto.” (Jo 15, 16).

A formação permanente dos presbíteros é hoje uma medida que precisa criar mais consistência dentro do nosso clero, apoiada na preocupação de se construir caminhos alternativos que possibilitem à formação do clero e que atinja os diferentes níveis de gerações, criando positivas expectativas para cada realidade eclesial. Para tanto, a conscientização é essencial para que a cultura da formação permanente

²⁴⁹ BIANCHI, 2010, p. 105.

crie raízes mais profundas dentro do clero. Estamos em uma época onde várias gerações onde todas convivem no mesmo ambiente. Com maior expectativa de vida, a grande maioria chega na melhor idade, ativos. Surgem então as divergências de pensamentos e visões e a formação permanente deve estar preparada para evitar possíveis conflitos. A Virgem Maria, protótipo para a formação permanente, deve ser a nossa inspiração para que se realize sempre a vontade de Deus em nossa vida.

3.3.1 Rumo a uma cultura da formação permanente

A formação dos presbíteros é um aspecto fundamental tratando-se dos problemas que tem ocorrido e as transformações intensas dentro de nossa sociedade. A formação permanente deve criar no presbítero uma mentalidade que leve a entender a importância e de se sentir responsável pela sua formação. Sabemos que essa formação permanente só criará raízes por meio da sensibilidade por parte do presbítero e do clero. Cabe a cada presbítero impulsionar o seu ambiente com a cultura da formação permanente. O presbítero deve ser agente da sua formação, procurando respostas para as suas dúvidas, estudando temáticas que sejam relevantes para a sua atividade, propondo formações para futuras ações de formação.²⁵⁰

O sacerdote precisa aprofundar a sua formação constantemente. Ainda que tenha realmente recebido, no dia da sua ordenação, o permanente selo que o configurou *in aeternum* a Cristo Cabeça e Pastor, ele é chamado a uma melhora contínua, a fim de ser mais eficaz em seu ministério. Neste sentido, é fundamental que os sacerdotes estejam conscientes do fato de que a sua formação não terminou com os anos de seminário. Pelo contrário, desde o dia da sua ordenação, o sacerdote deve sentir a necessidade de aperfeiçoar-se continuamente para ser sempre mais de Cristo Senhor.²⁵¹

²⁵⁰ CENCINI, Amadeo. **Formação permanente: Acreditamos realmente?** São Paulo: Paulus, 2012, p.20.

²⁵¹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório para o ministro e a vida do presbítero.** Vaticano, 11 fevereiro 2013. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccclergy/documents/rc_con_cclergy_doc_20130211_direttorio-presbiteri_po.html#III.%C2%A0FORMA%C3%87%C3%83O_PERMANENTE>. Acesso: 23 jun. 2019, não paginado, n.3.1.

Nós temos um caminho longo a percorrer, mas claro que o caminho é mais exigente ainda, isto é, temos passos ainda maiores a serem dados para preparar, o presbítero e o bispo para atuar no dia a dia do mundo de hoje. E a formação permanente deve ser essa resposta para um adequado anúncio do Evangelho e a vivência do ministério em seu conjunto. É preciso, de fato, aprofundar, cada vez mais, o conhecimento das diversas dimensões e a vivência dessa permanente formação.²⁵²

[...] A formação permanente não é uma repetição da que foi adquirida no Seminário, simplesmente revista ou ampliada com novas sugestões aplicativas. Ela desenvolve-se com conteúdos e sobretudo através de métodos relativamente novos, como um fato vital unitário que, no seu progresso-mergulhando as raízes na formação do Seminário-, requer adaptações, atualizações e modificações, sem, contudo, sofrer rupturas ou soluções de continuidade.²⁵³

Atualmente a informação e o conhecimento são compartilhados de maneira muito rápida de certa forma quase instantânea, de modo que se manter atualizado é requisito indispensável para qualquer presbítero. Assim, é válido ressaltar que a informação só se torna conhecimento de fato quando é associada a algum sentido. Isso significa que cabe à Igreja particular, possibilitar a construção do conhecimento dos presbíteros, já, que os livros e a *internet*, disponibilizam, apenas informações. A formação continuada tem muito a oferecer nesse processo, porque ajuda o presbítero a melhorar cada vez mais o exercício de seu ministério e com isso apoiar os leigos na construção do conhecimento sobre a Igreja, e não apenas no acúmulo de informações.²⁵⁴

Os responsáveis dessa formação permanente devem ser procurados na Igreja <comunhão>. Neste sentido, é toda a Igreja particular que sob a orientação do bispo, é investida da responsabilidade de estimular e cuidar, de vários modos, a formação permanente dos sacerdotes.

²⁵² CENCINI, 2012, p.31-32.

²⁵³ PDV, 2009, p. 187; n. 71.

²⁵⁴ CENCINI, 2012, p.46.

Estes não existem por si mesmos, mas para o povo de Deus: por isso, a formação permanente, enquanto assegura a maturidade humana, espiritual, intelectual e pastoral dos padres, resulta num bem cujo destinatário é o Povo de Deus [...].²⁵⁵

A formação continuada dos presbíteros deve ser compreendida, hoje como um processo permanente e constante de aperfeiçoamento dos saberes necessários para seu ministério e de sua vocação em seu próprio benefício e do povo. Ela busca aprimorar e abre espaço para novas visões e realizações de sua missão e com isso dá um novo estímulo na sua caminhada pastoral. O presbítero que busca a evolução constante das suas competências adquire uma boa didática na sua pastoral, cresce a sua dinâmica e aperfeiçoa a transmissão da boa nova; detecta mais fácil as dificuldades existentes em seu meio e gera novas estratégias para contorná-las.²⁵⁶

O presbítero deve crescer no conhecimento da profunda comunhão que o liga ao Povo de Deus: ele não está apenas à frente da Igreja, mas e primeiramente na Igreja. É irmão entre irmãos. Agraciado pelo Batismo, com a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus no Filho unigênito, o sacerdote é membro de mesmo e único Corpo de Cristo (cf. Ef 4, 16). A consciência desta desemboca na necessidade de suscitar e desenvolver a co-responsabilidade na comum e única missão de salvação, com a pronta e cordial valorização todos os carismas e tarefas que o Espírito oferece aos crentes para a edificação da Igreja.²⁵⁷

Nesse cenário, novas possibilidades proporcionadas pela tecnologia têm favorecido alternativas que facilitam a implementação da formação continuada. Uma característica crucial de um processo de formação permanente é contemplar de forma mais intensa a dimensão humano-afetiva. Que possibilita atingir as outras dimensões concedendo avanços em todas as áreas. Esta formação gera trocar de experiências

²⁵⁵ PDV, 2009, p.206; n. 78.

²⁵⁶ CENCINI, 2012, p. 48-49.

²⁵⁷ PDV, 2009, p. 195; n. 73.

através das gerações que se encontram no mesmo caminho. A formação continuada dos presbíteros permite profundas reflexões sobre sua vocação, valores e atitudes que permeiam toda a sua ação ministerial.²⁵⁸

Importante são, também, os encontros de estudo e de reflexão comum: impedem o empobrecimento cultural e a fixação em posições cômodas mesmo no campo pastoral, fruto de preguiça mental; asseguram uma síntese mais madura entre os diversos elementos da vida espiritual, cultural e apostólica; abrem a mente e o coração aos novos desafios da História e aos novos apelos que o Espírito Santo dirige à Igreja.²⁵⁹

Devemos compreender que a formação permanente dever ser encarada como uma grande aliada aos presbíteros, uma vez que contribui para a evolução constante do seu ministério. Isso porque ela favorece a criação de novas perspectivas pessoais e comunitárias, dando novo significado na realização da missão. Da mesma forma que o mundo evolui de forma rápida cada vez se torna relevante o processo da formação permanente.²⁶⁰

Um primeiro aprofundamento diz respeito à dimensão humana da formação sacerdotal. No contato cotidiano com os homens, partilhando a sua vida de cada dia, o sacerdote deve aumentar e aprofundar aquela sensibilidade humana que lhe permite compreender as necessidades e acolher os pedidos, intuir as questões não expressas, partilhar as esperanças, as alegrias e as fadigas do viver comum, ser capaz de encontrar a todos e de dialogar com todos, sobretudo conhecendo e partilhando, isto é, fazendo a experiência humana da dor na multiplicidade das manifestações, desde a indigência à doença, da marginalização à ignorância, à solidão, à pobreza material moral, o padre enriquece a própria humanidade e torna-se mais autêntica e transparente, num crescente e apaixonado amor pelo homem.²⁶¹

²⁵⁸ CENCINI, 2012, p.61.

²⁵⁹ PDV, 2009, p. 211; n. 80.

²⁶⁰ CENCINI, 2012, p.65.

²⁶¹ PDV, 2009, p.188; n. 72.

Para que a formação continuada atinja seu objetivo, precisa ser significativa para o presbítero. A formação só terá eficácia se tiverem vinculada ao exercício de sua vida pastoral, pessoal e comunitária. A formação do presbítero deve estimular o espírito crítico-reflexivo, fornecendo meios de um pensamento integrado e consciente sobre formação permanente, para isso implica investimento pessoal, trabalho livre e criativo em vista da construção de sua identidade presbiteral. A formação permanente deve ser um instrumento libertador ao presbítero e não uma frustração permanente.²⁶²

Ou seja, sem Formação permanente entra em ação o processo contrário: a de-formação permanente, com todos os fenômenos consequentes de cansaço, repetição, desleixo, descaso geral, inércia, achatamento, tristeza, estresse e burn-out, definhamento e várias espécies de esgotamento, aposentadoria precoce, progressiva perda da própria credibilidade (e às vezes da dignidade pessoal), ineficácia apostólica, perda do primeiro amor, embaçamento da consciência, crise mais ou menos evidente (mas inútil), transgressões sem sentimento de culpa (e menos ainda consciência de pecado), insensibilidade espiritual...²⁶³

Por fim, é possível dizermos que muitas são as dificuldades na aplicação mais intensiva na formação permanente. Mas, ainda que pese a falta do reconhecimento de uma grande parcela de presbíteros e do incentivo por parte da equipe formativa, existe fortemente outras dificuldades, uma delas são as estruturais²⁶⁴, que desafia ao de todo o clero, assim a capacitação acaba se restringindo a retiro espiritual e encontro diocesano de pastorais. Entretanto, é o momento de encarar com maturidade e humildade que não estamos prontos e acabados, que estamos sempre em crescimento e mudança. A formação permanente deve conceder aos presbíteros o preenchimento das lacunas existentes que intensificam ou que surgem durante missão presbiteral.

²⁶² CENCINI, 2012, p.50.

²⁶³ CENCINI, 2012, p.50-51.

²⁶⁴ Por dificuldades estruturais entendemos principalmente as grandes distâncias das paróquias, ao centro de formação, no país dimensões continentais como o Brasil.

3.3.2 Necessidades no tocante às idades

Estamos vivendo dentro do clero algo bem interessante com a presença de várias gerações atuando juntas, dividindo tarefas, responsabilidades e, também, opiniões. Diante dessa realidade, saber lidar e tirar proveito do que vem sendo chamado de conflito de gerações no ambiente social é uma tarefa desafiadora, já que essa nova realidade tende a permanecer daqui para frente devido ao aumento da expectativa de vida. Nesse cenário de perfis comportamentais tão distintos é preciso ter muito “jogo de cintura” e empatia para ouvir, compreender e desenvolver ações para que o clero possa agir em comunhão, e assim, garantir melhores empenhos na vida presbiteral.²⁶⁵

A espiritualidade concreta do presbítero deve estar em coerência com a sua biografia. A pessoa vai se contribuindo ou arruinando através de momentos existenciais importantes que influem decisivamente em sua espiritualidade. A vida espiritual do presbítero possui problemas, necessidades e possibilidades diferentes nas diversas etapas de sua vida. Em suma: a espiritualidade do sacerdote deve inspira-se na teologia, situar-se na história e entender à sua trajetória de vida.²⁶⁶

Os jovens presbíteros, na faixa etária de 25a 39 anos, após serem ordenados lançam-se com muita intensidade, energia e curiosidade sobre a sua nova identidade. Então, o modo mais eficaz para os novos presbíteros é o trabalho, é sinal de realização pessoal e de serviço ao qual lhe foi confiado. No entanto, essa energia tem mais intensidade do que profundidade, isso é natural pois, “eles são mais jovens do que padre”. A vida desse novo presbítero em seus primeiros anos é marcada pelo fazer, até que com tempo ele se “case” com a profundidade de seu ministério.²⁶⁷

A formação permanente é um dever, antes de mais, para os jovens sacerdotes: deve ter uma tal frequência e sistematização de encontros que, enquanto prolonga a seriedade e a solidez da

²⁶⁵ PDV, 2009, p.202; n.76.

²⁶⁶ URIARTE, Juan M. **A missão do presbítero: Servir como pastor- chaves da espiritualidade sacerdotal**. Petropólis: Vozes, 2013, p. 10.

²⁶⁷ URIARTE, 2013, p.13.

formação recebida no Seminário, introduza progressivamente os jovens na compreensão e na vivência das singulares riquezas do ‘dom’ de Deus- o sacerdócio- e na expressão das suas potencialidades e atitudes ministeriais, graças também a uma inserção cada vez mais convicta e responsável no presbitério, e, portanto, na comunhão e na co-responsabilidade com todos os irmãos no sacerdócio.²⁶⁸

E durante a assimilação de sua identidade presbiteral, o *neo*-sacerdote vai assumindo em sua existência o compromisso com o celibato e passa a compreender o valor teológico que essa vivência possui, como reconhecimento do Senhor em sua vida. E neste período o padre jovem vive entre a experiência social e a experiência eclesial, que o desafia a ter uma ótica especial, diante dos conflitos internos e externos. Sua vida está em confronto entre dois mundos e precisa ser sedimentada.²⁶⁹

Se se pode compreender um certo sentido de ‘sociedade’ que se apodera dos jovens padres mal saídos do Seminário, frente a novas ocasiões de estudo e de encontro, deve-se, todavia, rejeitar como absolutamente falsa e perigosa a ideia de que a formação presbiteral se conclui com o término de preferência no Seminário.²⁷⁰

O presbítero jovem busca intensamente recolher informações, experiências e transmitir essa pulsão que existe dentro de si. Nesse caminho necessita curar lacunas, adquirir ensinamentos e uma ferramenta importante para sua caminhada é o discernimento, que é um instrumento essencial de sua jornada vocacional e de sua missão. Oração pessoal é o ornamento em seu discernimento, obtendo frutos eficazes em seu ministério.²⁷¹

Participando dos encontros de formação permanente, os jovens sacerdotes poderão oferecer uma recíproca ajuda com a troca de experiência e de reflexões sobre a tradução concreta daquele

²⁶⁸ PDV, 2009, p. 2002; n. 76.

²⁶⁹ URIARTE, 2013, p. 14-15.

²⁷⁰ PDV, 2009, p. 203; n. 76.

²⁷¹ URIARTE, 2013, p.20.

ideal presbiteral e ministerial que assimilaram nos anos de Seminário. Ao mesmo tempo, sua participação ativa nos encontros formativos do presbitério poderá servir de exemplo e de estímulo aos outros sacerdotes mais avançados em idade, testemunhando, assim, o próprio amor a todo o presbítero e a própria paixão pela Igreja particular necessitada de padres bem formados.²⁷²

Quando se é padre jovem, a perspectiva do próprio envelhecimento parece tão longínquo, que é como se o indivíduo fosse dotado de grande imunidade e de força. E de repente chega a outra faixa etária, dentre os 40 a 60 anos, que nos exige uma conversão, uma apreensão do exercício do ministerial. Vemos que o ato de envelhecer é um sentido de ataque ao nosso narcisismo e à vaidade pessoal, pois a sociedade atual que desqualifica e rejeita o envelhecimento. Daí surge o conflito da metade da vida, que a partir de agora precisa de um novo agir.²⁷³

A formação permanente constitui também um dever para os presbíteros de meia idade. Na verdade, são múltiplos os riscos que pode correr, precisamente em razão da idade, como exemplo, um ativismo exagerado e uma certa rotina no exercício do ministério. Assim, o sacerdote é tentado a presumir de si, como se a sua já comprovada experiência pessoal não precisasse mais de confrontar-se com nada nem com ninguém [...].²⁷⁴

Assim, quase sem pensar, o presbítero começa a fazer seu balanço de vida. Seus sonhos da juventude, aqueles que conseguiu realizar até o momento, suas perspectivas e reais possibilidades em um futuro próximo. De repente, o impacto com a iminente finitude de sua existência, coloca-o diante da angústia e o reduz à condição de ser imperfeito e limitado que é, se ontem tinha um futuro a perder de vista para realizar seus projetos de vida, hoje está percebendo que ‘não dará conta de tudo’ e que se faz necessário e urgente ajustar suas expectativas à sua realidade concreta e suas reais possibilidades.²⁷⁵

²⁷² PDV, 2013, p.203; n. 76.

²⁷³ URIARTE, 2013, p.22.

²⁷⁴ PDV, 2009, p. 204; n. 77.

²⁷⁵ URIARTE, 2013, p. 24.

[...]. Frequentemente o sacerdote ‘adulto’ sofre de uma espécie de cansaço interior perigoso, sinal de uma desilusão resignada diante das dificuldades e dos insucessos. A resposta a esta situação é dada pela formação permanente, por uma contínua e equilibrada revisão de si mesmo e do próprio agir, pela procura constante de motivações e de instrumentos para a missão: deste modo, o sacerdote manterá o espírito vigilante e pronto para os perenes, mas sempre novos apelos de salvação que cada um põe ao padre ‘homem de Deus’.²⁷⁶

E se faz necessário voltar aos laços com o divino de forma mais profunda, de uma maneira nova e particular, distanciando-se das antigas formas massificadoras de professar e de caminhar no ministério. Tarefa de aceitar Deus como sendo Deus, confiar-lhe nossa história, nossas fragilidades, aprender a confiar e saber que as nossas forças são pequenas diante de sua graça. E o exercício da paciência é fundamental para a compreensão desse processo de conversão. É hora de ir acalmando e de reconhecendo nossos limites humanos.²⁷⁷

E neste processo de mudança de mentalidade a vida vai seguindo o curso e adentramos a fase em que devemos converter a experiência em sabedoria, situada entre 60 a 75 anos onde vamos assumindo as nossas limitações e reconhecendo a nossa finitude. É, nesta fase, que ocorre o despojamento progressivo das atividades pastorais. E não devemos nos espantar, pois é natural o desprendimento e a tomada de consciência que a fadiga começa a dominar as nosso ser. E a sensibilidade começa a ser maior que a vontade de fazer e os questionamentos são inevitáveis. O espírito da tentação de não querer passar o “bastão” começa a rondar, o medo da substituição, o receio de não ser mais útil, começa a dar forças a solidão que é muito comum em nosso tempo.²⁷⁸

A formação permanente deve interessar, também, aqueles presbíteros que pela idade avançada são designados como idosos, e que em algumas Igrejas constituem a parte mais numerosa do presbitério. Este deve demonstrar-lhes gratidão pelos serviços

²⁷⁶ PDV, 2009, p.204; n.77.

²⁷⁷ URIARTE, 2013, p.27.

²⁷⁸ URIARTE, 2013, p.30-31.

que prestaram a Cristo e a Igreja, e solidariedade concreta pela sua condição.²⁷⁹

Nesta fase, cultivar o desprendimento é necessário. A tolerância de coração e de mente deve fazer parte da nossa vida, regatando as experiências e, jamais esquecendo, que a grande escola da vida nos apresenta constantemente novas lições de aprendizagem. Há sempre um horizonte esperando por nós.²⁸⁰

[...] A formação permanente ajuda-lo-á, em particular, a manter viva aquela convicção que eles próprios inculcaram nos fiéis, isto é, a de continuarem a ser membros ativos na edificação da Igreja, especialmente em razão da sua união a Jesus Cristo sofredor e a tantos outros irmão e irmãs que na Igreja tomam parte na paixão do Senhor, revivendo a experiência espiritual de Paulo, que dizia: ‘alegro-me nos sofrimentos suportados por vossa causa e completo na minha carne o que falta aos sofrimentos de Cristo, em favor do seu Corpo, que é a Igreja’ (Cl 1, 24).²⁸¹

Na trajetória da vida há momento do entardecer a partir dos 75 anos, como nos fala Uriarte. Um sacerdote ancião pode com sua espiritualidade madura, valiosa sabedoria, ser um indicativo de serenidade adquirida com o passar dos tempos.²⁸²

Abri-se ao futuro significa, antes de tudo, orientar-se passo a passo para a esperança da vida eterna. Há um progresso espiritual que vai nos levando do temor inicial da morte à sua aceitação. Esta consiste em uma entrega confiante de nossa vida nas mãos do único Senhor da vida. ‘Nas mãos que foram transpassadas, nas mãos que se abriram sempre para acolher e para abençoar, naquelas mãos pelas quais passa um amor tão grande é confortador entregar o espírito’, escrevia Teilhard

²⁷⁹ PDV, 2009, p.204; n. 77.

²⁸⁰ URIARTE, 2013, p. 35.

²⁸¹ PDV, 2009, p.205; n. 77.

²⁸² ARINZE, 2009, p. 92-93.

de Chardin em seu diário pessoal poucos dias antes de sua morte.²⁸³

Isso não significa que devemos deixar de viver, mas se preparar para o encontro final com aquele que possibilitou conceder frutos. Entre essa preparação está a perda da saúde, sensação crônica de cansaço e em alguns o estado de alma deprimida. Neste ciclo, da vida a oração é fundamental para a compreensão e um refrigério para caminhada ao encontro com o seu Criador. A sua vida deve ser regida pela oração que clarifica o confronto com a decadência física. O presbítero ancião deve adentrar nos últimos compassos da vida com muita confiança e serenidade.²⁸⁴

Portanto, a convivência entre as gerações nos faz conhecer pessoas de características diversas, costumes diferentes, pensamentos e atitudes diferem das nossas. A diferença existente entre gerações nos mostra o quanto a humanidade evoluiu em aspectos importantes. Vemos constantemente as gerações passadas serem tratadas como ultrapassadas e inadequadas, mas, o que muitos esquecem é que se chegamos ao dia de hoje é porque houve pessoas antes de nós para abrir os caminhos que trilhamos. Cada geração que surge é a prova de que a Igreja evoluiu e se desenvolveu. Nenhuma geração é melhor que a outra. Compreender isto é honrar e respeitar a história de nossos antepassados que nos deixaram legados importantes.

3.3.3 A Virgem Maria na formação presbiteral

“Maria, porém, guardava todos esses acontecimentos, meditando-os em seu coração.” (Lc 6, 19).

Maria é a Mulher do sim. Desta maneira, Maria tem uma grande importância na história da salvação e na vida dos cristãos. Ela vive em função de Cristo e não por si mesma. Maria se faz presente em todos momentos relevantes da vida de Jesus, sua presença sutil e silenciosa nos mostra o seu grande valor para a Igreja. A devoção a Virgem Maria na vida do presbítero é o reconhecimento da presença amorosa da Mãe que nos foi dada aos pés da cruz. Maria é de suma importância para a nossa

²⁸³ URIARTE, 2013, p.43.

²⁸⁴ URIARTE, 2013, p.45.

fé e para nos inspirar a fazer a vontade de seu Filho: “fazei tudo o que ele vos disser” (cf. Jo 2,5).²⁸⁵

Todo o presbítero sabe que Maria, porque mãe, é também a mais eminente formadora do seu sacerdócio, uma vez que é Ela que sabe modelar o seu coração sacerdotal, protegê-lo dos perigos, dos cansaços, dos desencorajamentos e de vigiar, com materna solicitude, para que ele possa crescer em sabedoria, idade e graça, diante de Deus e dos homens (cf. *Lc2,40*). Mas, não se pode ser filho devoto se não se sabem imitar as virtudes da mãe. Portanto, o presbítero deve olhar para Maria, a fim de ser um ministro humilde, obediente, casto e para testemunhar a caridade na doação total ao Senhor e à Igreja [390].²⁸⁶

Não podemos excluir Maria da nossa espiritualidade e da nossa vivência cristã, pois, ela é modelo para toda Igreja e não poderia deixar de ser do presbítero. Na caminhada formativa seja inicial e permanente, os formadores devem cultivar o amor filial a Maria, gerando uma familiaridade entre o discípulo e sua mãe. O auxílio de Maria em nossa caminhada nos leva a perceber que sua intercessão nos consola nos momentos difíceis. “Jesus, então, vendo a mãe e, perto dela, o discípulo a quem mais amava, disse à mãe: “Mulher, eis o teu filho!” Depois disse ao discípulo: “Eis a tua mãe!” E a partir dessa hora, o discípulo a recebeu em sua casa”. (Jo 19, 26-27).²⁸⁷

Maria, Mãe da Igreja, além de modelo e paradigma da humanidade, é artífice de comunhão. [...] Maria é a grande missionária, continuadora da missão de seu Filho e formadora de missionários. [...] é ela quem brilha diante de nossos olhos como imagem acabada e fidelíssima do seguimento de

²⁸⁵ ARINZE, 2009, p. 29.

²⁸⁶ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório para o ministro e a vida do presbítero**. Vaticano, 11 fevereiro 2013. Disponível em: < http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_cclergy_doc_20130211_direttorio-presbiteri_po.html#III.%C2%A0FORMA%C3%87%C3%83O_PERMANENTE. Acesso: 23 jun. 2019, não paginado, n.85.

²⁸⁷ ARINZE, 2009, p.30.

Cristo. [...] ela é a para nós escola de fé destinada a nos conduzir e a nos fortalecer no caminho que conduz ao encontro com o Criador do céu e da terra.²⁸⁸

Como Maria gerou o Cristo em seu ventre, ela nos formará para sermos cada dia mais do seu Filho Jesus Cristo. Maria é modelo dos presbíteros. E no cultivo dessa devoção filial, é que vamos assimilando as suas virtudes e aplicando no exercício do ministério sendo: obediente, casto, servidor e discípulo. Ela foi a formadora de Jesus e é a primeira formadora dos evangelizadores. Maria tem sido a Mãe, a mestra, a educadora de cada um de nós, e quanto mais nos deixamos modelar, mais ela fará essa obra linda, caseira e doméstica em nós.²⁸⁹

Tendo como fundamento a Virgem Maria, toda a formação inicial e permanente de presbíteros deve atuar no seu processo de amadurecimento humano afetivo. Isso, fará com que os formandos tenham um autoconhecimento da sua afetividade, sexualidade e da sua espiritualidade de uma forma humanizadora e integral.

Por isso é importante que os candidatos e presbíteros sejam capazes de ultrapassar as diferenças, o individualismo e a competição exacerbada, que não gera o respeito, a cultura do encontro pela busca da unidade na diversidade.

²⁸⁸ PETERMAN, 2017, p.95-96.

²⁸⁹ ARINZE, 2009, p.32.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou elencar algumas considerações que comprovam as nossas hipóteses de pesquisa embora seja um assunto complexo e amplo.

Começamos a presente investigação a partir do significado do conceito de pessoa. Esta compreensão foi fundamental para entender as diferentes dimensões humanas, que estão presentes no processo formativo presbiteral: humano-afetiva, comunitária, espiritual, pastoral-missionária e intelectual, numa sociedade em permanente transformação.

Diante dessas transformações sociais e religiosas ocorre também mudanças no perfil dos vocacionados e presbíteros que estão a desafiar a equipe formativa a ter um olhar mais profundo sobre essas urgências. Essa complexa realidade nos obriga a novos olhares e a explorar novos recursos que devem ser assimilados pelos seminários e casas de formação, que não estão isentas das mudanças nas estruturas institucionais.

Hoje, é preciso ser rápido, planejar a curto prazo, o que torna tudo inseguro, incerto e passível de mudanças. Estamos numa relação instável, seja ela, profissional, amorosa ou de amizade, e talvez perdendo o foco na essência, numa sociedade fragmentada e altamente subjetiva com reflexos na fragmentação pessoal, familiar e institucional.

Essas transformações têm gerado angústias e ansiedades que não permite a pessoa ter paz interior e um discernimento saudável, e é desse meio que provém e mantém nossos candidatos e presbíteros. O processo formativo estará profundamente comprometido se as questões referentes a dimensão humano-afetiva, notadamente aquelas relacionadas com a afetividade e sexualidade dos formandos e padres não forem levadas em consideração e devidamente aprofundadas. Por isso, se faz necessário compreendermos o ser multidimensional, em uma visão holística para reequilibrar as dimensões humanas, que desempenha diferentes papéis, em resposta aos diferentes desafios que a sociedade nos impõe.

Procurar compreender as dificuldades da área da afetividade e da sexualidade exige de nós um olhar clínico sobre a nossa sociedade, que vive intensamente em uma metamorfose. Estas transformações intensas atingem todos os campos da área humana. Quando se trata de vida humana nos deparamos com questões complexas e aí que a sexualidade se destaca. É importante compreendermos e analisarmos a maneira de ser, viver e conviver de cada realidade vocacional que surge em nosso ambiente eclesial.

. E, nesta busca de compreensão e não de conformidade é que devemos buscar caminhos novos para encarar com serenidade e sabedoria os novos perfis de vocações que surgem em nosso meio formativo. E a homossexualidade é uma dessas realidades que requer um agir com respeito e amor, apoiada em uma orientação adequada.

A Igreja tem seu posicionamento em relação a homossexualidade e obteve avanços positivos na compreensão dessa condição. Com os estudos sobre a sexualidade fomos entendendo e lapidando alguns pensamentos. Os juízos de outrora, hoje se abrem ao diálogo e a reflexão sobre esta problemática. Frente a essa realidade já há uma acumulação de manifestações oficiais sobre a homossexualidade que procuram nortear e mapear de forma prudente essa orientação. Agora nos falta uma forte aplicabilidade desses documentos em nossa realidade pastoral.

A atual realidade nos releva que a sexualidade só conseguirá ter o seu equilíbrio dentro de nós, se adentrarmos um caminho de amadurecimento também da vida espiritual. É uma tarefa que implica um olhar atento ao processo vocacional do candidato e presbítero. Por mais que tenhamos projetos pastorais grandiosos, se não tivermos um itinerário para a vida espiritual do vocacionado, candidato e presbítero, ficaremos mancos, pois a sexualidade e a espiritualidade são dimensões que devem caminhar de mãos dadas na vida da humanidade e, principalmente, na vida presbiteral.

Adquirimos uma qualidade de vida espiritual saudável, quando aprofundamos a fraternidade sacerdotal e a relação de confiança entre o clero, entre os formandos e formadores.

Uma vida espiritual madura, sadia e equilibrada abre-nos um caminho de realização, que é trilhado a partir das nossas experiências que vão sendo cultivadas ao longo do tempo. Quem descobriu na espiritualidade um jeito maduro de ser mais humano encontrou em si mesmo o segredo do amor de Deus que em nós equilibra todos os aspectos da vida. E formar o coração nesse desejo é o grande desafio diante das exigências do nosso tempo na formação inicial e permanente.

A vocação presbiteral deve ter o seu olhar sempre voltado a pessoa de Jesus Cristo. Transmitir em seus atos a experiência vivida, as convicções de seu chamado e repetir com o seu ser o apelo por uma vida nova. Ao longo da caminhada vocacional, seja inicial ou permanente, é necessário gerar no presbitério a unidade, saber viver como irmãos, entender o diferente e crescer com as gerações sacerdotais. Assimilar que a nossa vocação é um dom e este dom não deve ser guardado para nós, mas presentear aqueles que encontramos pelas nossas missões que quer apreciar, admirar e se nutrir deste presente concedido por Deus.

Por isso é importante que os candidatos e presbíteros sejam capazes de ultrapassar as diferenças, o individualismo e a competição exacerbada, que não gera o respeito, a cultura do encontro pela busca da unidade na diversidade. O amadurecimento da personalidade clarifica as nossas sombras por meio da convivência com outro, possibilita-nos a superação dos fantasmas que atormentam a vida em comum.

A formação é um processo vital e é por meio deste caminho que vamos sendo modelados, adentramos as profundezas do nosso ser e ao mesmo tempo aprendemos a enxergar os sinais de Deus em nossa história. Em tempos de fragilidade nos valores humanos e religiosos precisamos ver com olhos da fé e sermos sensíveis às realidades de cada um, descobrindo por meio da nossa história as debilidades que surgem durante a nossa caminhada que precisam ser lapidadas.

Afetividade e sexualidade ainda na vida presbiteral é um tema delicado que precisa ser enfatizado e debatido com mais intensidade no corpo eclesial, principalmente pela existência de várias gerações presentes no clero, com diferentes entendimentos sobre esta temática. Temos que ter consciência que a dimensão humano-afetiva, está diretamente interligada ao sujeito, seu posicionamento diante da vida, da missão e automaticamente em sua forma de exercer o ministério.

Estamos cientes de que não conseguimos abranger em profundidade todas as esferas existentes dentro da dimensão humano-afetiva, que estão a requerer novos estudos, pela limitação imposta pelo tempo e pelo objeto da presente pesquisa.

REFERÊNCIAS

AMEDEO, Cencini. **Por Amor: Liberdade e Maturidade afetiva no celibato consagrado**. Trad. Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1997.

ARINZE, Francis Card. **Reflexões sobre o Sacerdócio: Carta a um jovem padre**. São Paulo: Paulus, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt; Mauro, Ezio. **Babel: Entre a incerteza e a esperança**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BENTO XVI, *CARITAS IN VERITATES*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2017, p.106.

BENTO XVI. **Carta Encíclica Deus Caritas est**. São Paulo: Paulinas, 2006.

BENTO XVI. *Sacramentum caritatis*. São Paulo: Paulinas, 2007.

BIANCHI, Enzo. **Presbíteros: Palavra e Liturgia**. São Paulo: Paulus, 2010.

CENCINI, A. **Vida Fraternal: comunhão de santos e pecadores**. [tradução Giuseppe Bertazzo] São Paulo: Paulinas, Coleção Perspectiva, 2003.

CENCINI, Amadeo. **Formação permanente: Acreditamos realmente?** São Paulo: Paulus, 2012.

CENCINI, Amadeo. **Por amor: Liberdade e Maturidade afetiva no celibato consagrado**. São Paulo: Paulinas, 1997.

COLOMBERO, Giuseppe. **Vida religiosa da convivência à fraternidade**. 3. Ed. São Paulo: Paulus, 2007.

COMBLIN, José. (Organização): **Corporeidade e Teologia**. São Paulo: Paulinas, 2005.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto Ad Gentes. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto Gaudium et Spes. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto Presbyterorum Ordinis. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. *Lumen Gentium*. In Costa, Lourenço (Org.). Documento do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil**. 2^a. ed. São Paulo, 2013.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Documentos publicados desde o Concílio Vaticano II até nossos (1965-2010)**. Brasília: Edições CNBB, 2011.

CONGREGAÇÃO PARA CLERO. **O dom da vocação Presbiteral: Ratio Fundamentalís Institutionis Sacerdotalis**. Brasília: Edições CNBB, 2017. (Documento 32).

CONGREGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO: Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas homossexuais e sua admissão ao seminário e a ordens sacras. 4 novembro de 2005. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20051104_istruzione_po.html>. Acesso 13 jun. 2019.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório para o ministro e a vida do presbítero**. Vaticano, 11 fevereiro 2013. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/clergy/documents/rc_con_cclergy_doc_20130211_direttorio-presbiteri_po.html#III.%C2>

%A0FORMA%C3%87%C3%83O_PERMANENTE. Acesso: 23 jun. 2019, não paginado, n.3.1.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório para o ministro e a vida do presbítero**. Vaticano, 11 fevereiro 2013. Disponível em:<
http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_cclergy_doc_20130211_direttorio-presbiteri_po.html#III.%C2%A0FORMA%C3%87%C3%83O_PERMANENTE. Acesso: 23 jun. 2019, não paginado, n.85.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA
 CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTOLICAS. **A vida fraterna em comunidade**. São Paulo: Paulinas, 1994, n.15.

CONSELHO PONTÍFICIO PARA A FAMÍLIA: **Família, Matrimônio e “União de Fato”**. 21 novembro de 2000. Disponível em:<
http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/family/documents/rc_pc_family_doc_20001109_de-facto-unions_po.html. Acesso 13 jun. 2019, não paginado, n.23.

CONTE, Hildo. O Evangelho da sexualidade. **Cadernos da ESTEF**. Porto Alegre, 1999/1.

DOCUMENTO DE APARECIDA. **Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**.9.ed. São Paulo, 2008.

FELLER, Vitor G. **Ser padre hoje**. São Paulo: Ave-Maria, 2013.

FILHO, João da S. M. A re-snificação da formação permanente, a identidade presbiteral e a identidade do religioso presbítero. **Convergência**: revista da CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil), São Paulo, ano 30, n.449, p. 155, 2012.

FRANCISCO. **A alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. São Paulo: Loyola, 2013.

FRANCISCO. **LAUDATO SI': Sobre o cuidado da casa comum**. São Paulo: Paulinas, 2015.

GIORDANI, Bruno. **Resposta do homem ao chamado de Deus: Estudo psicológico da Vocação**. S. Paulo: Loyola, 1990.

GOMES, Ademildo; TRASFERETTI, José. **Homossexualidade: orientações formativas e pastorais**. São Paulo: Paulus, 2011.

GRÜN, Anselm; ASSLÄNDER, Friedrich. **A arte de ser de mestre de si mesmo para ser líder de pessoas**. 2.ed. Petropólis: Vozes, 2009.

JESUS, Ana M.G.; OLIVEIRA, José L. M. **Teologia do prazer**. São Paulo: Paulus, 2014.

JOÃO PAULO II, **VITA CONSECRATA**: Sobre a vida consagrada e sua missão da Igreja e no Mundo. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 1996.

JOÃO PAULO PP. II. Exortação Apostólica Pós Sinodal sobre a formação dos **sacerdotes 'Pastores Dabo Vobis'**. 7. Ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Tradução: Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri, SP: Manoela, 2005.

LORDA, J. L. **Antropologia Teológica**. Pamplona: Universidade de Navarra, 2009.

MOSER, Antônio. **O enigma da esfinge: a sexualidade**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MÜLLER, Ir. Maria S. Espiritualidade do seguimento. **Convergência**: revista da CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil), São Paulo, ano 30, n.286, p. 510, 1995.

OLIVEIRA, José L. M. **Acompanhamento de vocações homossexuais**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

OLIVEIRA, Renato A. A dimensão teológico-cristã da pessoa humana. **Horizonte**, Belo Horizonte, v.14, n.42, p. 557-605, abr./jun. 2016.

PAULO VI - Angelus - Civilização Do Amor - 17.05.1970.

PEREIRA, William Cesar C. **Sofrimentos psíquicos dos Presbíteros**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

PETERMAN, André S. **A formação do presbítero hoje para uma vida de comunhão**. 91 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Teologia, Faculdade Católica de Santa Catarina, Santa Catarina, 2017.

RATZINGER, Joseph. **Introdução ao Cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2005.

RATZINGER, Joseph. **Introdução ao Cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2005.

SAGRADA CONGREGAÇÃO DA DOCTRINA DA FÉ:
Considerações sobre o projeto de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais. Vaticano 3 junho de 2003. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20030731_homosexual-unions_po.html>. Acesso 13 jun. 2019, não paginado, n.7.

SAGRADA CONGREGAÇÃO DA DOCTRINA DA FÉ: **Declaração *Persona Humana* sobre alguns pontos sobre de ética sexual**. Vaticano, 29 Dezembro 1975. Disponível em:<http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/document_s/rc_con_cfaith_doc_19751229_persona-humana_po.html>. Acesso em: 12 Jun. 2019, não paginado, n.8.

TONET, Diego L. Espiritualidade da Sexualidade. **Caminhando com o Itepa**: Instituto de Teologia e Pastoral, Passo Fundo, ano 27, n.108, p. 65, 2013.

TORQUATO, Nilton M. M. O regaste do Homem Multidimensional em mundo unidimensional. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v.6, n.17, p.139-148, Jan/abr. 2006.

TRASFERETTI, José; MILLEN, Maria Inês de Castro; ZACHARIAS, Ronaldo.(Orgs). **Formação: Desafios Morais**. São Paulo: Paulus, 2018.

URIARTE, Juan María. **A missão do presbítero: Servir como pastor-chaves da espiritualidade sacerdotal**. Petropólis: Vozes, 2013.

VIANA, Wellistony C. **Um longo e belo caminho: Um itinerário para seminaristas**. 2. ed. Brasília: CNBB, 2015.

VIDAL, Marciano. **Ética da sexualidade**. São Paulo: Loyola, 2002.

VIDAL, Marciano. **Moral Cristã: em tempos de relativismos e fundamentalismos**. São Paulo: Santuário, 2007.

VIDAL, Marciano. **Moral do Amor e da Sexualidade**. São Paulo: Paulinas, 1978.

ANEXO A – Entrevistas

Questionário para os formadores

1° Como formador o que destacaria como importante na área na dimensão humano-afetiva.

2° Diante das realidades e desafios do tempo presente, quais são as ações realizadas nessa casa de formação para o desenvolvimento humano-afetivo do candidato ao presbiterado.

3° Como Formador diante dessa realidade tão latente da homossexualidade em nossa sociedade, o que senhor tem a dizer a respeito de candidatos com essa tendência presentes no processo formativo?

Questionário para os Presbíteros

1° Como padre o que tem notado na área da sexualidade no meio vocacional e entre os candidatos?

2° Que sugestões destacaria para aprofundar as questões humano-afetivas nas casas de formação e na formação permanente?

3° Como padre diante dessa realidade tão latente da homossexualidade em nossa sociedade. O que senhor tem a dizer a respeito de candidatos com essa tendência no processo da formação presbiteral?

4° Se tiver algum comentário adicional em relação ao assunto por favor escreva.

Questionário para os seminaristas

1° Na sua caminhada atual de formação você seminarista encontra no formador abertura e segurança para um diálogo transparente?

2° Como você lida com sua sexualidade no ambiente formativo?

3° Você acredita que a dimensão humano-afetiva é trabalhada com profundidade pelos formadores?

4° Como seminarista diante dessa realidade tão latente da homossexualidade em nossa sociedade, o que você tem a dizer a respeito de candidatos com essa tendência no processo de formação presbiteral?

